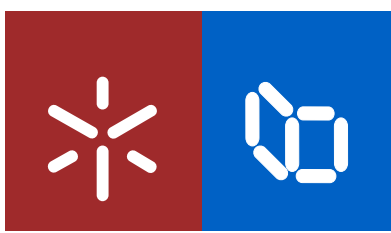




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Érico Fumero de Oliveira

**A Metáfora Viva no discurso filosófico
hermenêutico de Paul Ricoeur**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Érico Fumero de Oliveira

**A Metáfora Viva no discurso filosófico
hermenêutico de Paul Ricoeur**

Dissertação de Mestrado em Filosofia
Área de Filosofia Moderna e Contemporânea

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

É autorizada a Reprodução parcial desta dissertação, apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, ____/____/_____

Assinatura: _____

Dedico

à minha querida esposa Mileny R. de O. Fumero, que aceitou viver comigo
e à Sara Fumero Reche que nasceu durante a realização deste trabalho.

Agradeço

Ao meu estimado orientador Prof. **Doutor** Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, que com maestria, confiança e empenho soube direcionar esta dissertação para o contributo que dela se espera.

A Metáfora Viva no discurso filosófico hermenêutico de Paul Ricoeur

Resumo

Este estudo visa explicar o funcionamento da metáfora e a importância da análise deste fenômeno de linguagem para o discurso filosófico hermenêutico de Paul Ricoeur. Em um primeiro momento, contextualizamos os escritos e a trajetória de Paul Ricoeur até a obra "A Metáfora Viva", que é a obra de referência do fenômeno em questão. Em um segundo e terceiro momento, analisamos a partir de Ricoeur a metáfora como um fenômeno que acontece no nível da palavra e da frase, respectivamente. E na parte final do trabalho, o nível de análise se centra no discurso, especificamente no discurso ontológico da linguagem metafórica com o objetivo de explicitar os pressupostos filosófico e hermenêutico que sustentam toda a reflexão sobre a metáfora.

Palavras Chaves: Filosofia, Hermenêutica, Metáfora, Paul Ricoeur.

La Métaphore Vive dans discours philosophique herméneutique de Paul Ricoeur

Résumé

Cette étude vise à expliquer le fonctionnement de la métaphore et l'importance de l'analyse de ce phénomène de langage dans le discours herméneutique philosophique de Paul Ricoeur. Nous entreprendrons tout d'abord une contextualisation des écrits et de la trajectoire de l'auteur jusqu'à son œuvre « La Métaphore Vive », essai de référence en ce qui concerne le phénomène en question. Dans un deuxième et troisième temps, nous analyserons, à partir de Ricoeur, la métaphore comme un phénomène qui surgit à la fois dans la phrase et dans le mot. La dernière partie de ce travail se centrera sur le discours, tout particulièrement le discours ontologique du langage métaphorique, dans le but d'explicitier les présupposés philosophiques et herméneutiques qui soutiennent toute la réflexion sur la métaphore.

Mots-clés: Philosophique, Herméneutique, Métaphore, Paul Ricoeur.

The Rule of Metaphor in philosophical discourse hermeneutic of Paul Ricoeur

Abstract

This study aims to explain the function of metaphor and the importance of analyzing this linguistic phenomenon within the philosophical hermeneutical discourse of Paul Ricoeur. In the first part of this study, I will contextualize Paul Ricoeur's writings and intellectual journey up until his work, "The Rule of Metaphor," which is the authoritative work regarding the phenomenon in question. In the second and third parts of this study, I will analyze, from Ricoeur's stance, the metaphor as a phenomenon that occurs at the level of the word and at the level of the sentence, respectively. In the last part of this study, my analysis will focus on discourse, specifically on the ontological discourse of metaphorical language in order to clarify the philosophical hermeneutical principles underpinning all discussion about metaphor.

Keywords: Philosophy, Metaphor, Hermeneutic, Paul Ricoeur

Índice

| | |
|--|------------|
| Agradecimentos | iv |
| Resumo | v |
| Résumé | vi |
| Abstract | vii |
| | |
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I - A Construção do Pensamento de Paul Ricoeur e A Metáfora Viva (Contextualização) | 5 |
| 1.1. A Trajetória de Paul Ricoeur até A Metáfora Viva | 7 |
| 1.2. Contextualização e Estrutura d'A Metáfora Viva | 24 |
| Capítulo II - A Palavra Enquanto Unidade Metafórica (O Nível da Palavra) | 28 |
| 2.1. Entre a Retórica e a Poética..... | 29 |
| 2.2. O Declínio da Retórica | 36 |
| 2.3. A Metáfora e a Semântica da Palavra..... | 42 |
| 2.4. A Metáfora e a Nova Retórica..... | 50 |
| Capítulo III - A Frase Enquanto Unidade Metafórica (O Nível da Frase) | 58 |
| 3.1. A Metáfora entre a Semiótica e a Semântica do Discurso..... | 60 |
| 3.2. A Metáfora e a Semântica do Discurso | 65 |
| 3.2.1. A metáfora na retórica de I. A. Richards..... | 66 |
| 3.2.2. A metáfora na gramática lógica de Max Black | 70 |
| 3.2.3. A metáfora na crítica literária de Monroe Beardsley | 74 |
| Capítulo IV - A Ontologia da Linguagem Metafórica (O Nível do Discurso)..... | 80 |
| 4.1. A Descontinuidade entre Discurso Especulativo e Poético..... | 83 |
| 4.1.1. A Filosofia de Aristóteles..... | 83 |
| 4.1.2. A Onto-teologia de Tomás de Aquino..... | 88 |
| 4.1.3. A Ontologia de Heidegger..... | 93 |
| 4.2. A Intersecção das Esferas de Discurso | 98 |
| 4.3. Explicitação Ontológica do Postulado da Referência..... | 102 |
| Considerações Finais..... | 107 |
| Referências Bibliográficas | 119 |

Introdução

Precisamos aqui qual é o nosso objetivo com esta pesquisa: basicamente, consiste em inventariar de que modo Paul Ricoeur explica o funcionamento da metáfora e a importância da análise deste fenômeno de linguagem para o discurso filosófico.

Obviamente, em face da realização de tal projeto nos deteremos apenas em alguns de seus textos, em especial: *A Metáfora Viva* e dois artigos¹ que também abordam o fenômeno metafórico. Esta delimitação se faz necessária por dois motivos. Primeiramente, porque a obra de Paul Ricoeur é bastante extensa, e suas tematizações hermenêuticas ainda são fecundas. E em segundo lugar, porque são muitos os textos que versam explicitamente sobre a linguagem em Paul Ricoeur; para tanto, basta observar que, desde a sua fase Reflexivo-Existencial e Fenomenológica, passando pela Hermenêutica até sua fase final, Ética e Política, a linguagem, para ele, foi objeto e material de pesquisa.

Considerar os textos de Ricoeur como objeto e referência significa apreciar o sentido e os limites desta pesquisa, estabelecendo uma metodologia fundamental. Neste sentido, para delimitarmos nosso objeto, a saber, o estudo da obra *A Metáfora Viva*, tivemos que colocá-la no horizonte do conjunto da obra ricoeuriana. Isso significou levar em consideração a totalidade dos seus escritos, desde os que começam a aparecer por volta dos anos quarenta do século passado até os escritos publicados no ano 2001². É o itinerário ricoeuriano nosso horizonte de referência: isto inclui as obras sistemáticas, desde sua *Philosophie de la volonté*, cuja primeira parte aparece em 1950, até a obra de maturidade publicada em 2001, *Le Juste*.

¹ RICOEUR, Paul, “La Métaphore et le Problème Central de L’Herméneutique”, *Revue Philosophique de Louvain*, 70 (1972), pp. 93-112. Tradução argentina de Mauricio M. Prelooker: “La Metáfora y el Problema Central de la Hermenéutica”, em: *Hermenéutica y Acción*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, pp. 39-56. RICOEUR, Paul, “O proceso metafórico como cognição, imaginação e sentimento”, em: SACKS, Sheldon, *Da Metáfora*, São Paulo: Educ, 1992, pp. 145-160.

² A bibliografia completa de todos seus escritos, incluída a bibliografia secundária, em VANSINA, Frans D. *Paul Ricoeur: bibliographie primaire et secondaire, 1935-2000*. Leuven: Leuven University Press, 2000. Este trabalho exaustivo é imprescindível para qualquer investigação sobre Ricoeur.

Estabelecer tal horizonte de referência capaz de contextualizar e delimitar *A Metáfora Viva* não foi uma tarefa fácil, e devemos confessar que só conseguimos superar as dificuldades com ajuda de alguns comentadores³. Os escritos de Paul Ricoeur estão espalhados por revistas, porém, a dispersão de seus escritos é uma dificuldade menor, comparada com o caráter poliédrico de sua produção. A variedade dos interesses de Ricoeur é muito ampla. Além disso, seu diálogo com autores e pensadores, com tradições e escolas de pensamento, supõe uma competência em disciplinas das mais variadas e distantes. O primeiro desafio que encontramos foi descobrir quais são os fios condutores, os núcleos chave que atravessam e acompanham todo este vasto perambular. Em nosso caso, como mostraremos mais adiante, um dos fios condutores que nos permitiram adentrar na hermenêutica ricoeuriana foi o estudo da linguagem, em especial o fenômeno da inovação semântica presente na metáfora.

Não podemos negar que foi somente durante a pesquisa que tomamos consciência de quão impossível, inviável para nós, pretender lê-lo a partir das tradições que o formaram (filosofia reflexivo-existencial, fenomenologia e hermenêutica) ou a partir das disciplinas que Ricoeur leva em consideração para estabelecer o diálogo (filosofia analítica, ciências da linguagem, ciências humanas, psicanálise, estruturalismo, história, etc.). À tentação conseguirmos uma maior competência nas múltiplas disciplinas com as quais nosso filósofo desenvolveu sua interlocução e a conhecer melhor os autores com os quais sustentou suas conversações, esteve presente durante toda a tese. E para vencer tal tentação selecionamos da vastíssima bibliografia secundária o estritamente pertinente ao trabalho, sempre privilegiando um enfrentamento direto com o texto do autor⁴.

³ Cf. MONGIN, Olivier, *Paul Ricoeur*, Paris: Seuil, 1994; MARTÍNEZ. Tomaz Calvo e CRESPO, Remedios Avila (Eds.), *Paul Ricoeur, Los Caminos de la Interpretación*, Symposium Internacional sobre el Pensamiento Filosófico de Paul Ricoeur, Barcelona: Anthropos, 1991; AGÍS VILLAVARDE, Marcelino, *Del Símbolo a la Metáfora, Introducción a la filosofía hermenéutica de Paul Ricoeur*, Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico Universidade de Santiago de Compostela, 1995.

⁴ Cf. VANSINA, Frans D., *Op.cit.*

Metodologicamente, centrámo-nos na leitura quase exclusiva do texto ricoeuriano. A restrição de nosso estudo à obra *A Metáfora Viva* significa considerá-la suficientemente extensa e compreensiva para a análise e elaboração de uma tese; mas, ao estudamos *A Metáfora Viva*, a todo momento tínhamos no nosso horizonte algumas outras obras de Ricoeur, nas quais era possível vislumbrar com clareza o seu projeto hermenêutico filosófico.

Assim estruturaremos nossa pesquisa em quatro capítulos com o objetivo de explicitar a especificidade da linguagem metafórica e sua relação com o discurso filosófico.

No primeiro capítulo faremos uma introdução brevíssima sobre a trajetória filosófica de Paul Ricoeur com o objetivo de contextualizarmos *A Metáfora Viva* no conjunto da obra ricoeuriana.

No segundo capítulo analisaremos a obra *A Metáfora Viva* e tomaremos como unidade de referência a *palavra* retomada na herança aristotélica, na tradição dos últimos tratados de Retóricas da Europa, e nos trabalhos de Stephen Ullmann⁵, Michel Le Guern⁶ e do Grupo μ ⁷, situados em continuidade à lingüística saussuriana, no limiar do estruturalismo propriamente dito. A metáfora como palavra foi classificada entre as figuras de discurso, isto é, em uma única palavra definida como *tropo*, sobre a base de uma semântica que toma a palavra ou o nome como unidade básica.

No terceiro capítulo continuamos a análise da obra *A Metáfora Viva*, porém desta vez tomamos como unidade referência a *frase*: a metáfora ganha significado como uma predicação, uma atribuição no nível da frase. Assim, Ricoeur passa da semiótica para o nível semântico, pois a frase surge agora como unidade portadora de significação completa e mínima.

⁵ Cf. Stephen Ullmann, *The Principles of Semantics*, Glasgow: Glasgow University Publication, 1951; *Précis de Sémantique française*, Berne: A. Francke, 1952; *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning*, Oxford: Blackwell, 1967.

⁶ Cf. LE GUERNE, Michel, *Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*, Paris: Larousse, 1973.

⁷ Cf. GROUPE μ (J. Dubois, F. Edeline, J. M. Klinkenberg, P. Minguet, F. Pire, H. Triron) *Rhétorique Générale*, Centre d'Études Poétiques, Université de Liège, Paris: Larousse, 1972.

No quarto capítulo focalizaremos o *discurso*, última e mais ampla unidade de referência metafórica para executarmos a análise da obra *A Metáfora Viva*. A enunciação metafórica do discurso problematiza a questão ontológica e também a questão da pluralidade e unidade dos modos de discursos: poético, científico, religioso, especulativo, etc. Nos centraremos nos discurso poético e especulativo, mostrando a separação e a intersecção de ambos. E terminaremos com o discurso especulativo, explicitando a ontologia do postulado da referência.

Sobre o aspecto formal das citações, neste trabalho não adotaremos o sistema bibliográfico autor-data (vulgo, “sistema anglo-saxônico”). Preferimos a regra continental, pois achamos que este sistema facilita: assim podemos citar extensivamente os títulos dos textos referidos nas notas e acrescentarmos informações relevantes, evitando que o leitor tenha que recorrer à bibliografia final ou mesmo à fonte para obter as informações de que necessita.

Capítulo I

A Construção do Pensamento de Paul Ricoeur e *A Metáfora Viva*

(Contextualização)

Antes de qualquer investigação específica sobre o funcionamento do fenômeno metafórico situaremos nosso filósofo e suas influências nas diferentes épocas em que viveu, pois pareceu-nos conveniente apresentarmos uma visão de conjunto, que tornassem manifestos os elementos de identidade de um pensador plural e atento ao diálogo, quer nos temas, quer nos interlocutores que selecionou ao longo da sua atividade intelectual. Assim, mostraremos como se deu a gênese e o desenvolvimento de sua hermenêutica.

Aparentemente a obra de Paul Ricoeur está fragmentada. É possível, no entanto, dar uma unidade ao conjunto da sua produção, perceber o fio condutor e as diretrizes que a orientaram. Juntamente com Marcelino Agís Villaverde, estamos de acordo que o pensamento de Ricoeur pode ser dividido em quatro etapas⁸. Cronologicamente sua reflexão filosófica começou com a filosofia reflexiva e existencial, esta é a etapa da formação e das influências (até 1950). A seguir, a fenomenologia (1950-1960) apresentou-se como a mola propulsora de seu pensamento. Em terceiro, a hermenêutica (1960-1990) tornou-se sua grande área de atuação e o lugar a partir do qual amadureceu suas intuições mais originais. Enfim, com a Filosofia Prática (1990-2005) trabalhou temas relativos a ética e a filosofia política⁹.

Para Paul Ricoeur, chegar à hermenêutica e a filosofia prática foi um longo caminho. Nesse caminho, convergiu uma ampla variedade de temas e referências filosóficas, que foram objeto de reflexão e debate ao longo do século passado e se projetam para o futuro. Seu

⁸ AGÍS-VILLAVARDE, Marcelino, *Paul Ricoeur en perspectiva: evolución y etapas de su pensamiento*, Ágora Papeles de Filosofía. Vol. 25 n 2 (2006), 25-44.

⁹ Para efeito de delimitação deste trabalho, não abordaremos a última etapa do pensamento de Ricoeur, faremos o percurso até a etapa hermenêutica, porque as obras que analisamos estão inseridas dentro desta etapa.

pensamento, longe de ter ficado preso a uma corrente filosófica ou a determinada escola, foi evoluindo em paralelo com as preocupações e os anseios da contemporaneidade.

Somente fazendo esse longo caminho até a hermenêutica é que compreenderemos o pensamento de Ricoeur, uma vez que, a teoria da metáfora está inserida numa reflexão hermenêutica mais ampla.

1.1. A Trajetória de Paul Ricoeur até A Metáfora Viva

Ricoeur acredita que o contexto filosófico no qual estão as filosofias contemporâneas pode ser denominado de pós-hegeliano, sejam elas de que tipo for, serão construídas fragmentariamente, sem síntese final. Ou seja, Ricoeur, acompanhando o seu tempo não constrói um pensamento sistemático, pois, estava ciente de que os grandes sistemas não conseguem responder aos anseios modernos e pós-modernos. Apesar disso, suas principais obras foram apresentadas de modo sistematizado, sem anseio de estarem elaboradas como um sistema fechado. Como se explica? Conforme Marcelino Agís, “ele [Ricoeur] se reconhece como o construtor de uma filosofia fragmentária que aspira em um segundo momento, a possibilidade de articular-se em um sistema aberto, um sistema sem síntese final.”¹⁰

Além disso, há outros elementos que pesam para a explicação do “sistema aberto” de Ricoeur. Por exemplo, se levarmos em consideração a exigência do trabalho intelectual próprio à atividade filosófica, perceberemos que não é possível na elaboração do discurso filosófico a ausência de certo grau de sistematicidade. Por isso, Ricoeur tenta articular uma reflexão filosófica pontual sobre determinado tema com uma apurada sistematicidade, este é o caso da obra *A Metáfora Viva*. Além disso, se levarmos também em consideração que a atividade intelectual filosófica de Ricoeur sempre esteve unida ao trabalho docente, como é o caso de muitas das suas obras que foram preparadas em cursos de distintas universidades, também é o caso d'*A Metáfora Viva*, é óbvio que pretensão de elevado grau de sistematicidade será maior¹¹. Nas suas palavras: “Minha trajetória se inscreve no curto termo

¹⁰ AGÍS VILLAVERDE, Marcelino, *Del Símbolo a la Metáfora, Introducción a la filosofía hermenéutica de Paul Ricoeur*, Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico Universidade de Santiago de Compostela, 1995, p. 31.

¹¹ Cf. AGÍS VILLAVERDE, Marcelino, *A Força da Razão Compartida*, Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 14.

e entre os limites estreitos de uma obra individual, no mesmo transfundo em que o sistema e o fragmento se enfrentam”¹².

A obra de Ricoeur é um grande oceano. E foi interpretada por alguns críticos, denominados por ele de benévolos, como uma unidade, deduzida a partir de determinadas temáticas: liberdade, imaginação, subjetividade, vontade, esperança, etc. Não fazemos tal leitura, porque ao tomarmos como linha de pesquisa um tema, acreditamos que necessariamente se despreza os demais ou não se leva em consideração como convém o processo dialógico de Ricoeur, além do que como nos lembra Marcelino Agís Villaverde, muitas dessas leituras foram preparadas enquanto Ricoeur ainda estava vivo e em processo de reflexão e produção científica¹³. Isto não significa desmerecer o trabalho dos interpretes de Ricoeur, pelo contrário, os trabalhos dos especialistas da obra ricoeriana que procuram um tema para sistematizar o pensamento dele, enriquecem a obra, que se presta a inúmeras interpretações, como o próprio reconhece: “Não recuso nenhuma dessas interpretações...” No entanto, preferimos seguir o testemunho de Ricoeur, que na continuação da defesa das interpretações afirma: “e sem animo de desmenti-las, devo insistir [...] no caráter fragmentário da minha aproximação aos problemas”¹⁴. Ou seja, Ricoeur afirma que seus livros pretendem responder a questões que se impuseram com contornos muito precisos e fragmentários. Ele renuncia ao saber absoluto próprio de um sistema fechado, mas se vale do espírito hegeliano da dialética. O ponto de vista que o sistema implica não existe em parte alguma. A singularidade para Ricoeur sempre renasce à margem do discurso, que mesmo sendo fragmentário admite resíduos de sentido.

¹² RICOEUR, Paul, “Auto-compréhension et historie”, em: MARTÍNEZ. Tomaz Calvo e CRESPO, Remedios Avila (Eds.), *Paul Ricoeur, Los Caminos de la Interpretación*, p. 11.

¹³ “Todas esas interpretaciones se han hecho sobre la obra de un autor vivo, con un pensamiento en constante evolución y con y una enorme curiosidad intelectual, [...] surgia la duda de si el círculo hermenéutico aplicado a su obra no se estaba cerrando en falso al proponer comprender el todo desde las partes y las partes desde el todo cuando ni el todo ni las partes era una realidad conocida y terminada”. AGÍS VILLAVARDE, Marcelino, *Paul Ricoeur: Los Caminos de la Hermenéutica*, Ágora – Papeles de Filosofía (2006), 25/2, p. 26.

¹⁴ RICOEUR, Paul, “Auto-compréhension et Historie”, em: MARTÍNEZ. Tomaz Calvo e CRESPO, Remedios Avila (Eds.), *Paul Ricoeur, Los Caminos de la Interpretación*, p. 28.

A Metáfora Viva se insere num contexto muito importante e específico do desenvolvimento do pensamento de Ricoeur. Ela figura como um marco no desenvolvimento do processo evolutivo dos seus escritos. Consideramos que seu pensamento teve uma evolução. Evolução esta não sem ruptura, porque o pensamento de dele evolui dialeticamente, isto significa que passa por momentos e etapas, avançando.

Para Ricoeur, a tarefa de Hegel deve ser retomada de forma renovada. Ou seja, ele se vale da dialética hegeliana e constrói uma filosofia capaz de assumir a diversidade dos planos da experiência e da realidade, no que respeito à singularidade, arquitetando, contudo, uma unidade sistemática, mesmo que não seja o sistema homogêneo e absoluto de Hegel. E este é sempre o caso em todo o pensamento de Ricoeur. Segundo Olivier Mongin a obra de Ricoeur se desenvolve em um estilo dialético-dialogal sob o modo de uma “*concordância discordante*”¹⁵.

Ricoeur faz um percurso que vai ampliando o discurso e se complexificando à medida que se aprofunda nas questões que aparecem como residuais. Neste sentido, para compreendermos *A Metáfora Viva* teremos que seguir o movimento retroativo, isto é, voltarmos às obras anteriores e mapearmos o caminho que possibilitou a Ricoeur escrevê-la. Tal movimento só é feito porque levamos em consideração o testemunho de Ricoeur, que afirma que suas obras foram surgindo devido às questões abertas nas obras precedentes¹⁶.

A Metáfora Viva se inscreve como uma obra fundamental, conforme assinala Ricoeur no Prólogo da obra de Marcelino Agís Villaverde: “É com *A Metáfora Viva* quando passo da palavra a frase que se impõe a hermenêutica mesma”¹⁷. Por isso, tentaremos responder como *A Metáfora Viva* direciona o pensamento de Ricoeur para uma hermenêutica. A metáfora será

¹⁵ MONGIN, Olivier, *Paul Ricoeur*, Paris: Seuil, 1994, p. 35.

¹⁶ Cf. RICOEUR, Paul, *Essays on Biblical Interpretation*, Philadelphia: Fortress Press, 1980, pp. 41-45. Tradução brasileira: RICOEUR, Paul, “Resposta a Lewis S. Mudge” em: *Hermenêutica Bíblica*, São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 83: “Busco considerar cada obra como um todo auto-suficiente, gerado por um desafio específico e a seguinte como precedente de problemas não resolvidos, produzidos como um resíduo pelas obras precedentes”.

¹⁷ RICOEUR, Paul, “Prólogo”, em: AGÍS VILLAVARDE, Marcelino, *Del Símbolo a la Metáfora, Introducción a la Filosofía Hermenéutica de Paul Ricoeur*, p. 19.

“o fio condutor transcendental que nos guia no caminho até o problema central da hermenêutica”¹⁸. Procuraremos mostra como se deu a gênese e o desenvolvimento de sua hermenêutica e qual é a sua especificidade.

A Metáfora Viva foi publicada em 1975, isto significa no contexto de produção intelectual ricoueriana, que esta obra se apresentou como sendo de um pensador maduro, porque Ricoeur já era professor renomado, havia passado pelas Universidades de Estrasburgo, Sorbonne, Nanterre e Chicago, era conhecido como filósofo que estava contribuindo com o panorama filosófico à mais de 25 anos, tendo em conta que publicou seu primeiro livro em 1947.

Estamos cientes de que para Ricoeur a compreensão da própria filosofia não se dá através dos dados biográficos, contudo explicando o contexto em que as obras foram escritas, é possível compreendermos melhor a filosofia de Ricoeur. Até porque ele escreveu vários textos onde procurava fazer este trabalho de contextualização, ou seja, a compreensão do próprio pensamento¹⁹. Com base nesses trabalhos exporemos sinteticamente o percurso intelectual que Ricoeur seguiu até chegar à obra *A Metáfora Viva*. Daremos destaque para uma reflexão que se estabelece no espírito pós-hegeliano de evolução de um pensamento *concordante discordante* e tentaremos clarificar a herança, influências, temas e pressupostos filosóficos de Ricoeur.

Sinteticamente podemos dizer que Paul Ricoeur é filho da tradição reflexiva-existencial, é discípulo de Husserl e um dos pais da hermenêutica contemporânea.

¹⁸ RICOEUR, Paul, “La Métaphore et le Problème Central de L’Herméneutique”, *Revue Philosophique de Louvain*, 70 (1972), pp. 93s.

¹⁹ Seguiremos de perto alguns textos do próprio Ricoeur sobre a sua trajetória filosófica: RICOEUR, Paul, “Intellectual Autobiography” em: HAHN, Lewis Edwin (ed.), *The Philosophy of Paul Ricoeur, The Library of Living Philosophers Volume XXII* Chicago, Illinois: Open Court, 1995, pp. 3-53. Tradução portuguesa de Antonio Moreira Teixeira: “Autobiografia Intelectual” em: RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, Lisboa: Instituto Piaget, 1997, pp. 45-136. RICOEUR, Paul, “Auto-compréhension et historie”, Trad.: J. L. García Rúa em: MARTÍNEZ, Tomás. Calvo. e CRESPO, Remedios Ávila (Eds.), *Paul Ricoeur: los caminos de la interpretación*, Symposium internacional sobre el pensamiento filosófico de Paul Ricoeur, Barcelona, Anthropos, 1991, pp. 26-42. O livro de entrevista: RICOEUR, Paul, *La Critique et la Conviction, Entretien avec François Azouvi et Marc de Launay*, Calmann Lévy, 1995; Tradução portuguesa de Antonio Hall: RICOEUR, Paul, *A Crítica e a Convicção*, Lisboa: Edições 70, 1997.

O primeiro estudo filosófico de Ricoeur, trata-se na verdade da sua tese de licenciatura sobre o método reflexivo de Lagneau e Lachelier sob a orientação de Léon Brunschvicg²⁰. A dissertação se insere na tradição reflexiva, na qual foi introduzido por seu mestre Jean Nabert²¹. Segundo ele, não há experiência imediata e última do eu, toda experiência é mediatizada, porque ocorre por meio de uma reflexão sobre as significações amadurecidas dos atos subjetivos. A tradição reflexiva francesa e Jean Nabert estão presentes em toda a obra de Ricoeur de um modo muito particular, não é apenas a origem que impulsiona a sua reflexão, Nabert é uma companhia de caminhada, por exemplo, sob inspiração de Nabert, Ricoeur leva em consideração, inclusive a integração da não-filosofia na filosofia, “não numa atitude indiscriminadora que misture filosofia e não-filosofia mas sim no reconhecimento da existência e do valor próprio de outros tipos discursivos ou de outros jogos de linguagem, com os quais é necessário e fecundo dialogar”²². O poético como indicação do pensar para uma melhor compreensão do homem e sua vinculação com o ser.²³

Posteriormente se interessou pelo pensamento de Karl Jaspers e Gabriel Marcel. Tanto que a primeira obra publicada por Paul Ricoeur é *Karl Jaspers et la philosophie de l'existence*, escrita em parceria com Mikel Dufrenne em 1947²⁴. Nela não temos diretamente a exposição do pensamento dos dois autores, mas a trajetória do pensamento de Karl Jaspers, como indica o título. Nesse mesmo ano Paul Ricoeur publicou ainda, como fruto do cativo de guerra, um estudo sobre Marcel e Jaspers: *Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du*

²⁰ O título da dissertação em 1933 na Universidade de Rennes é: *Problème de Dieu en Lachelier et Lagneau*. Cf. RICOEUR, Paul, “Autobiografia Intelectual” em: RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 52.

²¹ Ricoeur posteriormente fará questão de ressaltar a sua dívida com Jean Nabert, o filósofo se reconhece herdeiro de uma filosofia reflexiva: “Jean Nabert acabaria por ter uma influência decisiva sobre mim durante os anos 50 e 60”. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 53; COLIN, Pierre, “*Herméneutique et Philosophie Réflexive*”, em: GREISCH, Jean, e KEARNEY, Richard, *Les Métamorphoses de la Raison Herméneutique*, Actes du Colloque de Cerisy-la-Salle, Paris: CERF, 1991, p. 16.: “entre os mestres de Ricoeur, Nabert ocupa um lugar assinalável, até ao ponto de que é, como se seu próprio trabalho só fosse autenticamente filosófico pela fidelidade às linhas traçadas por Nabert”.

²² HENRIQUES, Fernanda, *A Alteridade como Mediação Irrecusável, Uma Leitura de Paul Ricoeur*, p. 9 <http://www.filosofia.uevora.pt/fhenriques/alteridade.pdf>, acessado: 09-06-2010.

²³ Sobre a influência e a herança da filosofia reflexiva no pensamento de Ricoeur cf.: MORATALLA, Tomás Domingo, “De la Fenomenología a la Ética”, em: VVAA. *Lecturas de Paul Ricoeur*, Madrid: Publicaciones de la Universidad Pontificia de Comillas, 1998, pp. 125-158.

²⁴ DUFRENNE, Mikel. e RICOEUR, Paul, *Karl Jaspers et la Philosophie de L'Existence*, Paris: Seuil, 1947.

*Mystère et Philosophie du Paradoxe*²⁵. Segundo nosso filósofo, foi por meio de Gabriel Marcel que ele se familiarizou com os temas encontrados em Karl Jaspers²⁶.

Fundamentalmente, para Paul Ricoeur, a filosofia da existência situa-se no filão da filosofia do sujeito: descrever esse sujeito, reivindicar os seus direitos será retomar o eterno protesto de Sócrates contra as ontologias dogmáticas, de Pascal contra Descartes, de Kierkegaard contra Hegel²⁷. A filosofia da existência parte da intuição cartesiana do sujeito, mas supera o erro de assimilação do sujeito ao objeto, perdendo assim a especificidade do humano, ou a redução do objeto ao *eu penso* e a consciência em consciência geral (Kant) ou ainda, a um sistema de todas as contradições da realidade (Hegel). Para nosso filósofo, a filosofia de Jaspers coloca-se na perspectiva da valorização da existência que tem em Kierkegaard e Nietzsche seus iniciadores.

Outra influência no pensamento ricoeuriano é a perspectiva da fenomenologia de Edmund Husserl e de Merleau-Ponty. Nosso autor percebe que o corpo vem englobado no interior da consciência e pertence à subjetividade mesma do *Cogito*²⁸. Portanto, a nova fase, fenomenológica, é uma continuidade e uma descontinuidade da filosofia reflexiva.

O volume I da *Philosophie de la Volonté*, com o subtítulo *Le Volontaire et L'Involontaire*, foi dedicado a Gabriel Marcel, o que mostra não só uma homenagem, mas também um tributo ao pensamento marceliano. No entanto, esta obra já traz a perspectiva

²⁵ RICOEUR, Paul, *Gabriel Marcel et Karl Jaspers, Philosophie du Mystère et Philosophie du Paradoxe*, Paris: Temps Présent, 1947.

²⁶ A Reflexão secundária consistia na apreensão de segunda ordem de experiências que a reflexão primária, reputada como sendo redutora, admitia. Este recurso à reflexão secundária auxiliou-me certamente a aceitar os principais temas marcelianos sem que tivesse de repudiar as principais orientações de uma filosofia reflexiva. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 54. Cf.: “Reflexão primeira e reflexão segunda em Gabriel Marcel”, em: RICOEUR, Paul. *Leituras 2. A região dos filósofos*, São Paulo: Loyola, 1996, pp. 47-64. O retorno a essa herança, Paul Ricoeur, propõe no artigo em homenagem a seu mestre Marcel.

²⁷ [...] descrivere questo soggetto, rivendicare i suoi diritti sarà riprendere l'eterna protesta di Socrate contro le ontologie dogmatiche, di Pascal contro Descartes, di Kierkegaard contro Hegel. Cf. CHIODI, Maurizio, *Il Cammino della Libertà, Fenomenologia, Ermeneutica, Ontologia della Libertà Nella Ricerca Filosofica di Paul Ricoeur*, Prefácio de Paul Ricoeur, Brescia: Morcelliana, 1990, p. 25.

²⁸ “Devo a Husserl a metodologia designada pelo termo análise eidética; devo a Gabriel Marcel a problemática de um sujeito ao mesmo tempo encarnado e capaz de se distanciar de desejos e poderes, em suma, um sujeito que era dono de si próprio e o servo da necessidade na figura do caráter, no inconsciente e na vida”. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*. p. 63.

fenomenológica, que marcará, como raiz permanente, o pensamento de Paul Ricoeur. Além disso, é justamente essa perspectiva que tornará possível muitos dos desenvolvimentos posteriores da reflexão ricoeuriana. Paul Ricoeur com essa obra realiza uma descrição eidética das estruturas e possibilidades fundamentais do homem. A finalidade é, com efeito, a análise e descrição da ação voluntária em si mesma, obedecendo a uma exigência de clareza racional, de modo a que as estruturas do voluntário e do involuntário possam surgir em toda a sua pureza nos momentos da volição.

Nesta primeira fase eidética, de descrever o ser humano, Paul Ricoeur busca abstrair-se da sua realidade empírica e fáctica. O método visa apenas às possibilidades estruturais da vontade. Trata-se, afinal, de uma descrição e compreensão das essências da vontade, isto é, de pôr em movimento o princípio de inteligibilidade das funções voluntárias e involuntárias e da reciprocidade entre elas, tendo em vista o reconhecimento das articulações entre ambas e a compreensão do seu sentido. A vontade deve, pois, apresentar-se, inicialmente, na sua neutralidade, de modo que, deixando provisoriamente de parte o problema do mal no ser humano, dê atenção às possibilidades que permitem praticá-lo.²⁹

Em síntese, a fenomenologia da vontade mostra-nos que não se pode compreender o voluntário sem o involuntário, na medida em que este está sempre na base daquele, seja sob a forma de motivos e poderes, ou como limites necessários da sua ação. A fenomenologia existencial chama a atenção para a reciprocidade na compreensão do voluntário e do involuntário.³⁰

Assim, a reflexão sobre a vontade e sobre o involuntário orienta nosso filósofo na direção de uma vasta meditação sobre o ser. Um caminho original, percorrido no começo de sua indagação. Para corresponder a esta exigência, esboça uma ontologia, que se opõe tanto

²⁹ Cf. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 63.

³⁰ Cf. CHIODI, Maurizio, *Il Cammino della Libertà*, pp. 93-135.

ao monismo como ao dualismo, a que denomina ontologia da desproporção, que é retomada na segunda parte da obra *Finitude et Culpabilité*.

Em 1960, surge *Finitude et Culpabilité*³¹, obra dividida em duas partes³²: a primeira denomina-se *L'Homme Faillible*, a segunda, *La Symbolique du Mal*. Nessas obras, inicia-se a “virada hermenêutica”³³ de nosso filósofo, pois o acesso à experiência fundamental do mal exige a passagem pelos símbolos que a expressam, logo depois no entanto, à questão mais ampla da linguagem.

Paul Ricoeur em *Le Volontaire et L'Involontaire* reconhecia que a *époque* fenomenológica do mal deveria avançar para uma análise empírica e mítica do mal³⁴. O seu projeto é, pois, ligar uma empírica da vontade a uma mítica concreta³⁵. Retomando o percurso metodológico de nosso filósofo, pode-se dizer que, uma vez suprimida a abstração da culpa, a partir de agora é preciso refletir sobre uma vontade encarnada que pode, na sua ação, ser seduzida e afetada pelo mal e, por isso, afirmar-se como vontade manchada pela culpa.

Em *L'homme faillible*, Paul Ricoeur nos mostra a desproporção que está na base do ser humano. Fundamentando a possibilidade do mal, permanecem, com efeito, a este nível, sérias dúvidas sobre o mal. O enigma da culpa reside no abismo que se estabelece entre a possibilidade do mal e sua realidade efetiva. Paul Ricoeur atribui tal fato à especificidade da temática, ou seja, ao caráter opaco e absurdo da falta. A falta constitui, segundo ele, um corpo

³¹ RICOEUR, Paul, *Philosophie de la Volonté: Finitude et Culpabilité I. L'Homme Faillible, II. La Symbolique du Mal*, Paris: Aubier, 1960. Até o presente, nenhum desses livros foi traduzido para o português. Utilizamos para nosso estudo e citação a tradução castelhana de Cecilio Sánchez Gil: RICOEUR, Paul, *Finitud y Culpabilidad*, Madrid: Taurus, 1982.

³² Cf. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 65. Conforme Ricoeur, o projeto inicial de *Philosophie de la Volonté* ainda supunha um terceiro livro na segunda parte da sua obra *Finitude et Culpabilité*, com a temática da má vontade e um exame empírico das paixões. E, por último, uma terceira parte, onde iria abordar a relação da vontade humana com a Transcendência, ou o Deus dos filósofos, como era entendido por Jaspers.

³³ Essa expressão vem de Stephen H. CLARK, *The Hermeneutic Turn in Paul Ricoeur*, London: Routledge, 1990, pp. 90-119. Já Dosse usa a expressão de “*La greffe herméneutique*” usada por Ricoeur: DOSSE, François. *Paul Ricoeur, les Sens d'une Vie*, Paris: La Découverte, 1997, pp. 394-406.

³⁴ Cf. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 67.

³⁵ Cf. RICOEUR, Paul, *Finitud y Culpabilidad*, pp. 13-14.

estranho na *eidética* do homem, não havendo lugar para ela numa descrição pura, nem podendo ser traduzida numa descrição empírica.³⁶

Na análise da questão da falta emerge a questão do mal, cuja abordagem se tornará a condição de possibilidade para a simbólica do mal³⁷. Como é possível o mal que não é necessário? Para Paul Ricoeur, assim como para toda uma tradição filosófica, é a falibilidade e a fraqueza humana que tornam possível o mal no mundo.³⁸ A obra *Finitude et Culpabilité* constitui-se, com seu conceito de falibilidade, uma ampliação do conceito de homem proposto em *Le Volontaire et L'Involontaire*³⁹. Paul Ricoeur defendeu que a falibilidade humana situa-se na mediação entre a finitude e a infinitude próprias do ser humano⁴⁰.

Paul Ricoeur parte da idéia de que o homem possui uma constituição frágil e por isso pode errar. O homem é falível e a falibilidade é a não-coincidência dele consigo mesmo. Nesta acepção da constituição ontológica do homem, é o conceito de falibilidade que permite inserir a possibilidade do mal moral na constituição *a priori* do próprio homem. Dizer que o homem é falível, é dizer que a limitação própria de um ser está na não-coincidência consigo mesmo. O homem pode ser muito maior ou muito menor do que ele próprio. Essa é sua fraqueza originária e a condição de possibilidade do mal no mundo⁴¹.

A obra *L'Homme Faillible* nos mostra a desproporção que está na base do ser humano, que fundamenta a possibilidade do mal, embora permaneçam sérias dúvidas sobre a origem do mal. O enigma da culpa reside no abismo que se estabelece entre a possibilidade do mal e sua realidade efetiva. Por isso, a análise do problema da culpabilidade exige outra abordagem metodológica.

³⁶ Cf. RICOEUR, Paul, *Finitud y Culpabilidad*, pp. 13-14.

³⁷ Cf. CHIODI, Maurizio, *Il Cammino della Libertà*, Op. cit., p. 140.

³⁸ Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Hegel etc.

³⁹ Cf. CHIODI, Maurizio, *Il Cammino della Libertà*, Op. cit., p. 143.

⁴⁰ Cf. RICOEUR, *Finitud y Culpabilidad*, pp. 149-162.

⁴¹ *Ibid.*, p. 156.

Nesta perspectiva, as análises empreendidas por Paul Ricoeur em *L'Homme Faillible* serão mais bem entendidas em função das análises realizadas em *La Symbolique du Mal*, já que é nesta obra que são abordados, do ponto de vista fatural, os verdadeiros limites da liberdade humana em função das análises dos símbolos e dos mitos.⁴²

Na terceira parte da *Philosophie de la Volonté*, Paul Ricoeur propõe-se explicar o porquê da ultrapassagem do abismo da possibilidade para a realidade, por meio de uma hermenêutica. E faz isso por meio de uma simbólica do mal, a qual permite preencher a distância entre a simples possibilidade do mal e a realidade da falta. Para poder pensar esse ponto, ele diz que a reflexão filosófica deve aceitar deixar-se guiar por um discurso diferente daquele do mero pensamento.⁴³

A frase, *o símbolo faz pensar*, que aparece em *La Symbolique du Mal*⁴⁴, perpassa toda a obra do autor. Ela formula dois aspectos de uma filosofia hermenêutica: o primeiro, acolher a doação do sentido em todo lugar em que se oferece; o segundo, não abdicar do voto filosófico da reflexão.⁴⁵

A hermenêutica é uma filosofia da reflexão que aceita deixar-se surpreender pelo símbolo, em qualquer camada que seja. A filosofia hermenêutica propõe, como tarefa fundamental, analisar essa estrutura de manifestação da semântica de duplo sentido contida nos símbolos. As primeiras abordagens de Paul Ricoeur foram feitas a partir da simbólica do mal posteriormente, ele faz novo enfrentamento com a questão do mal, recorrendo a uma via oposta, a da hermenêutica da suspeita, protagonizada pelo pensamento de Freud. A partir disto, Ricoeur muda o objeto de seu estudo e outras zonas simbólicas são analisadas, como por exemplo, a da linguagem do desejo e das produções da imaginação poética.

⁴² A simbólica do mal não pretende ser uma teoria exaustiva dos mitos, uma vez que a contribuição de Ricoeur se restringe aos mitos que narram o começo e o fim do mal, na medida em que “o mal é a experiência crítica por excelência do sagrado” no seio da humanidade. O mal é o ponto sensível do corte das ligações do homem com o divino. Ora, essas relações encontram a sua regulamentação nos mitos. Cf. RICOEUR, Paul, *Finitud y Culpabilidad*, p. 13.

⁴³ Cf. *Ibid.*, pp. 489-498.

⁴⁴ Cf. *Id.*

⁴⁵ Cf. *Ibid.*, pp. 242-281.

Em 1965, publica o estruturado livro sobre Freud: *De l' Interprétation: Essai sur Freud*⁴⁶. Esse livro sobre Freud é o resultado de três conferências dadas na Universidade de Yale, em 1961, com o título *Terry Lecture*.

Nestes estudos sobre Freud, Paul Ricoeur busca compreender a relação entre fenomenologia e psicanálise. Enquanto a primeira coloca seu foco principal na questão da consciência, a segunda o coloca no inconsciente. O inconsciente, para nosso filósofo, aparece como um desafio epistemológico. Existe lugar para ele na fenomenologia, pergunta-se. A resposta é negativa. Segundo ele, com o inconsciente, a fenomenologia encontra seus limites. Nesse sentido, a psicanálise contribui para a mudança de perspectiva de sua reflexão: da fenomenologia para a hermenêutica, mudança que ele já havia iniciado quando partiu para a análise dos símbolos, mas que com essa obra sobre Freud se agudiza.

Na obra, *La Symbolique du Mal*, há a idéia de que nos grandes mitos o mal encontrava expressão adequada e, de maneira geral, em uma linguagem simbólica. Já na interpretação da psicanálise há uma espécie de contestação a esse modo de compreender os símbolos. Contestação porque ela se aproxima da culpabilidade não por meio de uma justificação simbólica, mas a partir dos princípios ou pulsões de *eros* (vida) e *thanatos* (morte).

Paul Ricoeur também avalia a análise do símbolo a partir do sonho e da fantasia, uma vez que Freud reconstrói o campo simbólico por meio do seu núcleo onírico. Segundo nosso filósofo, há uma dupla confrontação da noção de interpretação simbólica: temática, quanto à má-consciência, e epistêmica, devido ao problema do estatuto do simbolismo. Ele retoma dessa forma essa questão em sua autobiografia intelectual:

⁴⁶ RICOEUR, Paul, *De L'Interprétation, Essai sur Freud*, Paris: Seuil, 1965. Tradução brasileira de Hilton Japiassu: RICOEUR, Paul, *Da interpretação, ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1977. Sobre esta publicação de Ricoeur cada destacar que foi alvo de uma campanha por parte de Lacan e seus discípulos na França, tendo em vista que Ricoeur abordou o pensamento os textos de Freud sem considerar a interpretação freudiana dos discípulos, seguidores ou dissidentes.

Foi obviamente o tema da culpa que me levou inicialmente aos domínios de Freud. [...] Cedo descobri que a hermenêutica iniciada por Freud, em *Die Traumdeutung*, era uma hermenêutica que contrastava com aquela praticada no meu simbolismo do mal. [...] Compreendi que a interpretação que tinha levado a cabo em *La Symbolique du Mal* tinha sido espontaneamente concebida como uma interpretação amplificadora, quero com isto dizer, uma interpretação atenta ao excesso de significado contido no símbolo e cujo reflexo viria a encobrir, ao mesmo tempo que o incorporava dentro de si. [...] Minha intenção era clara e ainda hoje considero legítimo reconhecer ao *corpus* freudiano o seu grande poder argumentativo.⁴⁷

O que interessa a Paul Ricoeur é a nova compreensão do homem introduzida por Freud⁴⁸, que se traduz no anseio da psicanálise em oferecer uma interpretação global da cultura. E foi por isso, diz ele, que ela entrou em conflito com as outras interpretações do fenômeno humano.

A concepção de verdade proposta por Paul Ricoeur, busca levar em consideração a invenção desta arte de interpretar, que afirma que toda compreensão é hermenêutica e que buscar o sentido é decifrar uma linguagem, o que supõe a superação do conflito de interpretações, a fim de que o homem possa chegar a se compreender.

A interpretação é o trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido aparente, desdobrando os níveis de significações implicadas na significação literal. Eis então, que símbolo e interpretação tornam-se, deste modo, conceitos correlativos, e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos se torna manifesta.

Além disso, Paul Ricoeur pensa que sua hermenêutica deve ser antes de tudo também reflexiva, porque a compreensão dos signos é mediação para a compreensão do Si. O fim da reflexão é mostrar o vínculo que existe entre a compreensão dos signos e a compreensão de Si. A hermenêutica se liga, assim, à problemática husserliana do *Cogito*.

O plano existencial e ontológico é também necessário, porque a problemática da reflexão pode e deve superar-se em uma problemática da existência, para fazer o *Cogito* renunciar à pretensão de pôr a *Si* mesmo. A etapa existencial é, assim, o momento obrigatório

⁴⁷ Cf. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, pp. 76-78.

⁴⁸ RICOEUR, Paul, *Da interpretação*, p. 11.

para a ontologia, que se dirige ao pensamento reflexivo de Paul Ricoeur. O *Ser* vem sempre como interpretado e nunca em estado puro.

Paul Ricoeur abre novos horizontes, identificáveis essencialmente nas implicações do tema da linguagem. É preciso percorrer um longo caminho. O passo fundamental nesse caminho é aquele de considerar a relação com a palavra, e toda palavra que diga alguma coisa sobre os seres e sobre o *Ser*. É nesse ponto que se abre um lugar de interseção a problemática da obra *A Metáfora Viva*.

É justamente neste contexto de levar a linguagem a uma experiência que se insere a reflexão sobre a metáfora. A função da linguagem vai se tornando cada vez mais central. É para fazer jus à ela que Ricoeur, segundo Olivier Mongin, permuta na hermenêutica a via curta da analítica do *Dasein* pela via larga incorporada pelas análises da linguagem⁴⁹.

Proveniente da filosofia existencial e reflexiva, da fenomenologia, passando pela mediação dos símbolos, que leva a uma *extensão hermenêutica*, a reflexão de Paul Ricoeur atinge o seu ponto mais elevado no debate sobre a metáfora. A metáfora é o fio condutor transcendental que nos guia no caminho até o problema central da hermenêutica: o discurso, ou melhor, o estatuto dos textos escritos versus linguagem falada, estatuto da interpretação versus explicação.⁵⁰

A filosofia hermenêutica de Ricoeur compreende que a linguagem é a condição primeira para toda experiência, e que as formas lingüísticas (símbolos, metáfora, textos) desvendam dimensões do ser humano no mundo: a “compreensão do eu” é sempre hermenêutica, e é realizada através da interpretação por meio da linguagem.

Assim, a linguagem é grande questão residual de Ricoeur para a elaboração das obras *A Metáfora Viva*. Tudo começa com o projeto *Philosophie de la Volonté*, em especial a partir da meditação sobre a concepção que o homem tem de si, como “miserável” e frágil, que

⁴⁹ MONGIN, Olivier, *Paul Ricoeur*, Op. cit., p. 50.

⁵⁰ Cf. RICOEUR, Paul, “La Metáfora y el Problema Central de la Hermenéutica” em: RICOEUR, Paul, *Hermenéutica y Acción*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, pp. 39-56.

transferida para a palavra, principia a pesquisa de Ricoeur sobre a linguagem. E cinco anos após os estudos de *Finitude et Culpabilité*, Ricoeur apresenta-se confiante no poder da linguagem de tal modo que considera a linguagem como o elemento fundamental para a sua investigação. Assim, em *La Symbolique du Mal*, Ricoeur passa da fenomenologia reflexiva a uma hermenêutica e desenvolve pela primeira vez de maneira explícita uma hermenêutica⁵¹, tendo a linguagem da confissão o ponto de apoio para a reflexão, na medida em que “não existe em parte algum, linguagem simbólica sem hermenêutica”⁵².

“Todo *muthos* comporta um *logos* latente que exige ser manifestado. É por isso que não há simbólico sem um início de interpretação. Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar.”⁵³ E esta interpretação é dita, falada ou explicitada através da palavra. E com a palavra que a hermenêutica revela os diferentes graus de significações tácitas e possibilita o acesso a compreensão.

“A interpretação que procede do símbolo garante-nos que uma reflexão sobre o símbolo depende de uma filosofia da linguagem [...] esse símbolo envolve uma semântica própria, suscita uma atividade intelectual de decifração, de decodificação.”⁵⁴

A frase do último capítulo da obra *La Symbolique du Mal*: “*Le symbole donne à penser*” é muito significativa na medida em que resume essa intuição de que o símbolo é um mistério passível de ser interpretado. É o momento por excelência do cruzamento entre a reflexão filosófica e a hermenêutica.

Este resíduo projetado pela *La Symbolique du Mal* de uma fenomenologia da confissão que se torna hermenêutica da linguagem da confissão é confrontado e ampliado no percurso filosófico de Ricoeur, que cronologicamente seguimos, com o livro de 1965 *De*

⁵¹ “Com *La Symbolique du Mal*, que se tornou o segundo volume de *Finitude et Culpabilité*, esbocei a minha primeira definição de hermenêutica. Ela foi então concebida como uma decifração de símbolos, eles próprios entendidos como expressões, contendo duplos sentido: o significado literal, usual, comum, que guia o desvelamento do segundo, aquele a que verdadeiramente se dirige o símbolo através do primeiro”. RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, pp. 45-136.

⁵² RICOEUR, Paul, *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, p. 19.

⁵³ *Ibid.*, p. 26.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 27.

L'Interprétation: Essai Sur Freud, onde a hermenêutica do símbolo se torna uma hermenêutica do discurso, propedêutica da hermenêutica do texto.

A preocupação no primeiro capítulo da obra *De L'Interprétation: Essai Sur Freud*, foi “a de preservar a amplitude, a diversidade e a irredutibilidade dos ‘usos’ da linguagem”⁵⁵ porque:

Há um domínio sobre o qual se entrelaçam, hoje em dia todas as pesquisas filosóficas: o da linguagem. É aí que se cruzam as investigações de Wittgenstein, a filosofia lingüística dos ingleses, a fenomenologia oriunda de Husserl, as pesquisas de Heidegger, os trabalhos da escola bultmanniana e das outras escolas de exegese neotestamentária, os trabalhos de história comparada das religiões e de antropologia versando sobre o mito, o rito e a crença, enfim, a psicanálise.⁵⁶

No caso dos estudos de Ricoeur sobre Freud, a linguagem continua a ser a matéria “residual” de reflexão filosófica, com a diferença de que a linguagem, dentro do universo da psicanálise, não é mais a de confissão, mas aquela que diz o desejo, ou seja, a linguagem do homem que deseja. O ser humano que diz o mal e aquele que diz o desejo exprimem-se ambos numa linguagem simbólica. Conforme Ricoeur:

O símbolo é uma expressão lingüística de duplo sentido que requer uma interpretação; a interpretação é um trabalho de compreensão visando decifrar os símbolos. A discussão crítica versará sobre o direito de procurar o critério semântico do símbolo na estrutura intencional do duplo sentido, e sobre o direito de conservar essa estrutura como o objeto privilegiado da interpretação.⁵⁷

Segundo a leitura de Ricoeur, Freud faz a ligação da linguagem com o desejo através do sonho como um padrão específico de investigação. A articulação da linguagem com o desejo não é direta, pois não é o sonho, enquanto fenômeno onírico que deve ser interpretado, mas o texto que é dito quando conscientes tentamos ter acesso ao fenômeno. É a partir de uma narração que a psicanálise sobrepõe outro texto, que exprime aquilo que primariamente era desejado. O acesso ao primitivo se dá pela linguagem. O problema que Ricoeur vai colocar

⁵⁵ RICOEUR, Paul, *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, p. 15.

⁵⁶ Id.

⁵⁷ Ibid., p. 19.

em *De L'Interprétation: Essai Sur Freud* e que atravessará toda a obra é a dinâmica hermenêutica presente na psicanálise, a saber: “é ao mesmo tempo, o lugar dos símbolos ou do duplo sentido e aquele em que se defrontam as diversas maneiras de interpretar”⁵⁸.

O ganho de Ricoeur com a obra *De L'Interprétation: Essai Sur Freud* é a análise e fundamentação do sonho - exemplo paradigmático do simbólico - e a interpretação, como formando um binário inerente que precisa da linguagem para alcançar a compreensão: “Não há símbolo sem um início de interpretação. Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar”⁵⁹. Símbolo e interpretação se complementam.

La Symbolique du Mal e De l' Interprétation: Essai sur Freud abordam diretamente o problema do símbolo, para construir a partir do simbólico uma teoria que consiga a partir de sua estrutura, em termos de sentido ou de significação, caracterizar o símbolo como sentido duplo, ou sentido do sentido. No entanto, é justamente essa caracterização do símbolo que faz a hermenêutica de Ricoeur avançar de uma hermenêutica do símbolo para uma hermenêutica da inovação semântica, que considera a palavra tomada no seu ponto de emergência ou de eficiência, a saber, a criação de sentido, sendo a metáfora de invenção ou metáfora viva o exemplo capital deste fenômeno.⁶⁰

O símbolo pertence à dimensão extralingüística, não está enraizado na palavra, pelo contrário, a palavra está enraizada numa simbólica. E justamente com a metáfora que a riqueza do simbólico é levada ao interior da linguagem.

No interior da linguagem há uma produção de sentido. O símbolo no sentido mais geral funciona como um “significar mais”. Por exemplo, para Ricoeur, “o ‘lobo’ de Hansel de Freud significa mais do que o que descrevemos como um lobo. O ‘mar’ nos velhos mitos

⁵⁸ RICOEUR, Paul, *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, p. 18.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 26.

⁶⁰ Cf. CABRAL, Eunice. “O Fenômeno da Inovação Semântica em Paul Ricoeur” em: HENRIQUES, Fernanda (coord.), *A Filosofia de Paul Ricoeur*, Coimbra: Ariadne, 2006, pp. 389-394.

abilônicos significa mais que a imensidade da água que pode ser vista desde a costa”⁶¹. De boa vontade, se pode dizer que o símbolo não pode ser esgotado pela linguagem conceitual, há mais no símbolo que em seu equivalente ou sua contrapartida conceitual. É o funcionamento metafórico que permite fazer justiça a um traço do símbolo. A teoria da metáfora nos conduz a outro lugar, mostra que graças a proximidade dos campos semânticos se desenham novas possibilidades de articulação e de categorização do real. Longe de estar no estado de inimizade com o pensar conceitual, a inovação semântica marca sua emergência.

A linguagem se constitui como a capa superficial da nossa experiência simbólica, e se faz acessível na medida em que está formada, articulada no nível lingüístico e literário. Ou nas palavras de Ricoeur: “A metáfora é só a superfície lingüística que deve a sua bi-dimensionalidade ao poder de religar o semântico ao pré-semântico na profundidade da experiência humana”⁶².

É chegado o momento de respondermos como se compõe e em que contexto surgiu a obra *A Metáfora Viva*, posteriormente nos demais capítulos, nos preocuparemos com o funcionamento da metáfora.

⁶¹ Cf. RICOEUR, Paul, “Palabra y Símbolo” em: RICOEUR, Paul, *Hermenéutica y Acción*, Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, p. 27.

⁶² Cf. *Ibid.*, p. 38.

1.2. Contextualização e Estrutura d'A Metáfora Viva

O que pretendemos, é penetrar muito dentro da obra *A Metáfora Viva*, aprender como o filósofo francês compreende a metáfora e dialoga com outras linhas contemporâneas de pensamento, e, assim fazendo nos fornece inspiração para, a partir da tradição, o filosofar.

A linguagem enquanto a questão residual principal foi o que permitiu a Ricoeur abordar a temática da metáfora. Conforme ele testemunha:

o meu interesse por uma questão específica da filosofia da linguagem, como é o caso da metáfora, levou-me a testar num trabalho de alguma amplitude as concepções que tinha delineado em dois ensaios de *Le conflit des interprétations: 'La structure, le mot, l'événement'* e *'La question du sujet': défi de la sémiologie*. Estas concepções gravitam em torno do fenómeno da inovação semântica, ou seja, da produção de um novo sentido por meio de processos lingüísticos.⁶³

Concretamente, o passo inicial da obra *A Metáfora Viva* foi dado num Seminário, ocorrido na Universidade de Toronto, no outono de 1971, com a colaboração do prof. Cyrus Hamlin, no Departamento de Literatura Comparada. A esse passo somam-se, nos anos posteriores, os cursos oferecidos por nosso filósofo nas universidades de Louvaina, Paris-X, Chicago e no Seminário de Pesquisas Fenomenológicas. O contexto geográfico-cultural do nascimento desta obra explica o diálogo que nosso autor, herdeiro da tradição filosófica continental, estabelece com a chamada filosofia analítica e com a análise lingüística, sem se referir a atenção dupla dada à literatura francesa e anglo-saxônica.

Os diversos pontos de vista privilegiados, a saber, o semiótico, o semântico e o hermenêutico, correspondem às distintas entidades lingüísticas estudadas, com a correspondente metodologia. O ponto de partida é a forma ou a figura do discurso focalizado na palavra, como significado que opera a instauração de uma nova pertinência semântica, e o ponto de chegada é a referência, no seu poder de redescrever a realidade.

⁶³ RICOEUR, Paul, *Da Metafísica à Moral*, p. 89.

A aparente independência dos estudos feitos em cada um dos oito capítulos não pode levar a perder o eixo e a metodologia de Paul Ricoeur, que apesar de tê-los concebido de modo único e separado, traça também um único itinerário que tem uma característica simplesmente filosófica, porque inicia com a retórica antiga e clássica para concluir com a consideração da ontologia da linguagem submetida à interpretação referencial da verdade metafórica.

Não se pode deixar de notar que todos os capítulos da obra *A Metáfora Viva* são estudos centrados em um ou mais autores, escolhidos entre os mais representativos de cada área ou perspectiva. Em cada capítulo nosso filósofo busca entender a perspectiva que estuda sem propor uma refutação demolidora da mesma, mas tentando demonstrar o caráter unilateral das doutrinas que se declaram exclusivas⁶⁴.

O método de Paul Ricoeur é extremamente respeitoso da originalidade e da individualidade de cada autor com o qual entra em diálogo, mas é, ao mesmo tempo, crítico. Poder-se-ia comparar ao método *genealógico*, instaurado especialmente como “... uma maneira genealógica de interrogar os filósofos, que não se limita a recolher suas intenções declaradas, mas as submete à suspeita e as interpela de suas razões a seus motivos e a seus interesses”⁶⁵.

O contato com o estruturalismo – e em seguida com os filósofos anglo-americanos da análise lingüística - foi determinante para a abertura à metáfora e à sua dependência com o problema hermenêutico. Tal contato reclamou do pensamento de Ricoeur um aprofundamento no exercício que já vinha sendo feito de regresso da hermenêutica ao seu objeto originário: o texto, o discurso escrito. Desse modo, o ponto conexo à interpretação da linguagem simbólica com a influência do estruturalismo e da análise lingüística desloca-se para os problemas

⁶⁴ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 15.

⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 432-433.

intrínsecos à hermenêutica do texto, sob o ponto de vista do acontecimento e estrutura, da referência e sentido.⁶⁶

O estruturalismo⁶⁷ colocou como problema para Ricoeur a compreensão da palavra ou o signo, que fazem parte da língua no contexto da frase ou do discurso. E a teoria da metáfora é, digamos o momento da passagem da reflexão do simbólico para o discursivo. Conforme Ricoeur: “A unidade do falar humano constitui hoje um problema”⁶⁸. E é neste contexto que a hermenêutica de Ricoeur se apresenta como uma contribuição para uma filosofia da linguagem, que, diante do conflito de interpretações variadas e métodos múltiplos de análise a respeito do discurso humano, surge como um projeto de fundamentação e de organização na multiplicidade dos saberes.

A Metáfora Viva é um exercício hermenêutico de resposta a problemática filosófica de dispersão do conhecimento sobre o discurso humano. Por isso, nela Ricoeur insere uma detalhada análise dos fenômenos metafóricos nos planos da palavra, da frase e do discurso. Isto é, face à "via curta" de Heidegger, Ricoeur propõe uma “via longa” para a hermenêutica⁶⁹, isto é, defende o contato com disciplinas tais como *Poética, Retórica Clássica, Semântica, Semiótica, Estética* e as filosofias: *aristotélica, tomasiana, heideggeriana e derridiana*.

Paul Ricoeur preocupa-se em não afastar a questão da metáfora do poder que a linguagem tem de se relacionar com a realidade exterior: referência. A linguagem seria então, o suporte do conhecimento, especificamente do conhecimento filosófico, que para o filósofo precede qualquer outro tipo de conhecimento. Ricoeur entende a linguagem, do ponto de vista aristotélico, como multiplicidade de potências, pois ela não é apenas um instrumento de

⁶⁶ Cf. ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro, “Hermenêutica e Estruturalismo”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, (1990) 46, pp. 87-124.

⁶⁷ Cf. ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro, *Problemática do Estruturalismo, linguagem, estrutura, conhecimento*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

⁶⁸ RICOEUR, Paul, *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, p. 15.

⁶⁹ Cf. PORTOCARRERO, Maria Luísa, “A via longa da hermenêutica” em: PORTOCARRERO, Maria Luísa, *Horizontes da Hermenêutica em Paul Ricoeur*, Coimbra: Ariadne editora, 2005, pp. 71-86.

comunicação, mas é acontecimento e manifestação do real, além disso, é fundamento do sentido. Por isso, Ricoeur não restringe o estudo da metáfora aos aspectos formais e lógicos, mas a insere numa hermenêutica geral, isto é, numa análise da existência humana como interpretação:

a descoberta da supremacia do ser-no-mundo em relação a qualquer projecto de fundamentação e a qualquer tentativa de justificação última ganha toda a sua força, quando daí se tiram as conseqüências positivas para a epistemologia da nova ontologia da compreensão (...) não há compreensão de si que não seja mediatizada por signos, símbolos e textos.⁷⁰

Para Ricoeur a *Poética* de Aristóteles “fez uma redescoberta fundamental [...] ela localizou o núcleo do problema filosófico da metáfora quando, para além da análise estrutural do funcionamento das metáforas, chamou a atenção para a forma como a *poesis* (criação, fazer ser) da linguagem procede da relação entre *muthos* (transfiguração, redescrição) e *mimesis* (imitação da realidade). Essa intuição de Aristóteles é o *leitmotiv d' A Metáfora Viva*”⁷¹ conforme veremos no próximo capítulo.

⁷⁰ RICOEUR, Paul, *Do Texto à Acção*, p. 40.

⁷¹ MIGUENS, Sofia, “*Metáfora*”, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série de Filosofia, nº18, 2002, p. 108: “E também é o *leitmotiv* de *Tempo e Narrativa*, tendo em vista que são obras gêmeas”.

Capítulo II

A Palavra Enquanto Unidade Metafórica

(O Nível da Palavra)

Paul Ricoeur, considerando a palavra enquanto unidade de referência na compreensão da metáfora, retomou a herança aristotélica projetada nas obras *Retórica* e *Poética*, também a tradição dos últimos tratados de Retóricas da Europa, estando escolhida para o diálogo a obra de Pierre Fontanier. Além dessas Paul Ricoeur também utiliza os trabalhos de Stephen Ullmann⁷², Michel Le Guern⁷³ e do Grupo μ ⁷⁴, situados em continuidade à lingüística saussuriana, no limiar do estruturalismo propriamente dito.

Nessas perspectivas, a metáfora foi classificada entre as figuras de discurso, isto é, em uma única palavra definida como *tropo*, sobre a base de uma semântica que toma a palavra ou o nome como unidade básica ou até no conjunto das figuras sobre a base das operações que governam os átomos de sentido de nível infralingüístico.

Neste nível de abordagem da metáfora dividiremos este capítulo em quatro tópicos; no primeiro, trataremos do Estudo I “*Entre a Retórica e a Poética*”; no segundo, a análise do Estudo II “*O declínio da Retórica*”; no terceiro tópico, o Estudo IV “*A Metáfora e a Semântica da Palavra*”; e, no último, o Estudo V “*A Metáfora e a Nova Retórica*”.

⁷² Cf. Stephen Ullmann, *The Principles of Semantics*, Glasgow: Glasgow University Publication, 1951; *Précis de Sémantique française*, Berne: A.Francke, 1952; *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning*, Oxford: Blackwell, 1967.

⁷³ Cf. LE GUERNE, Michel, *Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*, Paris: Larousse, 1973.

⁷⁴ Cf. GROUPE μ (J. Dubois, F. Edeline, J. M. Klinkenberg, P. Minguet, F. Pire, H. Trinon) *Rhétorique Générale*, Centre d'Études Poétiques, Université de Liège, Paris: Larousse, 1972.

2.1. Entre a Retórica e a Poética

Paul Ricoeur inicia o *Estudo I* da obra *A Metáfora Viva* a partir de um paradoxo. Ele constata que o problema da metáfora chegou até nossos dias por meio de uma disciplina que morreu no século XIX: a retórica. E para não cairmos na ambição de a ressuscitarmos, Paul Ricoeur vai buscar algumas advertências salutares naquele que primeiro a pensou filosoficamente: Aristóteles.

Quando Aristóteles escreveu a *Retórica* na metade do século IV a. C., o estado da retórica como disciplina era o de uma disciplina nascente, assim como a filosofia, e não havia uma divisão clara entre ambas. O que havia era certa ambição de verdade que a filosofia apresentava à retórica diante dos abusos da sofística. Platão inclusive considerava a retórica como uma *dóxa*⁷⁵, já Aristóteles vai pensar a retórica na categoria da verossímil (*to eikos*), fundamentando-a filosoficamente.

O uso do discurso, tanto filosófico quanto sofístico, procurava dominar a eloquência da palavra pública. A palavra era uma arma destinada a entusiasmar o povo diante do tribunal, na assembléia, ou ainda para elogio. A retórica neste contexto poderia ser usada como aliada da filosofia ou da sofística. Se, aliada da primeira, procurava na arte de “bem falar” “dizer a verdade”, se com a segunda, liberava-se do cuidado de “dizer a verdade”, tendo apenas a preocupação de “parecer dizer a verdade”. Em síntese, uma arma usada para conquistar a vitória nos combates em que o discurso era decisivo.

Aristóteles considera a retórica não apenas como *opinião* (*doxa*), mas vai pensá-la na especificidade de sua dimensão filosófica: o verossímil (*to eikos*).

A reflexão de Aristóteles pretende delimitar os usos legítimos da palavra de poder, ampliar a linha que separa o uso do abuso, instituir filosoficamente os vínculos entre a esfera de validade da retórica e aquele no qual reina a filosofia.⁷⁶

⁷⁵ PLATÃO, *Górgias*, 465 b-c.

⁷⁶ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 21.

E a dimensão na qual Aristóteles pensou a retórica está em íntima relação com a dialética, como se uma fosse a contrapartida da outra⁷⁷. Segundo Aristóteles, “a retórica é a faculdade de descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser próprio para persuadir”⁷⁸. Enquanto qualquer outra técnica só pode instruir ou persuadir em torno de seus próprios objetos, a *Retórica* não se limita a uma esfera especial de competência, mas considera os meios possíveis, isto é, “apreender os meios de persuadir que cada tema permite”⁷⁹. Enfim, “a retórica serve... para descobrir o persuasivo (*to pithanon*) verdadeiro e o persuasivo aparente, do mesmo modo que o silogismo verdadeiro e o silogismo aparente”⁸⁰. Portanto, a *Retórica* tira da *Tópica* a consideração dos elementos prováveis (os que têm capacidade de persuadir) e fornece as regras para o uso estratégico de tais argumentos.

Segundo Paul Ricoeur, a partir de Aristóteles, a lógica oferecia uma solução auxiliar à retórica, o verossímil (*to eikos*), o modo ao qual a retórica poderia aspirar ao uso público da palavra:

O gênero de prova que convém à eloquência não é o necessário, mas o verossímil, pois as coisas humanas, a respeito das quais os tribunais e as assembléias deliberam e decidem, não são suscetíveis de qualquer sorte de necessidade, de determinação intelectual, que a geometria e a filosofia primeira exigem. Antes, portanto de denunciar a dóxa – a opinião – como inferior à epistémé – a ciência –, a filosofia pôde propor-se elaborar uma teoria do verossímil que forneceria as armas para a retórica contra seus próprios abusos, dissociando-a da sofística e da erística.⁸¹

A ligação entre a filosofia com a retórica amplia o campo desta, abrangendo segundo Aristóteles três áreas: teoria da argumentação, teoria da elocução e teoria da composição do discurso. Sendo a teoria da argumentação a principal parte da retórica, pois constitui e oferece ao mesmo tempo o nó de sua articulação com a lógica demonstrativa e com a filosofia, por isso, a teoria da argumentação abrange por si só, dois terços do tratado de Aristóteles. Será

⁷⁷ ARISTÓTELES, *Retórica* I, 1, 1354 a 1.

⁷⁸ *Ibid.*, I, 1355 b 25.

⁷⁹ *Ibid.*, I, 1355 b 10.

⁸⁰ *Ibid.*, 1355 b 15.

⁸¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, pp. 21-22.

este conceito amplo de retórica estabelecido por Aristóteles que prevaleceu por alguns séculos. Todavia, já na tradição retórica grego-romana, com Teofrasto, Demetrio, Cícero e Quintiliano, foi-se direcionando aos poucos a leitura da *Retórica*, separando-a da filosofia.⁸²

Este tipo de leitura teve como consequência um tipo de interpretação que acabou por amputar da *Retórica* a teoria da argumentação, eixo no qual estava suturada a filosofia, sobrando apenas as teorias da elocução e da composição:

“A Retórica literaliza-se e a dimensão argumentativa da persuasão é negligenciada. O que os primeiros retóricos clássicos entendiam como uma das suas partes – a *elocutio* – veio com o tempo a assumir-se como a essência da própria retórica”⁸³.

Nas palavras de Paul Ricoeur,

Um das causas da morte da retórica está aí: ao reduzir-se a uma de suas partes, a retórica perdeu ao mesmo tempo o *nexus* que a vinculava ~~em~~ à filosofia por meio da dialética; perdida essa ligação, tornou-se a retórica uma disciplina errática e fútil. A retórica morreu quando o gosto de classificar as figuras excedeu inteiramente o sentido filosófico que animava o vasto império retórico, que mantinha unidas suas partes e vinculava o todo ao *Organon* e à filosofia primeira.⁸⁴

A retórica precária se transformou facilmente numa teoria da elocução até converter totalmente numa na teoria dos *tropos* e se extinguir, como veremos mais a frente.

Assim como a filosofia jamais esteve em condições de justificar totalmente a retórica, também a retórica não absorve outros campos e usos de discurso que estão ao lado da retórica, como é o caso em especial da poética. Essa observação torna-se relevante na medida em que, para Aristóteles, a metáfora pertence a dois domínios.

Paul Ricoeur admite que a estrutura da metáfora, isto é, a transferência do sentido das palavras é única tanto na *retórica* quanto na *poética*, no entanto são duas as funções. A função da retórica, na maior parte do tratado – a arte da argumentação – é definida como arte de

⁸² Por isso, a *Retórica* foi lida mais por retóricos ou gramáticos do que por filósofos. O redescobrimento desta relação entre filosofia e retórica é que despertou grande interesse pelos aspectos da *Retórica*, como atestam os trabalhos de cf. GARVER, Eugene, *Aristotle's Rhetoric, An Art of Character*, Chicago: University Press, 1994; MOSS, Jean Dietz, “Reclaiming Aristotle's Rhetoric”, *Review of Metaphysics*, (50), 1997, pp. 635-646.

⁸³ JÚNIOR, Manuel Alexandre, “Introdução” em: ARISTÓTELES, *Retórica*, Lisboa: I.N.C.M., 1998, p. 30.

⁸⁴ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 18.

inventar ou encontrar provas através do verossímil (*to eikos*) para persuadir. Esta é a sua intenção. Ora, complementa Paul Ricoeur: “A poesia não pretende provar; seu projeto é mimético”⁸⁵. Busca compor uma representação essencial das ações humanas, sendo próprio a ela “dizer a verdade por meio da ficção, da fábula, do mito trágico”⁸⁶, suscitando a catarse. Esta é a intenção específica da poética.

Após tais considerações sobre a relação entre *Retórica* e *Poética*, Paul Ricoeur aborda a definição da metáfora, constatando que a *Retórica* adota pura e simplesmente a definição presente na *Poética*:

A metáfora (*metaphora*) é a transferência (*epiphora*) para uma coisa do nome (*onomatos*) de outra (*allogriou*), ou do gênero para a espécie (*apo tou genos epi eidos*), ou da espécie para o gênero (*apo tou eidos epi to genos*), ou da espécie de uma para o gênero de outra (*apo tou eidous epi eidos*), ou por analogia (*è kata to analogon*).⁸⁷

A *Poética* é assim a obra na qual a metáfora é melhor definida; apesar disso, Paul Ricoeur está consciente que a metáfora em outras obras de Aristóteles aparece assinalada no campo da *léxis*⁸⁸. Por isso, o filósofo francês seguindo a orientação de Aristóteles: “Deixemos de lado esta parte da questão, porque é alheia à poética”⁸⁹. Ou seja, Ricoeur procura em primeiro lugar mostrar que a metáfora não pertence aos procedimentos da *léxis*; por isso, descarta uma análise da *léxis* que seja regulada pelos “modos de elocução” (*ta skhêmata tês lexeôs*) e introduz outra análise, não mais sobre os *skhêmata*, mas sobre as *mérê* – as “partes” ou os “constituintes” – da elocução: letra, sílaba, conjunção, nome, verbo, [artigo], flexão e locução (*logos*)⁹⁰. Sendo o nome (*onoma*) o termo comum à enumeração das partes da elocução e à definição da metáfora, Paul Ricoeur explica:

⁸⁵ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 18.

⁸⁶ Id.

⁸⁷ ARISTÓTELES, *Poética*, 1457 b 6-9.

⁸⁸ Paul Ricoeur alerta para as traduções discordantes do termo para o francês: *discours*, *élocution*, *style*, e para o inglês: *diction* e *style*. Cf. nota 13, RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 24.

⁸⁹ ARISTÓTELES, *Poética*, 1456 b 20-21.

⁹⁰ Id.

É sobre esse núcleo semântico da elocução que será enxertada, dentro em breve, a definição de metáfora como uma transferência da significação dos nomes. A posição-chave do nome na teoria da elocução é de importância decisiva.⁹¹

Na teoria da elocução é fundamental compreender o que é o nome, pois ele é o suporte da enumeração na *léxis*. É definido como “um som complexo dotado de significação, sem indicação de tempo, que não tem nenhuma parte que, como parte do todo, seja significativa por si mesma”⁹². Ou seja, é o nome a primeira das entidades especificadas na *léxis* dotada de significação, estando as quatro partes da *léxis* que o antecedem (letra, sílaba, conjunção e o artigo) sem significado e sendo pressupostas positiva ou negativamente pela definição do nome.

A primeira parte da elocução é a letra: “som indivisível”. A segunda, a sílaba definida em relação ao nome como “um som desprovido de significado” (*asêmos*), “é composta de uma muda e de uma letra que tem um som”⁹³. Observação: a conjunção e o artigo também “são sons destituídos de significado”. O nome localizado na quinta parte é definido como “som complexo dotado de significado” por oposição ao som “indivisível” (letra) e ao som “assêmico” (sílaba). A sexta parte da *léxis* é o verbo, que se difere do nome apenas por sua relação com o tempo; é um “som dotado de significado”, mas com o diferencial de ser um “nome com ideia de tempo”, pois no verbo “acresce-se ao sentido a indicação do tempo presente, de um lado, e do tempo passado, de outro”⁹⁴. A oitava e última parte da *léxis* é a “locução” (*lógos*), “som complexo dotado de significado”, como visto, definido a partir do nome e acrescentado “cujas várias partes têm sentido por si mesmas”⁹⁵. Isto é, além de ser um som complexo, também possui uma significação complexa. Duas espécies são assim incluídas: a frase, um composto de nome e verbo, e a definição, um composto de nomes.

⁹¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 26.

⁹² ARISTÓTELES, *Poética*, 1457 a 10-11.

⁹³ *Ibid.*, 1456 b 34-35.

⁹⁴ *Ibid.*, 1457 a 14-18.

⁹⁵ *Ibid.*, 1457 a 23-24.

Assim, não se pode, segundo Paul Ricoeur, traduzir *lógos* por frase ou enunciado, mas somente por elocução, para cobrir os dois domínios da definição e da frase.⁹⁶

A partir da enumeração da *léxis* fica claro para Paul Ricoeur, que o nome é central⁹⁷. É com efeito do nome, que se diz, após o exame em partes da *léxis* e antes da definição da metáfora: “Todo nome é ou um nome corrente (*kyrion*), ou estranho, ou metáfora, ou ornado, ou inventado, ou alongado, ou abreviado, ou alterado”⁹⁸. Esse texto de ligação reúne expressamente, segundo o Autor, a metáfora à *léxis* por intermédio do nome.

A metáfora, no pensamento aristotélico, afeta apenas o nome, não a frase, nem o discurso. O nome está no nível da palavra, e como tal é a unidade fundamental da *léxis*. É dessa acepção aristotélica que Paul Ricoeur ressalta os seguintes traços da metáfora:

1) a metáfora é algo que acontece ao nome.

2) a metáfora é definida em termos de movimento⁹⁹: a *epiphora* de uma palavra é descrita como uma sorte de deslocamento “de... para...”. Essa noção de epífora traz consigo informação e perplexidade. Uma informação, porque a palavra metáfora, em Aristóteles, aplica-se a toda transposição de termos que designa a mudança de significado. A noção de “som complexo portador de significação” cobre a um só tempo o domínio do nome, do verbo e da locução (portanto da frase). E também uma perplexidade: pois a metáfora está na ordem do movimento: a *phora*¹⁰⁰ é um tipo de mudança segundo o lugar. Ao denominar a metáfora como epífora, percebe-se imediatamente que é impossível falar da metáfora a não ser metaforicamente e, logo, que a demarcação de metáfora é circular.

3) A metáfora é a transposição de um nome que Aristóteles denomina estranho (*allogrion*), isto é, “que... designa outra coisa”¹⁰¹, “que pertence a outra coisa”¹⁰². A ideia

⁹⁶ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 27.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 29.

⁹⁸ ARISTÓTELES, *Poética*, 1457 b 1-3.

⁹⁹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 30.

¹⁰⁰ ARISTÓTELES, *Física*, III, 1, 201 a 15; V, 2, 225 a 32 b 2.

¹⁰¹ ARISTÓTELES, *Poética*, 1457 b 7.

aristotélica de *allogrivos* tende a aproximar três ideias distintas: a ideia de *desvio* em relação ao uso ordinário¹⁰³, a ideia de *empréstimo* a um domínio de origem, e a de *substituição* em relação a uma palavra comum ausente, mas disponível.

4) *Uma tipologia da metáfora é esboçada na continuidade da definição*: a transferência, diz ele, vai do gênero à espécie, da espécie ao gênero, da espécie à espécie, ou se faz segundo a analogia (ou proporção). O que interessa é a relação entre essa classificação elementar e o conceito de transposição que compõe a unidade de sentido do gênero “metafórico”. Decorre disso dois fatos que devem ser ressaltados. O primeiro é que os pólos entre os quais a transposição é levada a cabo são lógicos. A metáfora surge em uma ordem já constituída por gêneros e por espécies, e por um jogo já regrado de relações: subordinação, coordenação, proporcionalidade ou igualdade. O segundo fato, é que a metáfora consiste em uma violação desse jogo ordenado: por exemplo, dar ao gênero o nome da espécie, é ao mesmo tempo reconhecer e transgredir a estrutura lógica da linguagem¹⁰⁴.

Em suma, para Aristóteles, a metáfora se liga à *Retórica* e à *Poética* por meio das partes da elocução e da segmentação do discurso, ou seja, por meio do nome ou palavra. Com isso, a herança de Aristóteles sobre a metáfora foi interpretada durante os séculos como matéria inerente ao estudo da palavra. Paul Ricoeur assim expressa a questão: “Selou-se por séculos a sorte da metáfora: ela se uniu doravante à poética e à retórica, não em termos de discurso, mas em termos de um segmento do discurso, o nome”¹⁰⁵. Sem dúvida, a visão aristotélica é estreita, pois a metáfora é ligada ao nome e esse talvez seja o aspecto central em sua teoria. Mas foi neste nível que ela foi interpretada, questionada ou refutada.

¹⁰² ARISTÓTELES, *Poética*, 1457 b 31.

¹⁰³ Ibid., 1457 b 3.

¹⁰⁴ Cf. ARISTÓTELES, *Poética*, 1457 b 6-20.

¹⁰⁵ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 25.

2.2. O Declínio da Retórica

A herança aristotélica foi ajustada de forma a determinar o enclausuramento, por séculos, da metáfora como *tropo* na teoria das figuras da retórica clássica, condenando a metáfora como ornamento, vazio de potencialidades lingüísticas, cognitivas e filosóficas.

Prosseguindo os estudos da metáfora no nível da palavra, Paul Ricoeur privilegia, como objeto de estudo, *Les Figures du discours* de Pierre Fontanier¹⁰⁶, que alcançou notoriedade no final do século XIX, mas que foi publicado bem antes, entre 1821 e 1830¹⁰⁷.

Com a análise desta obra, pretende Paul Ricoeur, antes de fazer a passagem para o nível da frase, explicar como a retórica se tornou uma disciplina moribunda. E a escolha de Ricoeur por essa obra se justifica porque ela é um dos últimos tratados de retórica clássica, ou melhor, o cimo da retórica clássica e, ao mesmo tempo, o seu declínio.

A obra *Les figures du Discours* se firma sobre a teoria dos *tropo* que privilegia inicialmente a palavra e, mais precisamente, o nome; e a metáfora na teoria do *tropo*, como uma palavra não passa de um desvio que diz respeito à significação primeira da palavra. Segundo Paul Ricoeur, o declínio da retórica, portanto, estaria associada a um erro primeiro, a ditadura da palavra tomada autonomamente na teoria da significação. Este erro conduz a um efeito limitador mais a frente: a redução da metáfora a uma simples figura de ornamento, de decoração e de gozo estético. Vejamos como aparece este erro no tratado de Pierre Fontanier, *Les Figures du discours*.

A definição de *tropo* edifica-se sobre a do par ideia-palavra: “Os tropos são certos sentidos mais ou menos diferentes do sentido primitivo que oferecem na expressão do

¹⁰⁶ Cf. FONTANIER, Pierre, *Les figures du Discours*, Paris: Flammarion, 1968.

¹⁰⁷ Antes de *Les figures du Discours*, Fontanier publicou, em 1818, *Commentaire des Tropes*, onde procura atualizar a obra clássica *Traité des Tropes* de Dumarsais, editada em 1730. Fontanier realiza vários trabalhos sobre o assunto, com a intenção de escrever um tratado geral sobre as figuras de estilo. Como destaca Paul Ricoeur, pertence a Gérard Genette o mérito de ter ordenado o material da obra *Les figures du discours*, e introduzir o leitor contemporâneo no estudo de uma das obras fundamentais da retórica clássica em sua forma mais representativa e perfeita.

pensamento as palavras aplicadas a novas ideias”¹⁰⁸ No próprio interior do par ideia-palavra, a ideia está na posição de princípio: “O pensamento compõe-se de ideias, e a expressão do pensamento pela palavra compõe-se de palavras”¹⁰⁹. É o primado da ideia que assegura o da palavra. E as ideias são “os objetos que nosso espírito vê”¹¹⁰. Além disso, “o pensamento compõe-se de ideias, e a expressão do pensamento pela fala compõe-se de palavras”¹¹¹. Portanto, pensamento e palavras parecem ter fundamentos iguais.

Contudo, Paul Ricoeur alerta, poderia parecer que a entidade posta como fundamento da tarefa taxinômica não é o *tropo*, de que se começou a perceber a dependência em relação à palavra, mas a figura, que se constituem como “as formas, os traços ou os contornos mais ou menos assinaláveis e com um efeito mais ou menos feliz pelos quais o discurso, na expressão de ideias, distancia-se mais ou menos do que foi a expressão simples e comum”¹¹². Assim, a figura pode, sem grande esforço, tanto se referir à palavra, à frase ou ao enunciado do discurso. Logo é a figura que está na base da taxonomia e não o *tropo*. Aqui Paul Ricoeur encontra uma brecha para minar a tropologia clássica para além do domínio de uma palavra ou de várias palavras e até de uma proposição. Contudo, em Fontanier não é possível levar adiante esta compreensão. Pois, a teoria da metáfora não é de modo algum atingida pela adoção da figura como unidade típica da retórica. A metáfora continua a ser classificada dentre os *tropos* de uma única palavra ou *tropo* propriamente ditos. Por sua vez, a teoria dos *tropos* constitui um bloco autônomo ao qual a noção de figura é pura e simplesmente superposta. E, além disso, a metáfora é uma figura e a palavra figurada é sempre uma palavra metafórica. Como tal a figura só pode ser dita por metáfora: “as figuras são para o discurso o que os contornos, os traços, e a forma exterior são para os corpos”¹¹³.

¹⁰⁸ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 39 apud. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 83.

¹⁰⁹ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 41, apud Ibid., p. 83.

¹¹⁰ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 41, apud Id.

¹¹¹ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 41, apud Ibid., p. 85.

¹¹² FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, pp. 64 e 279, apud Ibid., p. 89.

¹¹³ Id.

A teoria das figuras de Fontanier, embora rompa a teoria clássica da retórica alicerçada numa única palavra, indo para um terreno nebuloso onde palavra e “mais-que-palavra” se reúne, reafirma muito da tropologia em Aristóteles. Por sua vez, a teoria dos *tropo* constitui um bloco autônomo ao qual a noção de figura é pura e simplesmente superposta, admitindo ao lado as não-figuras, que foram classificadas como figuras: de expressão, de construção, de elocução, de estilo e de pensamento. O tratado de Fontanier parece assim dividido entre dois desígnios: um conduz a figura ao posto de unidade típica, o outro assegura uma posição fechada à ideia, à palavra, ao *tropo*.

Vejamos de forma mais detalhada, como Fontanier lidou com a questão da metáfora em seu tratado.

Nos limites assim traçados, Fontanier constrói, de maneira sistemática e exaustiva, a lista das espécies possíveis de *tropo* sobre a base da relação pela qual os *tropos* “acontecem”¹¹⁴. Poderemos dizer da relação pela qual o *tropo* acontece o mesmo que já dissemos da epífora: é numa só palavra que o *tropo* consiste, mas caso se possa dizer, é *entre* duas ideias que ele acontece, por transporte de uma a outra. O *tropo* como a epífora de Aristóteles, acontece “a partir de dois”¹¹⁵.

Se *tropo* e epífora se superpõem muito bem, Paul Ricoeur nos lembra, que não se pode superpor da mesma maneira as quatro espécies de metáforas de Aristóteles e as três espécies de relações de Fontanier e nisto está a originalidade deste autor em relação aos seus antecessores.

O *tropo* para Fontanier é visto como um acontecimento, porque mesmo que incida sobre apenas uma palavra, ele se realiza na relação entre ideias. Por isso, Fontanier garante ter dado uma teoria exaustiva das relações entre ideias ao distinguir as três espécies de *tropo*:

¹¹⁴ MORIER, Henri, Dictionnaire de poétique et de rhétorique, *apud* RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 93.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 94.

metonímias (relação de correção ou correspondência), sinédoques (relação de conexão) e metáfora (relação de semelhança).

Metonímias ou relações de correspondência são as relações onde cada um dos objetos é “um todo absolutamente à parte”¹¹⁶, são as as relação de causa a efeito, de instrumento à finalidade, de continente a conteúdo, etc. Ou seja, são as relação que aproximam dois objetos dos quais cada um forma “um todo absolutamente a parte”¹¹⁷.

Na sinédoque ou na relação de conexão, dois objetos formam “um conjunto, um todo, físico ou metafísico, a existência ou a ideia de um encontrando-se compreendida na existência ou na ideia do outro”¹¹⁸, as relações são da parte ao todo, da matéria à coisa, da singularidade à pluralidade, etc.

Nos dois casos, metonímia e sinédoque, um objeto é designado pelo nome de outro objeto; nos dois casos, são os objetos (e de algum modo as ideias) que entram em uma relação de exclusão ou de inclusão.

O jogo da semelhança na metáfora rompe essa simetria de correspondência ou conexão de ideias e deixa a metáfora um pouco à parte. A própria definição de Fontanier, o mostra: “apresentar uma ideia sob o signo de outra mais surpreendente ou mais conhecida”¹¹⁹. Enquanto as conexões e as correspondências são principalmente relações entre objetos, as semelhanças são principalmente relações entre ideias na opinião. Na semelhança, a ideia não é tomada dos “objetos vistos pelo espírito, mas relativamente ao espírito que vê”¹²⁰.

Portanto, toda a teoria dos *tropos* e das figuras se estabelece sobre esse primado da palavra. A metáfora tratada como figura, ainda não ultrapassa os limites da palavra. Portanto, o modelo tropológico implica uma série de postulados, segundo os quais estão presentes em todas as retóricas clássicas, inclusive a de Fontanier. Os postulados são:

¹¹⁶ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 79, apud RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 95.

¹¹⁷ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 79, apud Ibid., p. 95.

¹¹⁸ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 77, apud Id.

¹¹⁹ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 99, apud Ibid., p. 97.

¹²⁰ FONTANIER, Pierre, *Les Figures du discours*, p. 41, apud Id.

a) Postulado do próprio e do impróprio ou do figurado, quando certos nomes pertencem a certos tipos (gêneros e espécies) de coisas, e pode-se denominar sentido próprio o sentido desses termos. Por contraste, a metáfora e os outros *tropo* são sentidos impróprios ou figurados.

b) Postulado da lacuna semântica: quando certos tipos de coisas são denominados por um termo impróprio, por não se empregar a palavra própria conveniente, e essa ausência da palavra própria no discurso atual resulta tanto de uma escolha de caráter estilístico como de uma falta real; nos dois casos, o recurso a um termo impróprio visa preencher uma lacuna semântica, ou melhor, lexical, na mensagem atual ou no código.

c) Postulado do empréstimo: quando a lacuna lexical é preenchida pelo empréstimo de um termo estrangeiro.

d) Postulado de desvio: quando o termo tomado de empréstimo é aplicado ao tipo de coisa considerado, ao preço de um desvio entre o sentido impróprio ou figurado da palavra emprestada e seu sentido próprio.

e) Postulado da substituição: quando o termo tomado de empréstimo, em seu sentido figurado, é substituído a uma palavra ausente (que falta ou que não se deseje empregar) que poderia ter sido empregada no mesmo lugar e em seu sentido próprio; esta substituição se faz por preferência e não por necessidade quando a palavra própria existe (fala-se então de *tropo* em sentido estrito). Quando a substituição corresponde a uma verdadeira lacuna do vocabulário e é necessária, fala-se de catacrese.

f) Postulado do caráter paradigmático do *tropo*: entre o sentido figurado da palavra tomada de empréstimo e o sentido próprio da palavra ausente ao qual o primeiro é substituído, existe uma relação que se pode denominar a *razão* da transposição, e essa razão constitui um paradigma para a substituição dos termos; no caso da metáfora, a estrutura paradigmática é a de semelhança.

g) Postulado da paráfrase exaustiva: explicar (ou compreender) um *tropo* é encontrar a palavra própria ausente; é, portanto, restituir o termo próprio ao qual um termo impróprio se substituiu; a paráfrase em que consiste essa restituição é, em princípio, exaustiva.

Na perspectiva de Paul Ricoeur, dessa cadeia de pressupostos resultam os dois últimos postulados que caracterizam o tratamento propriamente retórico da metáfora e, em geral, dos *tropo*:

h) Postulado da informação nula: o emprego figurado de palavras não comporta nenhuma informação nova; pois se a restituição anula a substituição, a metáfora nada ensina.

i) O *tropo*, nada ensinando, tem uma simples função decorativa; é destinado a agradar ao ornar a linguagem, ao dar a “cor” ao discurso, uma “vestimenta” à expressão nua do pensamento.

Em suma, a retórica de Pierre Fontanier é a última a apresentar este esquema taxionômico através do modelo tropológico na sua plenitude. E Paul Ricoeur buscou compreender o isolamento exagerado da metáfora como nome na teoria da significação, o que acabou por demonstrar que a primazia da palavra no funcionamento dos *tropo* atribuiu à metáfora a função de pura decoração sem nenhuma significação nova, confinando a retórica na arte de agradar e sufocando o potencial de sentido contido na admirável definição inicial de metáfora.

2.3. A Metáfora e a Semântica da Palavra

Paul Ricoeur poderia dar por superada a concepção da metáfora no nível da palavra, mas não é o que pretende, a sua refutação não é demolidora, busca antes demonstrar o caráter unilateral das doutrinas que se declaram exclusivas, tal é o caso da retórica clássica e seus continuadores.

Paul Ricoeur não recusa a herança aristotélica da *Poética* e da *Retórica*, pois a definição de metáfora como transferência do nome não é errada. Ela permite identificar a metáfora e classificá-la entre os *tropos*. A palavra continua sendo portadora do efeito de sentido metafórico. Portanto, antes de passarmos para o nível da frase, importa mostrar como a metáfora evidencia-se na palavra.

Paul Ricoeur afirma que o tratamento metafórico ao nível da palavra, embora criticado, mostra-se necessário à semiologia da significação, mesmo que se apresente apenas como um fragmento do todo discursivo:

[...] a definição real de metáfora em termos de enunciado não pode eliminar a definição nominal em termos de palavra ou de nome, na medida em que a palavra continua a ser a portadora do efeito de sentido metafórico; é da palavra que se diz tomar um sentido metafórico; eis por que a definição de Aristóteles não é abolida por uma teoria que não se refere mais ao lugar da metáfora no discurso, mas ao próprio processo metafórico.¹²¹

Paul Ricoeur analisa nos Estudos IV e V de *A Metáfora Viva* os trabalhos situados em continuidade à lingüística saussuriana, em particular os de Stephen Ullmann, e se detém no limiar do estruturalismo francês da “Nova Retórica”, que se limita a confirmar o primado da metáfora-palavra, por meio de um exame das noções de “desvio” e de “grau retórico zero”, por meio de uma comparação da noção de “figura” e através do conceito de “redução do desvio”.

¹²¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 108.

A este nível, Paul Ricoeur está consciente que a análise busca reconstruir sistematicamente o conjunto das figuras sobre a base das operações que governam os átomos de sentido de nível infralinguístico.

Modernamente a *Retórica* e a *Poética* aristotélica estão inseridas numa semântica da palavra. A concepção de linguagem na qual essas obras assentam estabelece transversalmente, da correlação com a ideia, a unidade de base: palavra.

E modernamente, a ciência que ocupou o lugar da descrição dos *tropos* é a Semiologia (ou Semiótica) de Ferdinand Saussure, com uma nova entidade lingüística de base: o signo. Ele considera as unidades características dos distintos níveis de organização lingüística como homogêneas e pertencentes a uma única ciência: a semiótica, cujo elemento mínimo significativo por excelência é a palavra.

Além disso, desde as origens da história da Semântica, na época de Arsène Darmesteter¹²² e Michel Bréal¹²³, a Semântica define a si mesma como ciência da significação das palavras e das mudanças de significação das palavras.

Caso se aproxime estas duas grandes tendências – monismo do signo, primado da palavra –, parecerá que o *Curso de Lingüística Geral*, de algum modo é uma renovação no interior de uma disciplina, cujos contornos foram delineados antes dele e que ainda reforçará a preocupação essencialmente lexical, pois o quadro privilegiado continua a ser a palavra.

É em benefício da palavra que são instituídos as grandes dicotomias que comandam o Curso: dicotomia do significante e do significado, da sincronia e da diacronia, da forma e da substância. Não que a frase seja nele ignorada: a primeira dicotomia, a da língua e da fala, atravessa a mensagem que não pode ser senão uma frase; mas não se falará mais da fala, e a lingüística será uma lingüística da língua, isto é, de seu sistema lexical.¹²⁴

Eis porque o *Curso* tende, finalmente, a identificar semântica geral e semântica lexical, isto é, a teoria da significação das palavras. Essa identificação é tão forte que na maior

¹²² Cf. DARMESTETER, Arsène, *La Vie des mots étudiés dans leurs significations*, Paris: Delagrave, 1887.

¹²³ Cf. BRÉAL, Michel, *Essai de Sémantique, science des significations*, Paris: Hachette, 1911⁵.

¹²⁴ RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*, p. 161.

parte dos autores influenciados por Saussure, a própria expressão semântica lexical constitui um pleonasma.

A metáfora, neste contexto, continua a ser classificada entre as mudanças de sentido, que é o lugar assinalado por Aristóteles ao defini-la como a *epífora* do nome; portanto, é o propósito mais explícito da definição aristotélica que é recolhido pela semântica da palavra.

Paul Ricoeur centra sua análise na semântica lingüística influenciada por F. Saussure, em especial na teoria de Stephen Ullmann, em suas três redações sucessivas¹²⁵ e acessoriamente algumas obras aparentadas (G. Stern¹²⁶ e Nyrop¹²⁷). O Autor escolheu essas obras porque as teses gerais da semântica são nelas sustentadas por um senso agudo da descrição empírica, principalmente de língua francesa; além disso, o longo passado da semântica desde Bréal¹²⁸, Marty¹²⁹, Wundt¹³⁰ não é esquecido, sendo a revolução saussuriana a fornecer o eixo principal da descrição.

Paul Ricoeur está preocupado apenas em interrogar sobre o lugar e o papel que podem ser atribuídos à metáfora, isto é, como a metáfora põe em jogo os fenômenos de mudança de sentido da lingüística.

A semântica de Stephen Ullmann afirma que das quatro unidades de base da lingüística – o fonema, o morfema, a palavra, a locução (frase) –, é a palavra que define o nível lexical da lingüística e, neste nível, a semântica propriamente dita, por isso, é a unidade privilegiada de estudo.

¹²⁵ Cf. Stephen Ullmann, *The Principles of Semantics*, Glasgow: Glasgow University Publication, 1951; *Précis de Sémantique française*, Berne: A. Francke, 1952; *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning*, Oxford: Blackwell, 1967.

¹²⁶ Cf. STERN, Gustaf, *Meaning and Change of Meaning, with Special Reference to the English Language*, Indiana University Press, 1968.

¹²⁷ Cf. NYROP, Kristoffer, *Grammaire historique de la langue française, t. IV: Sémantique*, Copenhagen: E. Bojeson, 1913.

¹²⁸ Cf. BRÉAL, Michel, *Essai de Sémantique, science des significations*, Paris: Hachette, 1911⁵.

¹²⁹ Cf. MARTY, Anton, *Untersuchungen zur Grundlegung der allgemeinen Grammatik und Sprachphilosophie*, Halle: Niemeyer, 1908.

¹³⁰ Cf. WUNDT, Wilhelm, *Volkerpsychologie, Eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze von Sprache, Mythos und Sitte*, 2 vols, Leipzig, 1902, vol. II: *Die Sprache*, 1903.

Stephen Ullmann considera a palavra como o menor signo portador de sentido. Segundo ele, a tese de que a palavra teria sua existência semântica apenas no contexto é anti-semântica por princípio. Uma semântica lexical é possível porque se pode compreender o sentido de uma palavra isolada. Essa convicção se comprova porque se pode aprender o nome das coisas e dar-lhes um equivalente em outra língua, pelo fato dos sentidos das palavras se cristalizarem nos dicionários, e, além disso, porque uma cultura tende a compreender a si mesma ao conservar suas convicções em palavras-chaves e nas palavras-testemunhos.

O semanticista considera que em qualquer dos diversos contextos (frase, o texto, a cultura, a situação, etc), as palavras têm uma significação permanente pela qual designam certos referentes e não outros.

O autor confirma sua filiação saussuriana em relação ao significado das palavras. Para seguir Saussure, ele abandona o terceiro vértice do famoso triângulo de Ogden-Richards¹³¹: “símbolo” – “pensamento” (ou “referência”) – “coisa” (ou “referente”), e mantém-se nos limites de um fenômeno de duplo sentido: significante-significado, nos termos de Saussure, ou expressão-conteúdo em Hjelmslev¹³², ou nome-sentido em Gombocz¹³³, sendo o último par escolhido por Stephen Ullmann (nome-sentido), acentuando simultaneamente o fenômeno de denominação. Pois a relação nome-sentido raramente é – salvo nos vocabulários altamente codificados da ciência, da tecnologia ou da administração – uma relação termo a termo: um nome para um sentido.

As palavras, reconhece o autor, não podem definir-se por oposição como os fonemas no sistema fonológico, mas elas influenciam umas nas outras, acabando por determinar as mudanças de sentido, através do tempo.

¹³¹ Cf. OGDEN, Charles Kay e RICHARDS, Ivor Armstrong, *The Meaning of Meaning*, London: Routledge and Kegan Paul, 1923.

¹³² Cf. HJELMSLEV, Louis, *Prolegomena to a Theory of Language*, The University of Wisconsin Press, 1961.

¹³³ Cf. GOMBOCZ, Zoltán. *Jelenstétan*, Pécs, 1926.

No centro de todas as descrições da semântica histórica e de todas as discussões de Stephen Ullmann, encontra-se o fenômeno-chave da polissemia. Segundo Paul Ricoeur, nas três obras de S. Ullmann abundam, sobre esse ponto, declarações muito firmes¹³⁴. A polissemia se define sobre a base anteriormente estabelecida da relação nome-sentido, e significa: para um nome, mais de um sentido¹³⁵. É necessário acrescentar, tanto a cada nome como a cada sentido, um “campo associativo” que faça atuar as relações de semelhança, seja no plano do nome, seja no do sentido, seja nos dois planos simultaneamente, e esse acréscimo é que permitirá distinguir rapidamente quatro tipos de mudanças de significação e localizar entre elas a metáfora.

O fenômeno inverso da sinonímia (para um sentido pode haver vários nomes) importa para a compreensão da polissemia. A sinonímia implica uma identidade parcial, inadmissível em um sistema que repouse apenas sobre oposições, e implica cruzamentos entre campos semânticos que fazem que uma das acepções de uma palavra seja sinônimo de umas das acepções de outra palavra. O que define a sinonímia é precisamente a possibilidade de substituí-los em certos contextos sem alterar a significação objetiva e afetiva¹³⁶. Por exemplo, a palavra “fazenda” é sinônimo tanto de “tecido” como de “propriedade rural”; uma comunidade de sentido funda a cada vez a sinonímia. Por ser um fenômeno irreduzível, a sinonímia pode simultaneamente oferecer um recurso estilístico para distinções sutis (rio em vez de ribeira, cimo em vez de cume, minúsculo em vez de ínfimo, etc.), isto é, para acumulações, reforços, ênfases, e fornecer um teste de caráter de troca para a polissemia; na noção de identidade semântica parcial é possível acentuar sucessivamente a identidade ou a diferença.

¹³⁴ Sobre a polissemia cf.: ULLMANN, Stephen, *The Principles of Semantics*, pp. 114-125; *Précis de Sémantique française*, pp. 199-218; *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning*, pp. 159-175.

¹³⁵ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 177.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 179.

Ficando à parte o fenômeno da homonímia, pois mesmo que tenha o mesmo princípio de combinação de um único significante com vários significados, ela recobre uma diferença entre duas palavras e entre seus campos semânticos completos, a polissemia se mantém no interior da mesma palavra, da qual distingue várias acepções; por isso, se denomina a polissemia de ambigüidade lexical, para ser distinguida da ambigüidade.

Segundo Paul Ricoeur, “é sobre esse fundo de semântica “descritiva” (sincrônica no sentido saussuriano) que Ullmann situa seu estudo das mudanças de sentido de que a metáfora é uma espécie”¹³⁷. Pois, se a polissemia é um fato da língua, do sistema, é, por isso, sincrônica, a mudança de sentido da metáfora, como fato da fala é diacrônica. Logo, a metáfora, na qualidade de mudança de sentido, é diacrônica, e na qualidade de desvio, é sincrônica.

Situada entre as mudanças de sentido, a metáfora não resulta da semântica “descritiva”, mas da semântica “histórica”¹³⁸. Abrimos uma fronteira metodológica que o *Curso de lingüística geral* traçara com firmeza entre dois pontos de vista demasiadas vezes confundidos no passado. Constituição semântica e mudança semântica resultam de “duas ordens de fatos, díspares embora interdependentes”¹³⁹. Ullmann permanece fiel a Saussure quando escreve:

Pode-se, certamente, *combinar* os dois pontos de vista – devendo-se mesmo fazê-lo em certas situações, por exemplo na reconstituição integral de uma colisão homônimas – mas, a combinação jamais se deve resultar em uma *confusão*. Esquecer-se desse preceito seria falsear a um só tempo o presente e o passado, a descrição e a história.¹⁴⁰

Porém, ao referir-se no fim de suas obras ao estudo das mudanças de sentido, o autor toma distância dos primeiros semanticistas que não apenas definiam em um só golpe a semântica pelo estudo do sentido das palavras e pelo estudo de suas mudanças, mas punham

¹³⁷ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 180.

¹³⁸ Cf. ULLMANN, Stephen, *The Principles of Semantics*, quarta parte: “Historical Semantics”, pp. 171-258; *Précis de Sémantique française*, capítulo X: “Pourquoi les mots changent de sens”, pp. 236-298, *apud*. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 181.

¹³⁹ ULLMANN, Sthephen, *Précis de Sémantique française*, p. 236, *apud*. Ibid., p. 188.

¹⁴⁰ ULLMANN, Sthephen, *Précis de Sémantique française*, p. 236 *apud*. Ibid., p. 181.

ênfase nessas mudanças. Com a semântica estrutural é, ao contrário, o ponto de vista descritivo que fornece o fio condutor no estudo das mudanças.

É, em primeiro lugar, a natureza do sistema lexical que permite as mudanças de sentido: a saber, o caráter “vago” da significação, a indecisão de fronteiras semânticas, e são, sobretudo, traços da polissemia¹⁴¹. Ela torna possível a mudança de sentidos e nela se manifesta o fenômeno de acumulação de sentidos. A polissemia atesta o caráter aberto da textura da palavra: uma palavra é isto que tem vários sentidos e ainda pode adquirir um novo. Portanto, é um traço descritivo da significação que introduz a teoria das mudanças de sentido, a saber, que para um nome pode haver mais de um sentido, e para um sentido, mais de um nome.

Essa teoria encontra um novo apoio em um traço “descritivo” – a saber, o acréscimo a cada “sentido” e a cada “nome” de “campos associativos” que permitam deslizamentos e substituições no nível do nome, no do sentido, ou nos dois níveis simultaneamente.¹⁴² Os “campos associativos” deixam claro o mecanismo psicológico (herança de Saussure) que rege as inovações semânticas. Ullmann completa esse movimento de inclusão das classes retóricas na semântica, ao ligar estreitamente a teoria dos campos associativos à definição de significação como correlação do nome e do sentido. Os dois sistemas, o do sentido e o dos nomes, interferem; que a ideia procura exprimir-se em outra palavra associada à primeira, seja por semelhança, seja por contigüidade, tendo-se então seja a metáfora, seja a metonímia. Ullmann nota judiciosamente: as associações psíquicas não “desencadeiam” a mudança, mas determinam somente seu “desenrolar”; é, com efeito, o esforço de expressão que continua a ser a causa eficiente.¹⁴³

A atividade individual da fala e o caráter social da língua juntamente com os campos associativos fornecem essa mediação da potência da linguagem:

¹⁴¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, pp. 181-182.

¹⁴² Id.

¹⁴³ ULLMANN, Stephen, *Précis de Sémantique française*, p. 276, *apud* Ibid., p. 184.

Quer se trate de preencher uma lacuna autêntica, de evitar uma palavra tabu, de dar livre curso às emoções ou a uma necessidade de expressividade, os campos associativos é que fornecerão a matéria primeira da inovação.¹⁴⁴

Assim, é a *inovação* a principal característica da metáfora. Além disso, ela deve à sua aproximação com a associação por semelhança a conservação de seu parentesco profundo com a comparação a dois termos. O primado da comparação é, com efeito, propriamente psicológico. Esnault¹⁴⁵ ressaltara-o: “A metáfora é uma comparação condensada pela qual o espírito afirma uma identidade intuitiva e concreta”¹⁴⁶. Ullmann, depois dele, observa: “A metáfora é, em última análise, uma comparação abreviada. Mais que constatar explicitamente as analogias, comprime-as em uma imagem que tem a aparência de uma identificação”¹⁴⁷. A percepção de uma semelhança entre duas ideias é justamente – segundo a expressão de Aristóteles *to homoion theorein* – a chave da metáfora.¹⁴⁸

O duplo jogo associativo entre sentidos e entre nomes não dá conta, finalmente, senão de substituições, chegando a novas denominações:

Em vez de especificar que [as] saliências [de um pente] são como dentes, nós a chamaremos simplesmente os dentes do pente. Fazendo isso, teremos transposto o nome de um órgão humano para designar um objeto inanimado”¹⁴⁹.

A semelhança entre os dois sentidos é o que permite dar a um o nome de outro.¹⁵⁰
Mais uma vez, a explicação está no nível da palavra.

¹⁴⁴ ULLMANN, Stephen, *Précis de Sémantique française*, p. 276-277, apud RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, pp. 184-185.

¹⁴⁵ ESNAULT, Gaston, *L’Imagination populaire: métaphores occidentales*, Paris: PUF, 1925, apud Id.

¹⁴⁶ ULLMANN, Stephen, *Précis de Sémantique française*, p. 277, apud Id.

¹⁴⁷ ULLMANN, Stephen, *Précis de Sémantique française*, p. 277, apud Id.

¹⁴⁸ Id.

¹⁴⁹ ULLMANN, Stephen, *Précis de Sémantique française*, p. 277 apud. Ibid., p. 187.

¹⁵⁰ Id.

2.4. A Metáfora e a Nova Retórica

Ainda no nível da palavra, como base da reflexão, está a semiótica estruturalista da Nova Retórica. A referência principal para Paul Ricoeur no *Estudo V* é a obra *Rhétorique Générale* do Groupe μ , de Estudos Poéticos da Universidade de Liège. Tal grupo era formado por J. Dubois, F. Edeline, J. M. Klinkenberg, P. Minguet, F. Pire e H. Trinon. Porém, Paul Ricoeur também cita a obra *Sémantique de la métaphore et de la métonymie* de Michel Le Guern. Todos esses autores dialogam sutilmente em pontos determinados, com distintos autores: Gérard Genette, Jean Cohen, Tzvetan Todorov, Roman Jakobson, Northrop Fry, que admitem o pertencimento da palavra e enquadramento da semântica da palavra numa semiótica, para a qual todas as unidades da língua são variedades do signo, entidades diferenciais opositivas, sendo todas imanentes à própria linguagem.

O objetivo perseguido é fazer a lingüística sair do plano da descrição e classificação para o da explicação. A análise do significado é conduzida para o significante. Isto é, a análise do significado é conduzida além da espécie lexical distinta, ou seja, além do *núcleo semântico da palavra*, até o nível dos *semas*. O deslocamento da palavra ao sema constitui uma estratégia, que procura mostrar na constituição da palavra a coleção de semas, logo nada extra-lingüístico comparece. Por isso, nessa semântica puramente estrutural da Nova Retórica não há repetição da retórica clássica, mas uma maior tecnicidade, que toma a figura como conceito forte, sendo o *tropo* uma espécie de desvio no nível da palavra. E a metáfora volta a ser entendida como uma substituição do sentido corrente no plano da palavra. Nas palavras de Paul Ricoeur:

O desvio, no nível da palavra, isto é, o *tropo*, surge então como um desvio de algum modo local no quadro geral dos desvios. Eis por que se pode ver na retórica nova, de uma parte, uma repetição pouco instrutiva da retórica clássica no que concerne à descrição de metáfora - que continua a ser o que era, a saber, uma substituição do sentido no plano da palavra -, e, de outra,

uma explicação muito esclarecedora resultante da integração do *tropo* em uma teoria geral dos desvios.¹⁵¹

Porém, antes de Paul Ricoeur entrar diretamente na questão do desvio, ele se pergunta: “em relação a que há desvio?” Ou seja, onde está o grau retórico zero como referencial para se perceber e medir a distância, a amplitude do desvio?

É Gerard Genette quem fornece a primeira resposta, que afirma a oposição entre a linguagem figurada e não-figurada. Figurada seria a linguagem real, e não-figurada, a virtual, ou seja, o que o poeta pensou (o sentido) e real aquilo que pode ser expresso. Aqui, o desvio ocorre entre o sentido e a letra, sendo o sentido aquilo que pode ser traduzível. Logo a tese de que “*toda figura é traduzível*” se associa a teoria da palavra que pode ser substituída na busca pelo sentido.

A segunda resposta é proposta por Jean Cohen. Para ele não há grau zero absoluto, apenas grau zero relativo, isto é, a linguagem com menos figuras. Haveria usos da linguagem que seriam menos marcados do ponto de vista retórico, como é o caso da linguagem científica. O desvio mínimo que possui a linguagem científica exige uma equivalência semântica, ou seja, a manutenção de um mesmo sentido quando há outras significações, aproximando-nos, assim, ao máximo, da impossível e, mesmo sem sentido, linguagem neutra. Logo, o conteúdo é diferente da expressão, pois não possui tradução absoluta, tornando-se assim o grau zero um limite ideal.

A terceira proposta quem oferece são os autores da *Rhétorique Générale* que consideram o grau zero como construção de meta-linguagem. A decomposição do significado faz aparecer entidades – os semas – que nos leva a um nível infralinguístico, que não pertencem ao plano da manifestação do discurso. Assim, o grau zero (absoluto) não estaria contido na linguagem tal como nos é dada, pois ela é apenas figurada, mas seria um discurso reconduzido aos seus semas essenciais. A partir daí, pode-se distinguir duas partes no

¹⁵¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 213.

discurso figurado: a base (grau zero prático, a parte não modificada) e a que sofreu desvios retóricos. Esta conserva com seu grau zero uma relação sistemática, levando ao discernimento de invariantes que apresentam uma estrutura de paradigma, enquanto a base tem a estrutura dos sintagmas. Estes invariantes exibem, ao mesmo tempo, o grau zero prático do discurso manifesto (figurado) e o grau zero absoluto, passível de vir a ser reconhecido pela análise sêmica, e como tal, situado fora da linguagem. Paul Ricoeur chama a atenção para o desvio, que deve ser percebido a partir de um grau zero prático, isto é, na própria linguagem, e não em uma “metalinguagem”. Essas dificuldades, lembra Paul Ricoeur, são ligadas às figuras de palavras – metassememas – domínio de pertencimento da metáfora nesta retórica.

Como foi dito, a Nova Retórica propõe-se explicitamente construir a noção de *tropo* sobre a de figura, e não o inverso, e edificar diretamente uma retórica das figuras. O *tropo* poderá continuar a ser o que era na antiga retórica: “uma figura de substituição no nível da palavra, enquadrada no conceito geral de “desvio”¹⁵². Mas afinal, o que é desvio?

A Nova Retórica retomando a herança da antiguidade até os séculos XIX chega a conclusões interessantes. Segundo Paul Ricoeur, a expressão grega *epiphora* já se nos apresenta com esta dificuldade. A epífora é, de múltiplos modos, espacializante; é uma transferência de sentido de (*apo*)... para (*epi*); ela está ao lado (*para*) do uso corrente; é uma substituição (*anti*, no lugar de...). Além disso, caso se compare esses valores espacializantes de transferência de sentido com outras propriedades da metáfora, por exemplo, a que “põe sob os olhos”¹⁵³. Constitui-se um feixe convergente que requer o vínculo de uma meditação sobre a figura como tal¹⁵⁴. E Paul Ricoeur observa que uma passagem de Fontanier sobre a própria palavra figura está bem próxima do essencial da questão:

A palavra *figura* apenas deveria ser dita, antes de tudo, ao que parece, dos corpos, ou mesmo apenas do homem e dos animais considerados fisicamente e quanto aos limites de sua extensão. E, nesta primeira acepção, o que

¹⁵² RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 212.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 60

¹⁵⁴ *Ibid.*, pp. 222-223.

significa ela? Os contornos, os traços, a forma exterior de um homem, de um animal, ou de um objeto palpável qualquer. O discurso, que se dirige apenas à inteligência da alma, não é, mesmo considerado quanto às palavras que o transmitem à alma, pelos sentidos, um corpo propriamente dito. Ele não tem *figura*, propriamente falando. Mas ele tem, apesar de tudo, em suas diferentes maneiras de significar e de exprimir, alguma coisa de análogo às diferenças de forma e de traços que se encontram nos verdadeiros corpos. É, sem dúvida, de acordo com esta analogia que se diz por *metáfora as figuras do discurso*. Mas essa *metáfora* não poderia ser considerada uma verdadeira *figura*, porque não temos na língua outra palavra para a mesma ideia¹⁵⁵.

Duas ideias de espaço são aqui sugeridas, a de uma exterioridade quase corporal, e a de contorno, de traço, de forma; a expressão “forma exterior” as reúne ao sugerir alguma coisa como um meio de espacialidade recoberto por um desenho. Na perspectiva de Paul Ricoeur, esses dois valores da espacialidade parecem conjuntamente implicados, caso as figuras devam ser definidas como:

os traços, as formas ou os aspectos [segundo valor]... pelos quais o discurso, na expressão de ideias, de pensamentos ou de sentimentos, distancia-se mais ou menos [primeiro valor] do que fora a expressão simples e comum¹⁵⁶.

A neo-retórica, explorando a função poética da linguagem proposta por Roman Jakobson em sua famosa comunicação *Conférence Interdisciplinaire sur le Style*¹⁵⁷, enfatiza a função poética da mensagem por sua própria conta. Segundo Paul Ricoeur, “pode-se dizer que na letra do poema som e sentido real aderem um ao outro para produzir figura¹⁵⁸, e acrescenta: “*Esta função, que põe em evidência o lado palpável dos signos, aprofunda por isso mesmo a dicotomia dos signos e dos objetos*”¹⁵⁹.

Segundo Paul Ricoeur, procurando elevar-se a uma meditação sobre a *visibilidade* e a *espacialidade* da figura, além de Fontanier e Jakobson, Todorov declara que a figura é o que faz surgir o discurso tornando-o opaco: “O discurso que nos faz simplesmente conhecer o

¹⁵⁵ FONTANIER, Pierre, *Les figures du discours*, p. 63, apud RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 223.

¹⁵⁶ FONTANIER, Pierre, *Les figures du discours*, p. 64, apud Ibid., pp. 223-224.

¹⁵⁷ Cf. JAKOBSON, Roman, “Linguistique et poétique” em *Essais de linguistique générale*, Paris: Minuit, 1963, pp. 209-248.

¹⁵⁸ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 225.

¹⁵⁹ JAKOBSON, Roman, *Essais de linguistique générale*, p. 218, apud Ibid., p. 224.

pensamento é invisível e por isso mesmo inexistente”¹⁶⁰. Em vez de desaparecer em sua função de mediação, e de tornar-se “invisível” e “inexistente” enquanto “pensamento”, o discurso se designa a si mesmo como discurso. “A existência de figuras equivale à existência do discurso”¹⁶¹.

Essa é uma das principais contribuições da nova retórica, conservar, a ideia preciosa de que uma das suas funções é “nos fazer tomar consciência da existência do discurso”¹⁶². Assim, faz-se justiça à ideia de Roman Jakobson de uma acentuação da mensagem centrada sobre si mesma¹⁶³; afinal, a literatura significa a si mesma¹⁶⁴.

Mas quais são os critérios para a linguagem figurada?

Se a própria transgressão deve ser regrada, é necessário completar a ideia de desvio, compreendida como violação de um código, pela redução de desvio, a fim de dar uma forma ao próprio desvio ou, na linguagem de Genette, de delimitar o espaço aberto pelo desvio.

A noção de desvio – tal qual foi definida até agora, isto é, como violação sistemática do código da linguagem – é complementada por Jean Cohen com a noção de redução de desvio. E tal fenômeno também deve ser procurado no plano semântico, pois se apóia na emergência de um código de pertinência que controla a relação dos significados entre si.¹⁶⁵

Paul Ricoeur cita a Jean Cohen: “Se o poema viola o código da fala, é porque a língua o restabelece ao transformar-se [...] O objetivo de toda poesia é o de estabelecer uma mutação da língua que é [...] uma metamorfose mental”¹⁶⁶. Isto é, a nova pertinência consiste na separação do sentido corrente de uma palavra (*écart*), porém, em todo caso, não se trata de uma separação, como um novo sentido é percebido, tal separação tem um limite, tal *écart* resulta assim reduzido, se vislumbra um novo sentido até então de desconhecida semelhança.

¹⁶⁰ TODOROV, Tzvetan, *Littérature et Signification*, Appendice “Tropes et Figures”, Paris, Larousse, 1967, p. 102, *apud* RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 226.

¹⁶¹ TODOROV, Tzvetan, *Littérature et Signification*, p. 102, *apud* Id.

¹⁶² TODOROV, Tzvetan, *Littérature et Signification*, p. 103, *apud* Ibid., p. 227.

¹⁶³ Id.

¹⁶⁴ Ibid., p. 229.

¹⁶⁵ Ibid., p. 235.

¹⁶⁶ COHEN, Jean, *Structure du Langage Poétique*, Paris: Flammarion, 1966, p. 115, *apud* Ibid., p. 239.

A lei da pertinência segundo Jean Cohen designa as permissões combinatórias às quais devem satisfazer os significados entre si, no caso de a frase ser recebida como inteligível. Nesse sentido, o código que rege a pertinência semântica é propriamente um código da fala.¹⁶⁷

E neste ponto se insere a explicação da metáfora na perspectiva da nova retórica (tradição do *tropo* de uma única palavra). A metáfora não é o próprio desvio, mas a redução de desvio. Só há desvio quando se tomam as palavras em seu sentido literal. No procedimento metafórico a técnica metafórica consiste em o locutor, usando-a, reduzir o desvio, através da mudança de sentido de uma das palavras. A metáfora, disse-o bem a tradição retórica, é um *tropo*, ou seja, uma mudança de sentido das palavras, mas na perspectiva de Paul Ricoeur, tal acontecimento surge como resposta do discurso à ameaça de destruição representada pela não pertinência semântica.¹⁶⁸

É o caso, por exemplo, da frase de Mallarmé, que cita Paul Ricoeur: “o céu está morto”. Existe uma impertinência semântica, pois, o predicado “está morto” só pode aplicar-se a seres vivos. Assim, a metáfora não é a desvio, mas a redução do desvio. Segundo a leitura de Paul Ricoeur, “só há desvio se tomam as palavras em seu sentido literal. A metáfora é o procedimento pelo qual o locutor reduz o desvio mudando o sentido de uma das palavras”¹⁶⁹.

A metáfora propriamente dita não é de ordem sintagmática, pois, enquanto violação do código da língua, ela se situa fechada sobre o plano paradigmático. Por este viés, permanecemos na tradição retórica do *tropo* de uma única palavra¹⁷⁰. A inovação semântica da metáfora é de ordem lexical, pelo desvio paradigmático ocorrido.

Mas como explicar o funcionamento das figuras a partir da análise sêmica?

Paul Ricoeur segue como guia a *Rhétorique Générale de Liège*¹⁷¹, como também a obra de Michel Le Guern¹⁷². Segundo Paul Ricoeur, o postulado de fundo desses autores é a

¹⁶⁷ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 235.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 236.

¹⁶⁹ *Id.*

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 239.

¹⁷¹ Cf. GROUPE μ, *Rhétorique Générale*, Paris: Larousse, 1972.

¹⁷² Cf. LE GUERNE, Michel, *Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*, Paris: Larousse, 1973.

homogeneidade dos níveis da linguagem, quer a percorramos no sentido descendente (decomposição), quer no ascendente (integração). Fonemas, grafemas, palavras e frases, são vistos igualmente como coleções. A análise sêmica que propõe a *Nova Retórica* visa decompor o significado em átomos semânticos – os semas – que não pertencem mais ao plano de manifestação do discurso.

Essa análise é comparável à que leva a decompor os fonemas, últimas unidades distintivas na ordem do significante, em traços pertinentes de ordem infralinguística. Além da decomposição, no sentido descendente, há o nível de integração, no sentido ascendente. Vejamos como funciona nos dois níveis.

Segundo Paul Ricoeur, a frase se define, ao menos em francês, “pela presença mínima de certos constituintes, os sintagmas”¹⁷³, os quais definem, por sua vez, pelo pertencimento dos morfemas que os constituem em classes. Quanto aos morfemas, eles se decompõem de uma parte, em fonemas e depois em traços distintivos (infralinguísticos), de outra, em sememas (as palavras) e depois em semas (infralinguísticos). Nenhuma descontinuidade é admitida, nem na escala ascendente, nem na descendente. Eis por que todas as unidades em todos os níveis poderão ser consideradas “coleções de elementos antecipados preliminares sobre repertórios preexistentes”¹⁷⁴. A frase não é exceção, pois é definida, quanto a seu valor gramatical, como “coleção de sintagmas e de morfemas provida de uma ordem e que admite a repetição”¹⁷⁵.

Essa homogeneidade caracteriza, também, o quadro das metáboles, operações operações sobre a linguagem, efetuadas segundo a distinção significante-significado, de um lado, e segundo a distinção entre entidades menores ou iguais à palavra, e as de grau superior. O que permite a distinção de quatro domínios:

¹⁷³ Groupe μ , *Rhétorique Générale*, p. 33, *apud.* RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 244.

¹⁷⁴ Groupe μ , *Rhétorique Générale*, p. 31, *apud.* Id.

¹⁷⁵ Groupe μ , *Rhétorique Générale*, p. 33, *apud.* Id.

1) dos domínio dos *metaplasmos*: figuras que agem sobre o aspecto sonoro ou gráfico das palavras e das unidades menores; 2) das *metataxes*, contém figuras que agem sobre a estrutura da frase (definida como se disse acima). 3) *dos metassememas é o que contém a metáfora*; os autores da *Rhétoriques générale*: “Um metassemema é uma figura que substitui um semema por outro, isto é, que modifica os conjuntos de semas do grau zero. Este tipo de figura supõe que a palavra se iguale à coleção de semas nucleares sem ordem interna que não admitam a repetição”¹⁷⁶. Segue-se, 4) Os *metalogismos*: figuras que modificam o valor lógico da frase.

Admite-se desde o princípio que a metáfora deve ser buscada entre os metassememas, portanto entre as figuras de palavras, como na retórica clássica, na medida em que as metataxes constituem uma classe distinta e na medida em que a estrutura da frase que elas modificam é considerada do ponto de vista da coleção de seus constituintes (sintagmas ou semas). A via privilegiada quanto à metáfora está na explicação da própria substituição como uma modificação que incide na coleção de semas particulares. Os metassememas são fenômenos de substituição (substituição de um semema por outro).¹⁷⁷ A originalidade da obra está na mudança de nível da análise que, ao trabalhar com semas, atuará no plano infralingüístico.

A conclusão de Paul Ricoeur é de que a *Nova Retórica*, reafirma a metáfora enquanto metassemema, ou seja, concebe-a como uma transformação que opera ao nível de cada elemento do discurso, de cada palavra.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Groupe μ, *Rhétorique Générale*, p. 34, apud. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 202.

¹⁷⁷ Groupe μ, *Rhétorique Générale*, p. 33 apud. Ibid., p. 245.

¹⁷⁸ Cf. Ibid., p. 218.

Capítulo III

A Frase Enquanto Unidade Metafórica

(O Nível da Frase)

Algumas obras de Platão, como *Crátilo*, *Teeteto* e o *Sofista*, sustentavam que a palavra isolada não é verdadeira, nem falsa. A polissemia da palavra exigia uma frase para concretizar sua significação¹⁷⁹. E até o mesmo Aristóteles argumentava na sua obra *Da Interpretação*, que apenas o vínculo entre um nome e um verbo produz o discurso¹⁸⁰. Este terceiro capítulo inscreve-se nesta tradição. Avançaremos juntamente com Paul Ricoeur, que propõe passar do estudo da metáfora como significado da palavra enquanto um *tropo*, para a significação da metáfora como uma predicação, uma atribuição no nível da frase.

A partir das definições de nominal e real de Leibniz, Paul Ricoeur explicita que a metáfora como transposição do nome não é falsa. Para Leibniz, a definição nominal permite identificar uma coisa, enquanto a definição real mostra como ela se dá. Neste sentido, as definições de Aristóteles e Pierre Fontanier, expostas no capítulo anterior, são nominais, pois permitem identificar a metáfora entre os outros *tropos*, limitando-se a identificar e classificá-la. Porém, quando a retórica procura as causas geradoras, ela já não considera somente a palavra, mas a frase.

Isto significa que a definição real de metáfora em termos de enunciado não pode eliminar a definição nominal em termos de palavra ou de nome, na medida em que a palavra continua a ser a portadora do efeito de sentido metafórico: “a palavra continua a ser o ‘foco’, mesmo que se procure o ‘quadro’ da frase”¹⁸¹. De qualquer maneira, a definição de Aristóteles

¹⁷⁹ Cf. PLATÃO, *Crátilo*, 425 a, 431 b-c; *Teeteto*, 206 d; *Sofista*, 261 d – 262 d.

¹⁸⁰ Cf. ARISTÓTELES, *Da interpretação*, 16 b 26-28.

¹⁸¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 108.

não é abolida por uma teoria que se refere mais ao lugar da metáfora na frase, mas pelo processo metafórico. E em última instância, é a palavra no processo metafórico que adquire significados.

É no *Estudo III - “A metáfora e a semântica do discurso”* - da obra *A Metáfora Viva*, que Paul Ricoeur nos leva a passar da análise da retórica, no nível semiótico, para o nível semântico. A semiótica considera a palavra num primeiro momento como um signo, mas um signo contextualizado no código lexical. Já a semântica considera a frase, como unidade portadora de significação completa e mínima.

Dividiremos este capítulo em dois tópicos, para explicar a abordagem da metáfora na frase. No primeiro, *“A metáfora entre a semiótica e a semântica do discurso”*, apresentaremos a importância de ir além do nível semiótico para compreender o fenômeno da linguagem, tendo como guia a distinção estabelecida por Benveniste, avançando na concepção de discurso, que é o ponto de partida para compreendermos a metáfora no nível da frase. No segundo, *“A Metáfora e a Semântica do Discurso”*, mostraremos a partir de Ricoeur, três contribuições da filosofia analítica anglo-saxônica à análise da semântica do discurso.

3.1. A Metáfora entre a Semiótica e a Semântica do Discurso

Ricoeur começa acentuando, a partir de Émile Benveniste, a relevância da escolha do termo *discurso*. Antes dele, no âmbito da lingüística, o discurso não era valorizado, pois este era inserido no nível da fala, que se opunha à língua, o que acabava por relegá-lo a uma dimensão secundária, sem consistência para explicar o fenômeno de linguagem.

A distinção entre as unidades da língua e da fala nasceu da consideração do autor de *Problemas de lingüística geral*¹⁸² sobre a diferença qualitativa de um lado da linguagem. Segundo ele, Saussure ao valorizar a língua e não a fala, excluiu do seu campo de reflexão a possibilidade da linguagem “produzir” algo diferente e transcendê-la, ou seja, enunciados inéditos, como livres combinações, a partir da estrutura, mas que não se resume a ela.

Além disso, Saussure ao considerar a língua como uma estrutura (sincronia) acaba por não compreender a história entendida como obra humana, como dinamismo original e criador que o ser humano realiza na produção da sua língua.

E por último, Saussure ao analisar a linguagem apenas na perspectiva da língua, exclui um aspecto que possivelmente estabelece a intenção primeira da linguagem e que deveríamos considerar como seu elemento constitutivo: *o dizer algo sobre algo*. A linguagem busca dizer algo, ela não se limita ao universo dos signos em sua relação de dependência interna, mas busca libertar-se da estrutura e atingir a realidade. Por isso, podemos afirmar que a linguagem tem um caráter duplo: uma intenção ideal (dizer algo) e uma referência real (sobre algo). A linguagem deixa de ser simples objeto, ela se constitui, sobretudo como mediação, pois é através dela que expressamos realidade.

Fica claro para Ricoeur que a análise lingüística de Saussure conseguiu a partir de uma decisão metodológica tornar-se científica e fundamentar o estatuto epistemológico para a

¹⁸² BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Générale, I*, Paris: Gallimard, 1966, p. 123, *apud* RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 116s.

linguística. Todavia, esta conquista pagou o preço de excluir aspectos importantes da linguagem, em especial aquilo que é o mais específico dessa experiência.

Paul Ricoeur, na tentativa de resgatar uma experiência mais compreensiva da linguagem, supera a antinomia da língua e da fala, seguindo o caminho aberto por Benveniste que distingue na linguagem duas dimensões: semiótica e semântica. A primeira é válida, e se refere aos signos, enquanto a segunda também é válida, com a diferença de que se refere à frase.

A semiótica é a ciência dos signos lingüísticos; a semântica é a ciência da frase e se refere diretamente ao conceito de significação. Uma é irreduzível à outra, refletindo lugares hierárquicos diversos. Se o signo é virtual, a frase ou enunciado é um genuíno evento de fala, não resulta da soma de signos, isto é, compõe-se de signos, mas em si mesma não é um signo.

A tese que sustenta essa distinção da semiótica e da semântica é a seguinte: “uma unidade lingüística qualquer não é recebida como tal senão quando se pode identificá-la em uma unidade superior”¹⁸³. Por exemplo, a palavra é uma unidade lingüística que pode ser decomposta em unidades fonéticas que são de nível inferior, por outro lado, entra como unidade significante e com outras unidades significantes, numa unidade de nível superior. A unidade de nível superior da língua é o que denominamos *frase* ou *discurso*. E ela não deriva da palavra, compreendida como lexema, isto é, em estado isolado, tal qual existe no código lexical, mas a própria palavra enquanto sentido é um constituinte da frase. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma de suas partes.

Esta diferenciação entre signo e frase nos permite avançar, mudar de nível na compreensão da linguagem. “Com a frase transpomos um limite, entramos num novo domínio”¹⁸⁴. Abandonar uma unidade estritamente semiótica que tem como referência o universo fechado das relações de dependência mútua entre os signos e aceder a uma nova

¹⁸³ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 110.

¹⁸⁴ BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Générale*, p. 128, *apud* Ibid., p. 111.

unidade de ordem semântica: a frase. Esta entidade diferente exige formas próprias de aproximação e descrição, que nos possibilita “o dizer”, isto é, através da linguagem direcionar-nos à realidade.

Segundo Ricoeur, no domínio do predicado não há muitas variedades de predicções: “É preciso reconhecer que o nível categoremático comporta apenas uma forma específica de enunciado lingüístico, a proposição”¹⁸⁵. Daí resulta que a frase (proposição) é a unidade do discurso, como conclui Benveniste, citado por Ricoeur: “A frase é a unidade do discurso”¹⁸⁶, e ainda: “A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação”¹⁸⁷. “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer, reproduzindo uma fórmula clássica, *nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione*”¹⁸⁸.

Para nosso filósofo, estas considerações de Benveniste têm conseqüências metodológicas importantes. A lingüística da língua se refere ao signo, a lingüística do discurso à frase. Esta última se forma e se configura na primeira. Aí começa a linguagem. Como diz nosso filósofo “...a distinção entre semântica e semiótica é a chave de todo o problema da linguagem...”¹⁸⁹.

Paul Ricoeur, ainda seguindo o estudo de Benveniste, expõe alguns traços do discurso que apontam para a especificidade da lingüística da frase ou semântica. Tais traços, em conjunto, contribuem para afirmar que a linguagem precisa ser compreendida como discurso.

O primeiro traço é que o discurso é evento de linguagem temporal, do tempo presente, oposto à virtualidade do sistema. Ora, aquilo que parece ser a fraqueza do discurso, como se fosse um evento passageiro, mostra-se como a condição de existência da língua, pois são os

¹⁸⁵ BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Gènèral*, p. 129, *apud* RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 111.

¹⁸⁶ BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Gènèral*, p. 130, *apud* Id.

¹⁸⁷ BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Gènèral*, p. 130, *apud* Id.

¹⁸⁸ BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Gènèral*, p. 131, *apud* Ibid., p. 112.

¹⁸⁹ Ibid., p. 115.

atos de discurso que atualizam o código. Além do mais, o ato de discurso não é simplesmente transitório, porque pode ser identificado e re-identificado por seu conteúdo proposicional, que tem relação direta com a questão da predicação, como o lado *objetivo* do evento da fala. Mas evento e significação têm de ser vistos numa relação dialética, pois, se todo discurso se atualiza como um evento, todo discurso é compreendido como significação¹⁹⁰. E a significação se liga ao conteúdo proposicional. Com isso, o evento é superado dialeticamente na significação.

Um segundo traço é que no discurso, certas significações são escolhidas a partir da exclusão de outras, isto é, o discurso acontece mediante uma sequência de escolhas livres. Essas escolhas das significações no discurso manifestam uma potencialidade aberta da linguagem que contrasta com a necessária combinação do sistema. As novas combinações das significações constituem propriamente o ato de fala: a emissão e a compreensão de frases inéditas.

Um terceiro traço é que o discurso re-envia ao seu locutor por uma série de indicadores, sendo, portanto, auto-referencial. Com efeito, a significação aponta para aquele que fala, e também para aquilo que ele fala. O significado da enunciação aponta para o significado do locutor, pela auto-referência do discurso a si mesmo enquanto evento, pois o evento é alguém falando. Nesse sentido, Paul Ricoeur mostra o quanto foi valiosa a contribuição da *Teoria dos atos de fala* ou de linguagem de Austin e Searle (atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário) para quem, em todo evento de fala, dizemos, fazemos algo ao dizer e produzimos efeitos pelo fato de dizer.¹⁹¹

O quarto traço próprio do discurso é que ele é o lugar onde todas as mensagens são trocadas, re-enviando a um interlocutor. Há outro falante ao qual o ato de fala se endereça e essa relação intersubjetiva constitui a linguagem como comunicação e, sobretudo, como

¹⁹⁰ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 113.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 118.

comunicação da vivência de cada um. A linguagem como discurso aparece então como a instância do diálogo. E o que é comunicado em primeiro lugar no evento de diálogo é um conteúdo proposicional (ato locucionário), que, para ser entendido, recorre a gestos, além de filtrar no contexto a polissemia das palavras. Mas o ato ilocucionário também possui marcas lingüísticas contidas, sobretudo, no modo dos verbos. Já o ato perlocucionário seria o aspecto menos comunicável do ato de linguagem.

O último traço do discurso é que ele sempre se refere a um mundo, ao qual pretende descrever, exprimir, representar. Nesse sentido, ele atualiza a função simbólica da linguagem. É aqui também que aparece uma nova dialética do discurso, entre o significado e a referência. Se a significação foi assumida como o lado *objetivo* do ato de discurso, podemos agora perceber que essa objetividade pode ser vista de dois modos: quando se trata do *que* do discurso, temos o seu significado; quando se trata do *acerca do que*, temos a referência. O significado é imanente ao discurso e objetivo enquanto exprime uma *idéia* que pode ser compreendida por outrem. Já a referência, ela se põe no movimento de auto-transcendência da linguagem, apontando para o outro dela: o *mundo*. Ricoeur cita Benveniste:

Com o signo, alcança-se a realidade intrínseca da língua; com a frase está-se ligado às coisas fora da língua; e, enquanto o signo tem como contrapartida constituinte o significado que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação do discurso e à atitude do locutor.¹⁹²

¹⁹² BENVENISTE, Émile, *Problèmes de Linguistique Générale*, p. 36, apud RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 120.

3.2. A Metáfora e a Semântica do Discurso

O que nos interessa aqui, não é penetrar nessas complexas imbricações entre semiótica e semântica, mas conectar neste eixo de orientação semântico os resultados da filosofia analítica anglo-saxônica, que omitem a abordagem lingüística do discurso, na medida em que isto permite atingir diretamente os traços próprios do discurso, sem que haja necessidade de opô-los a alguma outra coisa, como ocorre na oposição língua-fala, própria da lingüística.

A escola de filosofia analítica anglo-saxônica (como se vê na *linguistic analysis*, feita por lógicos e epistemólogos) citada por Paul Ricoeur, é encabeçada por I. A. Richards, Max Black e Monroe Beardsley. Segundo nosso autor, “os pontos de vista aparentemente diferentes representados por cada um deles [...] podem ser postos sob o signo da semântica da frase...”¹⁹³. Pois esses pensadores aos poucos passaram a perceber que o uso da metáfora como uma conversão do significado próprio de um nome num outro significado, só pode ser sustentado por esse nome em virtude de uma comparação que reside na frase e que a mente capta. Para tanto, entra em cena a escola anglo-saxônica, com um esquema lógico-filosófico que sustenta uma nova compreensão da metáfora, desenvolvendo o estudo da mesma como um enunciado, embora não fundamente a teoria metafórica na lingüística, mas na lógica; especificamente na lógica proposicional, que leva em consideração a frase, não a palavra, e desenvolve a metáfora com as características de um enunciado, dentro do esquema de predicação.

A abertura da semântica da palavra rumo à semântica da frase se opera, segundo Paul Ricoeur, pelos caracteres propriamente contextuais da palavra. A palavra real, a palavra como ocorrência dentro de uma frase, é algo totalmente distinto, seu significado é inseparável de

¹⁹³ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 11.

sua capacidade de ser o integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional.

A escola anglo-saxônica enquadra a metáfora nos domínios do sintagma. Suas bases, em nível de enunciado, isto é, de predicação, se encontram na retórica de Richards, na gramática lógica de Max Black, e na crítica literária de Monroe Beardsley. Vejamos como Paul Ricoeur nos apresenta as contribuições destes autores para uma melhor compreensão da metáfora.

3.2.1. A metáfora na retórica de I. A. Richards

Segundo Ricoeur, a obra *The Philosophy of Rhetoric* de I. A. Richards¹⁹⁴ não se insere dentro da tradição da semântica da frase, mas radicaliza mais a concepção linguística de E. Benveniste, que dá primazia a frase.

Richards adota uma definição de retórica onde não é difícil mostrar que subjaz uma concepção semântica. Ele toma sua definição de retórica de um dos últimos grandes tratados ingleses do século XVIII, o do arcebispo Whateley: “a retórica é uma disciplina filosófica que visa ao domínio das leis fundamentais do uso da linguagem”¹⁹⁵.

Tal definição restitui a amplitude da retórica grega a partir de cada um dos seus elementos. Ao mesmo tempo em que insiste no emprego das leis fundamentais do uso da linguagem, Richards situa a retórica no plano propriamente verbal da compreensão e da comunicação, isto é, numa teoria do discurso que radicaliza mais a concepção linguística de E. Benveniste, que dá primazia a frase.

A retórica renovada de Richards tem como principal interesse da retórica a comunicação, e não a persuasão, apresentando um tipo de estudo da competência

¹⁹⁴ RICHARDS, I. A., *The Philosophy of Rhetoric*, Oxford, Oxford University Press, 1971.

¹⁹⁵ RICHARDS, I. A., *The Philosophy of Rhetoric*, p. 7 apud. RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 123.

comunicativa, uma análise dos “equivocos e de seus remédios”¹⁹⁶. E é neste sentido que todo o projeto retórico do autor é dedicado a restabelecer os direitos do discurso a expensas das da palavra, renunciando à identificação entre palavra e ideia. Além disso, Richards mostrava-se hostil às taxionomias disponíveis da retórica clássica que conferia à metáfora um valor absoluto, como aqueles significados das palavras que são figuras substituíveis, sem qualquer referência que pode se opor à metonímia à sinédoque.

A análise de Richards volta-se contra a distinção cardeal em retórica clássica entre sentido próprio e sentido figurado. Revertendo a relação de prioridade entre a palavra e a frase, para ele, as palavras não têm significação própria dentro da língua; elas não possuem nenhum sentido em si mesmo; somente no discurso tomado como um todo, isto é, na interação dos contextos de fala, é que a palavra transmite o sentido de maneira indivisa. É o discurso o portador-distribuidor do sentido das palavras. É, em nome de uma teoria francamente contextual do sentido – teoria resumida no “teorema contextual da significação”¹⁹⁷– que Richards pode condenar a noção de sentido próprio:

O discurso subordina o sentido atual da palavra ao sentido totalmente circunstancial da frase, mas não o dissolve nela. É que, nele, a semântica permanece em tensão com uma semiótica que assegura a identidade dos signos por meio de suas diferenças e de oposições. [...] Com I. A. Richards, entramos em uma semântica da metáfora que ignora a dualidade de uma teoria dos signos e de uma teoria da instância de discurso, e que se edifica sobre a tese da interanimação de palavras na enunciação viva. A retórica como “estudo da incompreensão e dos remédios propostos a ela” (p. 3) deve ensinar a dominar os deslocamentos de significação que asseguram a eficácia da linguagem.¹⁹⁸

I. A. Richards explicita na conferência intitulada “L’Interanimation des mots” a configuração constitutiva da linguagem que “se edifica sobre a tese da interanimação de palavras na enunciação viva”¹⁹⁹. E é sobre essa teoria da interpenetração das partes do discurso que se edificará a teoria da interação, própria à metáfora.

¹⁹⁶ RICHARDS, I. A., *The Philosophy of Rhetoric*, p. 3 *apud*. Ibid., p. 127.

¹⁹⁷ RICHARDS, I. A., *The Philosophy of Rhetoric*, p. 40, *apud* RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 124.

¹⁹⁸ Ibid., p. 127.

¹⁹⁹ Ibid., p. 126.

É a partir deste tipo de posicionamentos que uma teoria da interação começa a se desenvolver, no contraponto de uma concepção puramente substitutiva de metáfora.

Em “*The meaning of meaning*”, escrito em parceria com C.K. Ogden, I. A. Richards considerou a metáfora como o uso de uma referência a um grupo de coisas que estão relacionadas segundo uma forma particular, para descobrir uma relação similar em outro grupo²⁰⁰. O que torna o funcionamento e o próprio pensamento metafórico por excelência. É exatamente para tal clarificação que se voltam as duas conferências consagradas por Richards à metáfora (V e VI conferências).

Em primeiro lugar, contrariamente a Aristóteles, que considerava o domínio da metáfora dom de gênio que não pode ser ensinado, para I. A. Richards, a linguagem é vitalmente metafórica; por isso, a metáfora longe de ser um desvio em relação à operação comum da linguagem,

Longe de ser um desvio em relação à operação comum da linguagem, a metáfora é o princípio onipresente em toda a sua ação livre; não constitui um poder adicional, mas a forma constitutiva da linguagem, [...] a metáfora diz respeito às próprias profundidades da interação verbal.²⁰¹

No contexto da frase, a metáfora aparece mantendo

dois pensamentos de coisas diferentes simultaneamente ativas no seio de uma palavra ou de uma expressão simples, cuja significação é resultante de sua interação. Não se trata de um simples deslocamento de palavras, mas de um comércio entre pensamentos, isto é, de uma transação entre contextos.²⁰²

Para I. A. Richards, a metáfora que aparece como tal no contexto da frase mantém dois significados diferentes, mas simultaneamente ativos, no interior de uma palavra ou de uma expressão simples cuja significação é resultante da sua interação. Dois pensamentos estão entre si como uma ideia que aparece em primeiro lugar e uma ideia subjacente que aparece

²⁰⁰ Cf. OGDEN, CHARLES KAY, IVOR, ARMSTRONG, RICHARDS, *The Meaning of Meaning*. London, Routledge and Kegan Paul, 1930, p. 213.

²⁰¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 128.

²⁰² *Ibid.*, p. 129.

através da primeira. Por isso, propôs denominar “conteúdo” (tenor) a idéia subjacente, e “veículo” (vehicle) a idéia sob cujo signo a primeira é apreendida.

Mas importa notar justamente que a metáfora não é o “veículo”: ela é o todo constituído pelas duas metades. A metáfora resulta da co-presença e da interação dos dois termos. Por consequência, o “conteúdo” não pode conservar-se inalterado e o “veículo” não deve ser tomado como mera veste ou ornamento. É por intermédio da tensão que tanto a semelhança como a diferença entram em jogo e, porventura, a alteração que o “veículo” imprime no “conteúdo” deve-se muito mais à diferença do que à semelhança.

Por essa concepção de algum modo psicológica da metáfora, se poderia supor, segundo Paul Ricoeur, que todo par de pensamentos abreviados numa única expressão, constituiria uma metáfora. Para evitar esse tipo de generalização psicológica, Richards introduz a noção de desnivelamento, ou seja, o processo metafórico, no qual dois pensamentos pertencem a níveis distintos, no sentido de que se descreve um pelos traços do outro. Este desnível entre duas ideias que aparecem simultaneamente faz o caráter próprio da metáfora, que assim fica diferenciada de qualquer outra ideia que, como tal, na frase, segundo Richards, é sempre resultado do contexto, isto é da interação.²⁰³

Em suma, Richards considera que as palavras não têm significações próprias. Só no contexto ou em situação discursiva, diz ele, elas adquirem significado. Ele nasce da interação entre as palavras. O mesmo se pode dizer da metáfora. Ela se constrói na interação entre as partes do discurso. E por isso, se pode afirmar que a metáfora é o princípio omnipresente em toda a sua ação livre da constituição da linguagem.²⁰⁴

²⁰³ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 129.

²⁰⁴ Cf. *Ibid.*, p. 124.

3.2.2. A metáfora na gramática lógica de Max Black

A teoria da interação consolida-se nos anos sessenta com a obra *Models and Metaphors* de Max Black²⁰⁵, seguindo a mesma linha dos anos trinta da filosofia da retórica de I.A. Richards. Porém, o seu ponto de partida não é mais a retórica, ele não pretende restaurar a velha retórica, como fizera Richards, mas trabalhar no que denomina a “gramática lógica”. Mesmo assim, ele afirma a teoria da interação ao dar primazia à frase opondo-se a uma concepção substitutiva da metáfora. Segundo Ricoeur, Max Black descreve melhor do que Richards a estrutura do enunciado metafórico, e também do funcionamento da interação de tal enunciado.²⁰⁶

A gramática lógica da metáfora de Max Black procura responder a uma série de questões: com quais critérios reconhecemos uma metáfora? Quais os efeitos da metáfora? A metáfora é ou não um simples ornamento?

Essas questões condensam as teses essenciais de uma análise semântica, que se estabelece no nível do enunciado como um todo, para dar conta de uma mudança de significado que se concentra na palavra. Ele busca explicar o problema da inovação do sentido. E é a partir da questão “como reconhecer uma metáfora?” que ele elabora sua teoria sobre a metáfora.

Essa teoria da metáfora elaborada por Max Black, segundo Ricoeur, supõe um grande avanço, sendo três as grandes contribuições. A primeira grande contribuição, diz respeito à estrutura do enunciado metafórico: “é um enunciado inteiro que constitui a metáfora, mas a atenção concentra-se em uma palavra particular cuja presença justifica que se considere o enunciado metafórico”²⁰⁷. Mas afinal, o que é a metáfora para Max Black?

²⁰⁵ Cf. BLACK, Max, *Models and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1962.

²⁰⁶ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 135.

²⁰⁷ Id.

Diremos, que a metáfora é uma frase, ou uma expressão do mesmo gênero, na qual certas palavras são empregadas metaforicamente e outras não. [...] A definição acima permite isolar a palavra metafórica do resto da frase; fala-se então de fenômeno de *focus* para designar essa palavra e de *frame* para designar o resto da frase; essas expressões têm a vantagem de exprimir diretamente o fenômeno de focalização sobre uma palavra sem, contudo, retornar à ilusão de que as palavras têm em si mesmas um sentido.²⁰⁸

Para Max Black é o enunciado inteiro que constitui a metáfora, mas a atenção concentra-se em uma palavra particular, cuja presença justifica que se considere todo o enunciado metafórico.

A vantagem da teoria de Max Black é que sua definição de metáfora permite isolar a palavra metafórica do resto da frase. O nome dado a esse fenômeno é *focus*, para designar a palavra, e *frame*, contexto, quadro, marco, para designar o resto da frase. Assim, a metáfora é uma frase ou uma expressão do mesmo gênero, na qual certas palavras são empregadas metaforicamente e outras não. Esse traço permite distinguir a metáfora da alegoria, do enigma, do provérbio, nos quais todas as palavras são empregadas metaforicamente.

A segunda contribuição segundo Ricoeur do trabalho de Max Black é apresentar uma novidade no que se refere à “instauração de uma fronteira ampliada entre a teoria da interação, [...], e as teorias clássicas, que o autor reparte em dois grupos: uma concepção substitutiva e uma concepção comparatista da metáfora”²⁰⁹.

Para Black, a teoria tradicional da metáfora como substituição implica que a metáfora não traz informação nova, pois a substituição ou explicitação da palavra por outra (paráfrase exaustiva) acaba com o ornamento afirmando simplesmente um sentido literal; ou como catacrese, que é o uso de um termo “impróprio” que carrega um sentido que não tem significante próprio. A metáfora, como tal, preenche um vazio de vocabulário, mas desaparece enquanto metáfora, pois também funciona como uma expressão literal; ou então,

²⁰⁸ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, pp. 134-136.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 136.

como um “simples ornamento do discurso, que dá ao ouvinte o prazer da surpresa, do fingimento, ou da expressão carregada de imagens”²¹⁰.

Já a teoria tradicional da metáfora como comparação, para Max Black, é um caso particular da teoria da substituição: “explicar a razão de uma analogia é produzir uma comparação literal, que é considerada equivalente ao enunciado metafórico e pode, portanto, ser-lhe substituída”²¹¹.

Apenas a teoria da interação confronta as teorias da substituição e da comparação, pois enfatiza que “a metáfora sendo insubstituível, é também intraduzível ‘sem perda de conteúdo cognitivo’; sendo intraduzível, é portadora de informação, logo ela ensina”²¹².

Passemos agora para à terceira grande contribuição de Max Black, que diz respeito ao próprio funcionamento da interação. Ele procura explicar como o contexto, frame ou quadro age sobre o termo focalizado (*focus*), para suscitar nele uma nova significação, não se reduzindo ao uso literal e à paráfrase exaustiva:

Seja a metáfora ‘o homem é um lobo’. O foco – lobo – opera não sobre a base de sua significação lexical corrente, mas em virtude do ‘sistema de lugares comuns associados’ (p. 40), isto é, em virtude das opiniões e dos preconceitos em relação aos quais o locutor de uma comunidade lingüística se encontra envolvido, pelo único fato de que ele fala; este sistema de lugares comuns é acrescido aos usos literais da palavra que governam as regras sintáticas e semânticas, para formar um sistema de implicações próprio e uma evocação mais ou menos fácil e mais ou menos livre. Denominar um homem um lobo é evocar o sistema lupino de lugares comuns correspondentes. Por um efeito de filtro (p. 39) ou de tela (p. 41), ‘a metáfora – lobo – suprime certos detalhes e acentua outros; em síntese, organiza nossa visão de homem’.²¹³

Na perspectiva de Max Black, a novidade da metáfora é que ela não funciona sobre a significação lexical corrente, mas sobre um *sistema de lugares comuns associados*. Isto é, a

²¹⁰ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 137.

²¹¹ Id.

²¹² Ibid., p. 139.

²¹³ Id. As páginas citadas são referentes à obra de BLACK, Max, *Models and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1962.

metáfora é considerada como um *filtro* ou *tela*, que evita o sentido lexical e subtrai os sentidos do *sistema de lugares comuns associadas*. É por isso, que representa um *insight*.

Ricoeur adverte com precisão que recorrer a “lugares comuns associados” é referir-se a significações já dadas, com o qual cai a novidade de sentido da metáfora. Porém, também adverte Ricoeur sobre a retificação de Black – que é quase a negação de sua própria concepção:

As metáforas podem ser sustentadas por sistemas de implicações especialmente construídas, assim como por lugares comuns já recebidos”. (...) No resumo final em forma de teses, o autor [Max Black] declara: “As implicações associadas constituem em primeiro lugar em lugares comuns a propósito do sujeito subsidiário, porém, em casos convenientes, podem consistir em implicações desviadas estabelecidas pelo escrito para as necessidades da causa.”²¹⁴

Ele recorre, porém, ao conceito de *sistema de lugares comuns associados*, voltando-se para as conotações já estabelecidas. No entanto, nosso filósofo pensa que os *lugares comuns associados* não dão conta das novas configurações e implicações de uma *metáfora viva*²¹⁵. Seria difícil compreender as metáforas nesse *sistema de lugares comuns*.

Em síntese, segundo Ricoeur, na predicação metafórica não conectamos efetivamente um “lugar comum associado” ao sentido literal da palavra, para concentrar assim, por provocação da frase (*frame*: marco) o metafórico, o duplo sentido, em uma palavra (*focus*: foco, centro). Também aqui, segundo podemos ver, a frase finalmente adverte sobre a presença de uma variação de sentido na palavra, que na análise resulta do acréscimo de um elemento de sentido já dado na língua, como código partilhado por uma comunidade.

O que dizem as expressões *frame* e *focus* podem sem dúvida ser aceite na concepção de Ricoeur, sob a condição de que se respeite a novidade-atual que acontece na metáfora-frase – que não é então mera marca para advertir um desvio de sentido.

²¹⁴ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 140-141.

²¹⁵ *Metáfora Viva* em oposição às metáforas mortas ou aos termos que aparecem nos dicionários, por exemplo: pé-da-mesa.

Na frase (frame) do discurso nasce um sentido novo que se formou na palavra (focus). O que nasce se concentra na palavra, seu nascer é na frase: um novo-sentido (focus) *in statu nascendi* (frame). Um novo sentido forma na palavra, em seu “corpo” (significante) e emergindo a partir da sua “alma” (significado). No final deste processo um novo sentido no seio daquele significante, com certa familiaridade com o sentido já dado (ou os sentidos já dados) anteriormente – polissemia. E por princípio, tal novo sentido poderia ter seu próprio significante, ainda que, em rigor, por princípio de economia da língua faz que este acumule sentidos em um mesmo significante – catacrese. A metáfora não é polissemia, nem catacrese: estas são o final, na língua, da metáfora que começou viva, isto é, o final, ao passar a metáfora para o estado de metáfora banal – não há um arremate de novo sentido, porém pela reiteração no uso, não se adverte o choque da impertinência semântica, até o fenômeno se transformar numa metáfora morta.

Além destes aspectos positivos da teoria de Max Black, nosso filósofo destaca outros: a aproximação entre modelo e metáfora; a abertura da metáfora a uma lógica da invenção; a postulação de um conteúdo cognitivo novo. Apesar disso, para Paul Ricoeur, Max Black não responde à pergunta importante: por que as metáforas trazem implicações inusitadas dentro de um contexto (quadro)?

3.2.3. A metáfora na crítica literária de Monroe Beardsley

Sobre a mesma trilha de Max Black e I. A. Richards, expostos anteriormente, caminha a *crítica literária* ou estética de Monroe Beardsley, que busca, no entanto, retomar e responder a algumas questões deixadas sem resposta. A obra que enraíza no solo comum da semântica da frase é *Aesthetics*²¹⁶.

²¹⁶ Cf. BEARDSLEY, Monroe, *Aesthetics*, New York/Harcourt, Brace and World, 1958.

A diferença de perspectiva é que Monroe Beardsley focaliza a atenção sobre a obra literária e constrói uma definição puramente semântica da literatura, pois esta se apresenta como uma entidade lingüística, segundo ele, homogênea à frase: “menor unidade completa de discurso”²¹⁷.

Monroe Beardsley, focalizando a atenção sobre a distinção interna à significação, estabelece a diferença entre significação primária e secundária. A primeira é o que a frase “afirma explicitamente”, a segunda, é o que a frase “sugere” implicitamente.²¹⁸ Assim sendo, a palavra tem significação em estado isolado, mas continua a ser uma parte da frase que só se pode definir e compreender em relação à frase real ou possível. Portanto, o significado primário é aquele que recorre às significações lexicais registradas de uma palavra, as que constituem a designação. Já o significado secundário ou figurado não é um desvio de sentido, mas o sentido construído no enunciado completo, ou seja, a sua conotação. Trata-se de significações inteiramente contextuais.

Na linguagem ordinária, jamais se efetua em um contexto particular a “gama completa de conotações”, mas uma parte escolhida dessa gama: a “conotação contextual” da palavra²¹⁹. No caso da linguagem técnica e científica, o significado precisa estar explícito, e são as palavras que eliminam as conotações não desejáveis.

No entanto, em outros contextos ou discursos, as conotações das palavras são liberadas; é o caso da literatura. Nela, a linguagem se torna figurativa, as palavras adquirem sentidos múltiplos (não há ambigüidade), pois duas ou mais conotações são possíveis e o contexto não fornece razão para decidir entre elas. Portanto, a literatura comporta uma definição semântica, isto é, uma definição em termos de significações.

²¹⁷ BEARDSLEY, Monroe, *Aesthetics*, p. 115, *apud* RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 143.

²¹⁸ Cf. Id.

²¹⁹ Cf. BEARDSLEY, Monroe, *Aesthetics*, p. 125, *apud* Ibid., p. 144.

Na literatura as significações podem ser deduzidas das equivalências de significações secundárias implícitas ou sugeridas que um discurso comporta: “uma obra literária é um discurso que comporta uma parte importante de significações implícitas”²²⁰.

Mas a obra literária não é somente uma entidade lingüística que se insere no nível da frase e que difere dela apenas pela extensão; é também uma totalidade organizada em um nível próprio, tal qual se pode distinguir entre várias classes de obras: poemas, ensaios, ficções em prosa, etc. É justamente por isso que a obra literária pode ser entendida em dois sentidos diferentes.

O primeiro sentido de uma obra literária está na própria configuração discursiva, isto é, enquanto cadeia inteligível de palavras. O segundo sentido, é que a obra literária faz referência a um “mundo da obra”: aquilo que é narrado, o caráter, os sentimentos que exhibe, o que é projetado, no sentido do alcance ontológico de uma obra.²²¹

Apesar desses dois sentidos diferentes, a crítica literária detém-se no nível semântico, pois, seja a obra configuração discursiva, seja referência narrativa, em ambas as perspectivas o fundamento está na semântica da frase, “na medida em que [o mundo da obra] existe como o que é tencionado ou projetado pelas palavras, as palavras são as coisas que são necessárias considerar como primeiras”²²².

A crítica literária define-se em relação às obras (poemas, ensaios, ficção em prosa) e é no interior do campo assim delimitado que se apresenta a questão da definição puramente semântica da literatura e, com ela, da metáfora.

Segundo Ricoeur, é importante destacar que Beardsley introduz o problema da metáfora de forma indireta. “A explicação da metáfora é destinada a servir de *banco de ensaios (test case)* para um problema mais vasto, o da explicação aplicada à própria obra

²²⁰ BEARDSLEY, Monroe, *Aesthetics*, p. 126, *apud* RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 145.

²²¹ Cf. Id.

²²² BEARDSLEY, Monroe, *Aesthetics*, p. 126, *apud* Ibid., p. 115.

tomada como um todo”²²³. Assim, a metáfora é compreendida como um *poema em miniatura*, o que implica afirmar os núcleos das significações poéticas, que pode igualmente estender da explicação da metáfora para a explicação de entidades mais vastas, tais como o poema inteiro, ou até mesmo uma obra.²²⁴

Uma metáfora possui uma multiplicidade potencial de conotações. Para Paul Ricoeur, essa contribuição positiva de metáfora é atribuída por Monroe Beardsley “ao absurdo lógico, no nível da significação primária, enquanto meio de liberar a significação secundária. A metáfora não é senão uma das táticas que resultam de uma estratégia geral: sugerir alguma outra coisa do que aquilo que é afirmado”²²⁵.

No quadro da teoria de Monroe Beardsley, a metáfora seria uma construção inovadora na instância do discurso, onde os significados secundários se entrecruzam em uma colisão de distintos campos semânticos. Conforme Ricoeur,

é o conflito entre designações no nível primário da significação, que induz o leitor a extrair do leque inteiro de conotações, as significações secundárias suscetíveis de fazer de um enunciado uma ‘atribuição autocontraditória significante’.²²⁶

Portanto, no trabalho da busca pelo sentido é o leitor que elabora as conotações das palavras suscetíveis de fazer sentido. É um traço significativo da linguagem viva poder levar sempre mais longe a fronteira do não-sentido. Ainda Ricoeur:

Talvez não existam palavras tão incompatíveis que um poeta não possa lançar uma ponte entre elas. O poder de criar novas significações contextuais parece ser ilimitado, e tais atribuições aparentemente “insensatas” (non-sensical) podem fazer sentido em algum contexto inesperado. O homem que fala jamais esgotará os recursos conotativos de suas palavras.²²⁷

Assim, a explicação de uma metáfora é regulada por dois princípios. O primeiro, é o da conveniência ou congruência: trata-se de “decidir” qual, entre as conotações do

²²³ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 147.

²²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 148.

²²⁵ *Ibid.*, p. 149. Absurdo lógico é a tática da poesia para alcançar a significação secundária, isto é, uma atribuição autocontraditória

²²⁶ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 150.

²²⁷ *Id.*

modificador, convém ao tema. Seleciona-se, na leitura de uma frase poética, a amplitude do leque de conotações, até ao ponto de reter apenas as de significações secundárias suscetíveis de sobreviver no contexto total. O segundo princípio corrige o primeiro: é o princípio da plenitude: todas as conotações que podem “ajustar-se” ao restante do contexto devem ser atribuídas ao poema: este “significa tudo o que pode significar”. Isto é, duas ou mais significações podem ser atribuídas a um discurso poético, desde que seja capaz de ser extraído, com a condição de não introduzir significação à força.²²⁸

Ao conferir ao absurdo lógico um papel tão decisivo, Paul Ricoeur considera que Monroe Beardsley acentua o caráter de invenção e de inovação do enunciado metafórico. Com uma dupla vantagem: de um lado, a velha oposição entre *sentido figurado* e *sentido próprio* recebe uma base inteiramente nova. Passando a ser sentido próprio ou sentido do enunciado que apenas recorre às significações lexicais registradas de uma palavra, as que constituem sua designação. Já o sentido figurado, as significações inteiramente contextuais, elas são “significações emergentes” que existem somente no discurso, e não no dicionário. “A primeira vez que uma metáfora é construída, o modificador recebe uma conotação que não tinha até esse momento”²²⁹.

Uma nova metáfora surge momentaneamente da linguagem como uma inovação semântica, isto é, ela não é extraída de nada, é criação. E isto é problematizado por Ricoeur: “como podemos falar de *inovação semântica* ou de *acontecimento semântico*, como de uma significação semântica suscetível de ser identificada e re-identificada”²³⁰?

Em suma, cabe ao leitor, construir e reconstruir a novidade de uma significação emergente como obra instantânea.

A metáfora é, então, um acontecimento semântico que se produz no ponto de intersecção entre vários campos semânticos. Esta construção é o meio pelo qual todas as palavras tomadas conjuntamente recebem sentido. Então, e

²²⁸ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 151.

²²⁹ Ibid., p. 153.

²³⁰ Ibid., p. 154.

somente então, a *torção* metafórica é simultaneamente um acontecimento e uma significação, um acontecimento significante, uma significação emergente criada pela linguagem.²³¹

A colisão semântica confere à atribuição metafórica não somente um caráter singular, mas um caráter construído; não há metáfora no dicionário, ela não existe senão no discurso.

No discurso metafórico, a ação contextual cria uma nova significação que tem justamente o estatuto de acontecimento, na medida em que existe somente nesse contexto. Mas, ao mesmo tempo, pode-se identificá-la como a mesma, na medida em que sua construção pode ser repetida; assim, a inovação de uma significação emergente pode ser considerada uma criação lingüística.

²³¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 155.

Capítulo IV

A Ontologia da Linguagem Metafórica

(O Nível do Discurso)

Pela “via longa” da retórica à semântica e desta a hermenêutica chegamos, juntamente com Paul Ricoeur, ao último capítulo d’*A Metáfora Viva*, onde há a explicitação dos pressupostos filosóficos que sustentaram toda reflexão anterior sobre a metáfora.

A questão central que nosso autor formula no *Estudo VIII* é: “qual filosofia está implicada no movimento que conduz a investigação da retórica à semântica e do sentido à referência?”²³². Ricoeur responde, tematizando os pressupostos da hermenêutica e da semântica que permitiram “referir para a cópula, tomada no sentido de *ser-como*, o objetivo ontológico da enunciação metafórica”²³³. Pois, o “é” metafórico significa ao mesmo tempo o “não-é” do sentido literal, tornando-se assim um “é-como”. Ou seja, a verdade tensional da metáfora nos leva ao “‘*lugar*’ mais íntimo e último da própria metáfora, que não é o nome, nem a frase ou mesmo o discurso, mas a cópula do verbo *ser*”²³⁴.

Paul Ricoeur pensa que a forma como os autores com quem ele dialogou nos *Estudos I* a *VII* articularam a reflexão sobre a metáfora a partir da retórica, semântica e hermenêutica, é incompleta, pois não abordaram de modo suficiente a problemática, não conseguiram estabelecer as condições de possibilidade da referência e do significado geral da linguagem; em suma, não instituíram a “*ontologia explícita*” da enunciação metafórica. Para Paul Ricoeur, não conseguiram porque não podiam instituir a ontologia: somente a reflexão

²³² RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 391.

²³³ Id.

²³⁴ *Ibid.*, p. 14.

filosófica, portanto especulativa, pode buscar os postulados da linguagem, principalmente da linguagem de referência metafórica, própria da visada semântica da poética.

A metáfora, remodelando nosso campo semântico e nos tirando de nossas práticas lingüísticas habituais, desloca-nos para a pura facticidade ontológica de nossa pertença ao mundo. O *ser-como* desvelado pela enunciação metafórica problematiza a questão ontológica e também a questão da pluralidade e unidade dos modos de discursos – poético, científico, religioso, especulativo, etc. De tal modo, que Ricoeur propõe superar a “concepção sugerida por Wittgenstein de uma heterogeneidade radical dos jogos de linguagem, que tornaria impossíveis os casos de intersecção [dos discursos]”²³⁵. Em lugar dos jogos de linguagem, Ricoeur elabora a noção de “*discursividade*”, que admite um pluralismo de modos e de níveis de discursos, reconhecendo a descontinuidade e a independência dos discursos entre si, e em especial a descontinuidade e autonomia do filosófico em relação ao poético.

Para Ricoeur, um discurso não pode superar outro, muito menos ocupar-lhe o lugar. Cada discurso é diferente e autônomo. O discurso filosófico tem uma característica fundamental: busca o desenvolvimento de uma ontologia explícita, sobre cuja base se podem elaborar e instaurar os modelos de interação entre diferentes modos de discurso.²³⁶ A tarefa do discurso especulativo, no que diz respeito à linguagem metafórica, é articular esse “é” e “não-é” da linguagem poética com os recursos próprios da linguagem especulativa. O ato filosófico, como foi dito, explicita a ontologia subjacente no enunciado metafórico.

Dividiremos este capítulo em três tópicos. No primeiro, apresentaremos brevemente os três parágrafos d’*A Metáfora Viva* que trabalham a defesa d’*a descontinuidade entre discurso especulativo e poético*, com o objetivo de esclarecer a relação existente entre ambos os tipos de linguagem: poético e especulativo. No segundo tópico, apresentaremos os parágrafos d’*A intersecção das esferas de discurso*; e, logo em seguida, no nosso terceiro tópico, os

²³⁵ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 392.

²³⁶ Cf. Id.

parágrafos da *Explicitação ontológica do postulado da referência*, lembrando que a questão que estamos respondendo neste capítulo é a mesma que Paul Ricoeur coloca como central no capítulo VIII: qual é o pressuposto filosófico da referência do discurso metafórico?

4.1. A Descontinuidade entre Discurso Especulativo e Poético

O discurso especulativo, apesar de explicitar a ontologia subjacente do enunciado metafórico, não provém direta nem indiretamente da poética; pelo contrário, o discurso filosófico é independente. Para explicitar esta descontinuidade entre o discurso especulativo e o poético, Ricoeur trabalha com três reflexões que servem como contraexemplos, pois, apresentam-se como modos errôneos de compreender a conexão entre o discurso especulativo e o metafórico. Os três contraexemplos são: a filosofia de Aristóteles, a ontoteologia de Tomás de Aquino e a ontologia de Heidegger.

4.1.1. A Filosofia de Aristóteles

O primeiro contraexemplo, Ricoeur encontra-o na filosofia de Aristóteles, especificamente na doutrina da unidade analógica das significações múltiplas do ser, antecessora da doutrina medieval da analogia do ser. A compreensão comumente aceita é que a analogia está presente tanto no discurso poético, como quarta espécie de metáfora, como também no discurso filosófico. Por isso, problematiza Ricoeur: “todas as vezes que a filosofia ensaia introduzir uma modalidade intermediária entre a *univocidade* e a *equivocidade*, não força o discurso filosófico a reproduzir, no plano que é o seu, o funcionamento semântico do discurso poético?”²³⁷

A resposta é do próprio Ricoeur: “não há nenhuma passagem direta entre o funcionamento semântico da enunciação metafórica e a doutrina transcendental da analogia.

²³⁷ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 394.

Esta [doutrina transcendental] fornece, ao contrário, um exemplo particularmente evidente da autonomia do discurso filosófico”²³⁸.

Na filosofia de Aristóteles, Ricoeur se propõe mostrar que não há dependência entre a metáfora poética e a equivocidade transcendental da analogia: “contrariamente às aparências, o trabalho de pensamento que se cristalizou posteriormente no conceito de analogia do ser procede de um desvio inicial entre discurso especulativo e discurso poético”²³⁹.

Paul Ricoeur usa para argumentação o maior desvio entre discurso especulativo e discurso poético, que em Aristóteles aparece no tratado das *Categorias* e na *Metafísica* (especialmente os livros Γ, E, Z e Λ).

No tratado das *Categorias*, não aparece diretamente o conceito de analogia; no entanto, é a partir deste tratado que se produzirá um modelo não-poético de equivocidade, possibilitando uma teoria não-metafórica da analogia, pois, o tratado é a obra-prima do discurso especulativo. Nele, Aristóteles coloca a questão do encadeamento das significações do ser. Antes o filósofo já havia apresentado, na sua *Metafísica*, uma questão e um paradoxo, respectivamente: “o que é o ser?” e “o ser se diz de muitos modos”. É a partir da questão e do paradoxo que Aristóteles nas *Categorias* explicitará como o discurso especulativo rompe com o discurso poético e ordinário.

Cabe destacar que o discurso filosófico, a partir das várias significações do ser, reenvia a um termo primeiro: a *ousia*. Que não é o da “univocidade de um gênero”, “nem da equivocidade [...] de uma palavra”, nem “do sentido múltiplo produzido pela enunciação metafórica”, mas da “plurivocidade”²⁴⁰ que abre o campo especulativo. Isto é, a equivocidade regulada do ser com origem na analogia e a equivocidade poética se movem sobre planos radicalmente distintos. Portanto, não cabe à filosofia metaforizar ou poetizar, mesmo quando

²³⁸ Ibid., p. 392.

²³⁹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 395.

²⁴⁰ Ibid., pp. 395-396.

se trate de significações equívocas do ser. O discurso especulativo cabe tornar-se guardião das extensões de sentido reguladas.

Na interpretação aristotélica, nos diz Ricoeur, o princípio que estabelece a definição filosófica do ser é o princípio da analogia. No entanto, um problema recorrente é aquele de “compreender segundo qual princípio o pensamento filosófico, aplicando-se ao ser gramatical, produz a seqüência das significações do termo ser”²⁴¹? Isto é, como através das línguas convencionais o pensamento orienta a definição do ser? Mesmo não tratando expressamente da analogia, é no tratado das *Categorias* que Ricoeur vai buscar a solução para o problema, pois ela é a “obra-prima sempre recomeçada do discurso especulativo”²⁴².

As *Categorias* se iniciam com uma distinção semântica que, em vez de ser dicotômica, marca o lugar de uma classe intermediária entre homônimos e sinônimos: os parônimos. Os homônimos têm em comum apenas o nome (*onoma*) e não a noção (*lógos*). Os sinônimos têm simultaneamente nome (*onoma*) e identidade de noção (*lógos*). Já os parônimos, que se diferenciando de outro pelo caso (ptósis), recebem sua denominação a partir de seu nome. Apesar da não clareza do que são os parônimos, Ricoeur chama atenção para eles, pois eles foram introduzidos pela primeira vez, como uma classe intermediária entre expressões equívocas e expressões unívocas. O que abriu uma brecha para questionar a proibição global da equivocidade do próprio Aristóteles, segundo o qual “significar mais de uma coisa é nada significar”²⁴³.

Além disso, Paul Ricoeur destaca a distinção decisiva presente no segundo parágrafo das *Categorias*, que opõe e combinam dois sentidos da cópula “é”: *ser dito de...* e *ser-em...*

Atentemos às palavras de Ricoeur:

Tal distinção chave, a partir da qual toda a seqüência das *Categorias* se organiza, dá um emprego à distinção dos sinônimos e dos parônimos. Dessa maneira, só a relação *dito de...* permite a atribuição sinonímica (o homem é

²⁴¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 398.

²⁴² *Ibid.*, p. 395.

²⁴³ *Ibid.*, p. 399.

identicamente homem). (...) No fato das modalidades sintáticas da cópula, ao se diversificarem, enfraquecerem continuamente o sentido da cópula, enquanto se distancia da predicação essencial primordial – a única que tem um sentido sinonímico – para a predicação acidental derivada.

Além disso, Ricoeur chama a atenção para a necessidade de se fazer uma correlação entre as distinções das *Categorias*, que se mantém sobre o plano da morfologia e da predicação, juntamente aos grandes textos da *Metafísica*, Γ, que reenviam todas as categorias a um primeiro termo, e que foram interpretados pelos medievais “no crivo da analogia do ser”²⁴⁴.

Nesta interpretação, o ser apresenta uma cisão originária, uma separação radical nas categorias. O ser é o que há de mais comum, mas ele não forma um gênero único, do qual as categorias seriam as espécies; ao contrário, o ser, a partir das categorias, não pode ser reduzido entre si; antes o ser se constitui em inúmeros seres. Surge assim a questão: é possível uma única ciência do ser?

A resposta é afirmativa, porque a substância (ousia), uma das categorias, funciona como o ser primeiro, ao qual todas as demais fazem referência. A quantidade é quantidade de uma substância, a qualidade é qualidade de uma substância, a ação é ação de uma substância, etc.

Deste modo, Aristóteles pressupõe, nas *Categorias*, a teoria da analogia: o ser é utilizado em diferentes acepções, mas estas acepções são ordenadas pelo fato de todas elas derivarem, mais ou menos diretamente, de uma acepção fundamental que é a atribuição de uma substância segunda a uma substância primeira.²⁴⁵

Essa correlação torna-se explícita em *Metafísica*, Z²⁴⁶ – texto por excelência sobre a substância – o qual relaciona expressamente as configurações (categorias) da predicação às possibilidades de equivocidade da primeira categoria, a *ousia*.

²⁴⁴ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 400.

²⁴⁵ VUILLEMIN, Jules, *De la logique à la théologie, cinq études sur Aristote*, Paris: Flammarion, 1967, p. 226, *apud* Id.

²⁴⁶ ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 4, 1030 a 31-b4.

Este modo transcendental de predicação, Ricoeur diz que pode ser chamado de “predicação parônima”, dado o paralelismo com *Categorias*, I, e, de forma explícita “predicação analógica”. É isto que será chamado mais tarde na Idade Média da analogia de atribuição, enquanto que, em Aristóteles, apenas as formas de proporcionalidade, que vêm da predicação essencial, recebem a explícita denominação de analogia.

Mas no texto canônico *Metafísica* Γ, 2, 1003 a 33, vê-se bem, segundo insiste Ricoeur, que as outras categorias se dizem “relativamente a um termo único (*pros hen*), a uma única natureza determinada. Mas isto não chega a constituir em sistema as múltiplas significações, apesar de Aristóteles falar de uma ciência una das múltiplas acepções de ser.

Ressalta Ricoeur, segundo esta interpretação, tratar-se da enunciação de uma dificuldade mais do que de sua resposta. A referência ao primeiro termo não pode receber o nome de analogia: “o discurso do ser, desde então, designa o lugar de uma investigação interminável. A ontologia permanece ‘a ciência procurada’”²⁴⁷. É verdade que, “a procura desta unidade não pode ser inteiramente vã, na medida mesma em que o *pros hen* constituem, ‘de certa maneira’ um caráter comum”²⁴⁸. Mas tal unidade permanece para sempre uma unidade não genérica do ser.

Para Ricoeur, isto nos autoriza a tentar retomar o trabalho de Aristóteles, mas sobre outra base, diferente da analogia, sempre, como ele mesmo aponta, na busca de uma ligação não analógica do ser, e de uma unidade não genérica das significações do ser²⁴⁹. Isto não tira o mérito de Aristóteles: com ele “uma vez, foi pensada a diferença entre analogia do ser e a metáfora poética”²⁵⁰.

²⁴⁷ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 405.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 406.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 415.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 416.

4.1.2. A Onto-teologia de Tomás de Aquino

Ricoeur encontra na ontoteologia de Tomás de Aquino o segundo contraexemplo de descontinuidade entre o discurso especulativo e poético. Aquele desvio inicial instaurado por Aristóteles entre ambos os discursos se manteve na Idade Média no discurso misto da “onto-teologia”. Tomás de Aquino, a partir da interpretação aristotélica, elabora a doutrina da *analogia entis* (analogia do ente) que alcança seu pleno desenvolvimento dentro do âmbito do discurso misto entre filosofia e poesia.

Com a doutrina da *analogia entis*, Tomás de Aquino se depara diante da mesma dificuldade de Aristóteles, mas em outro nível. Ambos mantêm distância entre a alternativa da unidade genérica do ser e da equivocidade das significações. No entanto, o contexto que diferencia Tomás de Aristóteles está no objetivo principal da sua doutrina da *analogia entis*: “estabelecer o discurso teológico no nível de uma ciência”²⁵¹, tornando possível um discurso racional sobre o Deus criador da tradição judaico-cristã.

A problemática de Tomás pode ser assim formulada: como é possível, a partir da analogia, nomearmos a Deus, se a noção de ser é equívoca? Ou melhor, como é possível o discurso comum a Deus e às criaturas sem eliminarmos a transcendência divina? É possível a incomunicabilidade total das significações entre Deus e as criaturas sem desembocarmos no agnosticismo?²⁵²

A solução encontrada é estender à teologia o conceito de analogia e atribuição, ou melhor, de atribuição análoga, como termo médio entre a atribuição equívoca e a atribuição unívoca, de tal modo isso permite “envolver em uma única doutrina a relação horizontal das categorias à substância e a relação vertical das coisas criadas ao Criador”²⁵³. Eis o projeto da onto-teologia.

²⁵¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 417.

²⁵² Id.

²⁵³ Ibid., p. 419.

Este projeto, como foi dito acima, pretende aproximar a teologia da ciência, e isso acontece quando a teologia distancia-se dos aspectos poéticos do discurso religioso, inclusive da hermenêutica bíblica, e chega a uma posição negativa que significa abandonar a proximidade com a metáfora e centrar-se na analogia.

Apesar de Ricoeur reconhecer na doutrina de Tomás também uma preocupação com papel da metáfora, como parte de uma intersecção muito benéfica dos discursos para falar de Deus, especialmente do discurso bíblico, no que diz respeito à teologia como ciência, o sentido metafórico é importante a partir da analogia e não o contrário. Em suma, reconhece Ricoeur que em Tomás, analogia e metáfora se distinguem enquanto ciência, mas entrecruzam no discurso bíblico; afinal, é da analogia que se pode falar de um efeito de sentido metafórico, que tem sua origem na operação predicativa.

A teoria da predicação analógica supõe o fundamento de uma ontologia da participação. E falar em ontologia da participação, segundo Ricoeur, é expor a visada semântica cristalizada na escolástica e mostrar que um retorno à “participação” é retornar a um tema de inspiração platônica e neoplatônica, o que gera o problema de levar novamente para dentro do discurso especulativo, o discurso poético.

Na perspectiva de Ricoeur, é esta ameaça de confusão dos discursos que faz com que Tomás altere o conceito de analogia, através de novas distinções. E é isto que pretende Ricoeur expor como Tomás trabalha na reelaboração do conceito de analogia.²⁵⁴

Em primeiro lugar, Tomás de Aquino nega a solução de compreensão da analogia na perspectiva do exemplarismo platônico²⁵⁵, ou da distinção entre *proportio* e *proportionalitatis*²⁵⁶. E, em segundo, Tomás afirma o *ser* não tanto como forma, mas como

²⁵⁴ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 419.

²⁵⁵ Exemplarismo platônico é a doutrina das idéias universais reais de Platão. Consiste em admitir modelos universais metafísicos, os quais não seriam apenas essências ideais, mas reais. As essências absolutas repetir-se-iam nas coisas singulares, as quais teriam nelas o seu exemplar universal.

²⁵⁶ ...a causalidade exemplar, na medida em que cai sob o conceito de *proportio*, implicava ainda uma relação demasiado direta e suprimia a distância infinita que separa os seres de Deus. Em compensação, a *proportionalitas*

ato, “*actus essendi*”²⁵⁷. Ao invés de semelhança da cópia com o modelo, a causalidade é a comunicação de um ato, sendo este ato “a um só tempo o que o efeito tem em comum com a causa e isto pelo que ele não se identifica com ela”²⁵⁸. Isto é, Deus como ato é origem e causa de tudo quanto é participado. Tudo o que é, tem a sua origem em Deus, que comunica o ser a todos os entes no ato criador. Por isso, a causalidade criadora é eficiente, não como algo externo aos entes, mas como princípio imanente a todos eles: a primeira atualização da essência que determina seu aparecer ontológico, assim como sua manutenção no ser.

É a participação que faz ontologicamente possível a relação de analogia. Segundo Ricoeur, no *De Potentia*, q. 7, art. 6-7, Tomás de Aquino apresenta duas maneiras distintas de ordenar a diversidade, aplicável indiferentemente à analogia horizontal e à vertical: *a) Duorum ad tertium*: analogia de duas coisas com uma terceira (a quantidade e a qualidade se relacionam entre si relacionando-se com a substância); *b) Unius ad alterum* ou ainda *ipsorum ad unum*: analogia de uma coisa com outra (acidentes se relacionam imediatamente com a substância).²⁵⁹

Ricoeur esclarece com uma citação de Tomás:

Tudo o que é dito em comum de Deus e da criatura é dito em razão da relação que a criatura mantém com Deus, seu princípio e sua causa, em quem preexistem excelentemente todas as perfeições daquilo que existe. E este tipo de comunidade nas denominações está entre o puro equívoco, pois, nas coisas ditas por analogia, não se encontra nenhuma noção comum, como no caso do unívoco, nem se parte de noções inteiramente diversas, como no caso do equívoco, mas o nome que é atribuído a vários significa diversas proporções, diversas relações com algo uno...²⁶⁰

É este o modo como os seres criados se relacionam com o divino. Da analogia, diretamente do conjunto dos analogados secundários ao analogado principal, sem que nada

(sic) não faz justiça à comunicação de ser que a causalidade criadora leva a pensar. O formalismo da proportionalitas (sic) empobrece a rica e complexa rede que circula entre participação, causalidade e analogia”. *Ibid.*, p. 424.

²⁵⁷ *Actus essendi*: o ato de ser.

²⁵⁸ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 424.

²⁵⁹ Cf. *Ibid.*, p. 425.

²⁶⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I a, q. 13, art. 5, *apud* Id., nota 51.

possa de novo se estabelecer em gênero comum, precedendo Deus. Este é o modo de comunidade intermediária entre o unívoco e o equívoco.

Pensar a própria causalidade como analógica, é apoiar a diversidade dos nomes e conceitos em um princípio de ordem inerente ao próprio ser, e lançar para a própria causalidade eficiente a síntese de unidade e diversidade requerida pelo discurso. Isto significa que no pensamento de Tomás podemos nomear Deus em conformidade com a criatura, devido ao tipo de relação da criatura com Deus, seu princípio e *causa*, no qual preexistem de forma excelente todas as perfeições do que existe.

A predicação analógica é conceitual, move-se no nível dos nomes e predicados, mas sua condição de possibilidade encontra-se na própria comunicação do ser. Segundo Ricoeur, segue sendo válido o enfoque semântico que motivou a busca de um conceito mais apropriado de analogia; porém, na modernidade, a física de Galileu Galilei e a crítica de David Hume destruíram no nível do físico a pretendida correspondência entre o conceitual e o real. A dialética kantiana extraiu disto as suas consequências da ruptura com a ontologia tomista.²⁶¹

Ricoeur pensa que o valor da *analogia entis* reside em que, por ela, uma parcela de equivocidade é arrancada do discurso poético e incorporada ao discurso filosófico visando pensar a equivocidade do ser. Porém, justamente por ser especulativa e transcendental, a *analogia entis* fica ligada a uma metafísica que privilegia o invisível e imutável. O esforço de Tomás de Aquino em buscar um conceito mais adequado de análise é importante pelo empenho em marcar sempre a diferença entre metáfora e analogia, não se comprometendo com o discurso poético.

Permanece, com isto, adquirida como primeira conclusão: “nenhuma filosofia procede diretamente da poética, demonstrando-se com isto no caso mais desfavorável, o da analogia aristotélica e medieval”²⁶². E devido ao fracasso deste itinerário, permanece, todavia, por

²⁶¹ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 417.

²⁶² *Ibid.*, p. 14.

pensar “a unidade conceitual capaz de envolver a diversidade ordenada das significações do ser”²⁶³.

²⁶³ Ibid., p. 427.

4.1.3. A Ontologia de Heidegger

Ricoeur retira da filosofia de Heidegger o terceiro contraexemplo de descontinuidade entre o discurso especulativo e poético, para quem “o metafórico só existe no interior da metafísica”²⁶⁴.

Este contraexemplo de Heidegger, que une a metáfora e a metafísica ocidental no mesmo destino, afirma que:

a ontologia implícita em toda a tradição retórica é a da ‘metafísica’ ocidental de tipo platônico, na qual a alma se transporta do lugar visível para o lugar invisível, por outro, que meta-fórico quer dizer transporte do sentido próprio para o sentido figurado”²⁶⁵.

Este contraexemplo de Heidegger é desconstruído por Ricoeur com o método genealógico de Nietzsche, que suspeita das intenções declaradas e interroga os motivos e interesses subjacentes²⁶⁶. É nesta perspectiva que Ricoeur diz: “o uso constante que Heidegger faz da metáfora tem mais importância que o que ele diz incidentalmente contra ela”; além disso, a “crítica heideggeriana à metafísica e à metáfora acaba por reforçar os limites da crítica”²⁶⁷.

O primeiro texto de Heidegger que explicitamente aborda a metáfora é a Lição VI do *Princípio de razão*²⁶⁸ e possui, segundo Ricoeur, um contexto duplo. No primeiro contexto, Heidegger retoma uma análise anterior, efetuada no texto *Essência do Fundamento*²⁶⁹; nesta obra, Heidegger afirma que se pode *ver* (*Sehen*) uma situação e, no entanto, não *captá-la* (*erblicken*): a visão não é tão penetrante como o olhar. Necessitamos também *escutar* (*horen*) o apreensível e captar no ouvido certa acentuação ou harmonia que devemos apreender. Todo nosso ser deve estar implicado nesta captação do sentido e apreender com o olhar o que

²⁶⁴ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 433.

²⁶⁵ Id.

²⁶⁶ Cf. Id.

²⁶⁷ Id.

²⁶⁸ HEIDEGGER, Martin, *Le Principe de raison*, pp. 112-128 *apud*. Id.

²⁶⁹ HEIDEGGER, Martin, *Sobre a essência do fundamento*, tradução e notas de Ernildo Stein, São Paulo: Nova Cultural, 1989; *apud* Id.

ouvimos: “O pensamento de apreender com o olhar aquilo que se ouve... o pensamento é uma apreensão pelo ouvido, que apreende pelo olhar”. Dito de outro modo: “Pensar é escutar e ver”²⁷⁰.

Heidegger nesta reflexão sobre o pensamento se vale de metáforas, que neste caso não são poéticas, mas filosóficas, isto é, produzidas pelo próprio discurso filosófico. Assim, para Ricoeur, Heidegger não pode ser contra a metáfora, pois as usa. E, por isso mesmo, Heidegger no trabalho filosófico de interpretação dos poetas, faz algo muito mais importante do que a polêmica contra as metáforas.

No segundo contexto, Ricoeur continua com a reflexão de Heidegger sobre o ver e o escutar como metáfora: “se o pensar quer dizer escutar e ver, isto pode ser apenas em um sentido figurado”: “o ouvido e a vista sensíveis [foram] transpostos e retomados no domínio da percepção não-sensível, isto é, do pensamento”²⁷¹.

Então, neste caso, trata-se de examinar a metáfora como simples transposição do sentido de palavras isoladas (ver, ouvir...). Para interpretar tais metáforas, Heidegger, como crítico, constrói a distinção do próprio e do figurado, e ainda a do visível e do invisível, colocando, por fim a equivalência dos dois pares de termos. Só então, o metafórico pode ser compreendido como “simples metáfora”. Como consequência a objeção contra o discurso metafórico em Heidegger não passa de uma advertência de que tal compreensão termina por transformar-se em platonismo.

Ricoeur reconhece essa crítica de Heidegger. No entanto, para ele não é necessário vincular a crítica da metáfora à metafísica, pois uma semântica renovada, que vai além da distinção entre o sentido próprio do sentido figurado aplicada a palavras isoladas, é suficiente para afastar a concepção “determinante” de metáfora.²⁷²

²⁷⁰ HEIDEGGER, Martin, *Le Principe de raison*, p. 123 *apud*. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 434.

²⁷¹ HEIDEGGER, Martin, *Le Principe de raison*, p. 123 *apud*. Id.

²⁷² Cf. *Ibid.*, p. 436.

Segundo Ricoeur, essa interpretação do sentido próprio e figurado é mais alegórica do que metafórica, pois a alegoria se ajusta à distinção “metafísica” do sensível e do não-sensível, ao contrário do que acontece com a metáfora. Além disso, Ricoeur contesta a afirmação de Heidegger de que o traço fundamental da “metafísica” seja a separação do sensível e do não-sensível, o qual conferiria ao pensamento ocidental seus traços essenciais.²⁷³ Ele está convencido que não se pode forçar um traço fundamental da metafísica, menos ainda justificá-la a partir da separação do sensível e do não-sensível; por isso, todos os seus estudos da metáfora sugerem outra ontologia, capaz de responder à inovação semântica de metáforas poéticas.

Ao mesmo tempo, Ricoeur é solidário com a interpretação de Heidegger que pretende evitar que o pensamento seja definido pelo ouvido e pela vista, isto é, como “simples metáfora”. Ricoeur também assume como tarefa o mesmo objetivo de lutar contra esta “simples metáfora”, ou melhor, contra as concepções simplificadoras da metáfora presente no discurso filosófico.

Em suma, Ricoeur ao examinar o texto de Heidegger se convence que apesar da crítica à metáfora, ele foi capaz de produzir uma enunciação exemplar da importância e necessidade da metáfora no discurso filosófico. O exemplo de metáfora que o convence é: “o pensamento olha escutando e escuta olhando”²⁷⁴. Ora, Ricoeur nos avisa que, ao falar desta maneira, Heidegger produz um desvio em relação à linguagem ordinária. E explica que tal desvio foge da enunciação de primeiro nível para a enunciação de segundo nível, isto é, do pensamento representativo para o pensamento significativo. A linguagem se coloca sob o signo do *es gibt* (há), isto é, coloca a linguagem sob o signo representacionista da referência “literal”, e entre ambos não há transição possível.

²⁷³ HEIDEGGER, Martin, *Le Principe de raison*, p. 126, *apud* RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 436.

²⁷⁴ HEIDEGGER, Martin, *Le Principe de raison*, p. 127, *apud* Id.

Ricoeur busca, então, esclarecer o que faz com que aquele enunciado “Nada é sem razão” possa ser dito de uma metáfora. E nos diz que é a harmonia entre *ist e Grund*, ao nível de toda a enunciação. É tal harmonia que é vista, escutada-pensada. A harmonia do princípio de razão (enunciação de primeiro grau) é a mesma do pensamento “como” apreensão pelo ouvido e pela vista (enunciação de segundo grau). *Harmonia que não é tranquila consonância*. Aprendemos, diz Ricoeur, da Lição V do *Princípio de razão*, tratar-se de uma harmonia nascida de uma discordância anterior, tocante ao princípio mesmo de razão, do qual se originam dois enunciados: o enunciado racionalizante do pensamento representativo, “Nada existe sem um porquê”. E aquele advindo da poesia espiritual de Angelus Silesius que merece ser transposto aqui por inteiro: “A rosa é sem porquê (*pourquoi*), floresce porque (*parce que*) floresce. Não se preocupa consigo mesma, não deseja ser vista”²⁷⁵. Ricoeur completa: a rosa é sem porquê (*pourquoi*) explicativo, mas não sem um porque (*parce que*) significativo. Diante de um princípio, que uma tal vacilação torna impenetrável, somos constrangidos a escutá-lo, a ser atentos (no dizer de Heidegger, lembrado por Ricoeur) à sua entonação (Ton), à maneira como ele é acentuado. E, então, ele ressoa com duas acentuações diferentes. Uma sublinha *nada e sem*, outra *é e razão*. Ricoeur nos diz que a segunda, privilegiada pela Lição VI, e que foi o ponto de partida destes comentários, exige ser contrastada com a primeira, aquela do pensamento representativo.

Assim, a verdadeira metáfora seja, ela poética ou filosófica, “desperta a visão mais vasta”, “faz remontar a palavra desde a sua origem” e “faz aparecer o mundo”²⁷⁶. No entanto, a poética e a metafísica não pertencem ao mesmo campo; é necessário concluir que “nenhuma filosofia procede sem mais da poética por via indireta”²⁷⁷, sendo o discurso

²⁷⁵ SILESIUS, Angelus, *Dísticos d'O Peregrino Querubínico*, tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, em: *Discurso*, São Paulo, 11, pp. 159-160, *apud* RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 467, nota 67.

²⁷⁶ HEIDEGGER, *Unterwegs zur Sprache*, Pfullingen, Neske, 1959, p. 207, *apud* *Ibid.*, p. 438, nota 68.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 14.

especulativo e poético dois modos diferentes de discursos, que se aproximam e se diferenciam no uso que fazem da metáfora.

4.2. A Intersecção das Esferas de Discurso

Como ficou esclarecido no tópico anterior, o discurso filosófico é independente do discurso poético. Ricoeur parte da diferença entre as modalidades de discurso, mas consciente de que sua heterogeneidade não é radical, ele propõe uma teoria geral das intersecções entre as esferas de discurso.

Nesta perspectiva de Ricoeur, cabe à filosofia responder à elucidação da enunciação metafórica com a enunciação do discurso especulativo. “O especulativo apenas realiza as demandas verbais do metafórico instituindo um corte que marca a diferença irreduzível entre os dois modos de discurso”²⁷⁸.

Segundo Ricoeur, a articulação conceitual – própria do espírito se refletindo – encontra no funcionamento semântico da enunciação metafórica a sua possibilidade, porque o ganho em significação próprio da inovação semântica instaurada pelo enunciado metafórico não é um ganho *conceitual*, isto é, não é um “saber pelo conceito”²⁷⁹. E também o ganho em significação não é conduzido ao conceito, “na medida em que ele permanece preso nesse conflito do ‘mesmo’ e do ‘diferente’”²⁸⁰. Por exemplo, ao dizer que “isto é (como) aquilo”. O “semelhante” permanece imperfeito em relação ao “mesmo”, pois não há apreensão total do “mesmo” na “diferença”. E além disso, o “*ser-como*” da enunciação metafórica significa “*ser*” e “*não-ser*”. Isto é, a própria referência da enunciação metafórica é uma referência duplicada, o que dá acesso à visão dinâmica da realidade que é a ontologia implícita.

Ricoeur parte do estudo de Jean Ladrière, em *Le discours théologique et le symbole*²⁸¹, para descrever o funcionamento semântico da metáfora como um “cruzamento” entre “atos de

²⁷⁸ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 454.

²⁷⁹ Id.

²⁸⁰ Ibid., p. 455.

²⁸¹ LADRIÈRE, Jean, “Discours théologique et symbole”, *Revue des Sciences Religieuses*, Strasbourg, 49 (1-2) 1975, 120-141, *apud* Ibid., p. 456, nota 83.

predicação e atos de referência”²⁸². Na linguagem ordinária, estes dois tipos de atos se apoiam mutuamente, pois podemos dominar as significações relacionando-as a objetos que designamos no modo referencial, e inversamente exploraremos novos referentes descrevendo-os tão exatamente quanto possível. Isto é, às vezes aproveitamos predicados que já dominamos para expressar conceitualmente novos referentes ou campos referenciais que não diretamente acessíveis, outras vezes, relacionamos predicados novos com referentes que já nos são familiares.²⁸³

Para Ricoeur, Jean Ladrière compreende que “a significação não é um conteúdo determinado, mas um princípio indutor, suscetível de guiar a inovação semântica. A enunciação metafórica leva à plenitude o dinamismo semântico”²⁸⁴. Este dinamismo semântico se dá com maior razão na metáfora, cujo dinamismo semântico vai de um campo familiar de referência conhecido considerados em sua significação estabelecida a um campo de referência para o qual não há significação direta e que não pode derivar uma descrição com predicados apropriados. Por isso, a enunciação simples, e *a fortiori*, a metafórica, é apenas um esboço semântico, inacabado em relação à determinação conceitual.

Ricoeur chama aquilo que está na origem do processo do dinamismo semântico da metáfora de “*veemência ontológica*”, isto é, o que separa a significação primeira, liberando-a como forma de um movimento e a transpõe para um novo campo de significados: “A veemência ontológica só dispõe, por assim dizer, de indicações de sentido que não são de modo algum determinações de sentido”²⁸⁵; por isso há que passar ao conceito.

Portanto, a tarefa de Ricoeur é mostrar que o discurso especulativo faz a passagem à ontologia explícita, pois a estrutura do sentido do enunciado metafórico demanda o postulado da referência, e tal demanda é inseparável da passagem ao conceito.

²⁸² RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 456.

²⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 457.

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 458.

²⁸⁵ *Ibid.*, pp. 459-460.

A ontologia explícita não pode ser um discurso metafórico, mas um discurso conceitual. É discurso conceitual na medida em que é um discurso determinado e se opõe aos esboços semânticos da enunciação metafórica. “É aquele que organiza as noções primeiras, os princípios, que articulam primordialmente o espaço do conceito”²⁸⁶; “que fornece o horizonte, o espaço lógico a partir do qual a elucidação do objetivo significante de todo conceito distingue-se radicalmente de toda explicação genética a partir da percepção ou da imagem”²⁸⁷.

Ricoeur se baseia em Husserl, que distingue claramente entre a *Aufklärung* e *Erklärung*. A “elucidação” dos ‘atos que conferem significação’ é distinta da “explicação”.

O especulativo é o que permite dizer que ‘compreender uma expressão (lógica)’ é outra coisa que ‘descobrir imagens’, que o objetivo do universal é outro que o desdobramento de imagens que o acompanham, o ilustram, ou seja, concorrem para a ‘distinção’ dos traços específicos e para a “clarificação’ do teor do sentido”²⁸⁸.

Portanto, a explicação tem sua procedência no horizonte especulativo, no qual se registra a significação quando adquire o estatuto conceitual.

Segundo Ricoeur, a crítica de Husserl “a imagem”, interessa porque pode ser transposta tal crítica à metáfora, “na medida em que *imaginatio* engloba não apenas as pretensas imagens mentais, mas também, e, sobretudo, as assimilações e esquematizações predicativas que subentendem a enunciação metafórica”²⁸⁹.

Em resumo, a limitação do discurso metafórico, fruto da *imaginatio* está no discurso especulativo do *intellectio*, ou nas palavras de Ricoeur: “a ordem conceitual é capaz de libertar-se do jogo da dupla significação, portanto, do dinamismo semântico característico da ordem metafórica”²⁹⁰.

Mas a descontinuidade das modalidades semânticas da ordem conceitual e da ordem metafórica não significa destruição, mas interação e intersecção sem que jamais a atração e

²⁸⁶ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 460.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 461.

²⁸⁸ *Id.*

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 462.

²⁹⁰ *Ibid.*, p. 463.

repulsão “encontre o repouso em um saber absoluto que reabsorveria suas tensões”²⁹¹. A interação e a intersecção do discurso especulativo e do discurso metafórico encontra na *interpretação* a “obra do conceito”, mas não de elucidação, no sentido husserliano da palavra, e por consequência uma luta pela univocidade.

A interpretação como obra do conceito é uma racionalização que pode ser redutora ou hermenêutica. Interpretação redutora quando o metafórico é destruído pelo conceitual. Por exemplo, quando “o símbolo significa apenas... tal posição de desejo, tal determinação de classe, tal grau de força ou de fraqueza do querer fundamental”²⁹², sendo ilusório o que harmonizar com o discurso “verdadeiro”. Já na interpretação hermenêutica é preservada ao mesmo tempo à noção de conceito e à da experiência constituinte que procura dizer-se em um modo metafórico. É, portanto, “discurso misto”. Quer a claridade do conceito, por uma parte, mas não admite a perda do dinamismo da significação.

Essa dupla atração é fecunda. Ricoeur cita o parágrafo 49 da *Crítica do Juízo* de Kant²⁹³. O filósofo alemão postula que a imaginação “apresenta” ao entendimento a Ideia da razão que este não chega a compreender, e que desse modo lhe obriga a *pensar a mais*. É este, precisamente, o papel da metáfora viva: não apenas vivifica uma linguagem constituída, mas “inscreve o impulso da imaginação em um ‘pensar a mais’ no nível do conceito. Essa luta para “pensar a mais”, debaixo da direção do ‘princípio vivificante’, é a ‘alma’ da interpretação”²⁹⁴. É precisamente esse “impulso a pensar a mais” o que nos leva a querer explicitar a ontologia que subjaz à metáfora, em seu poder de referir-se a realidade, de referir-se ao ser.

²⁹¹ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 463.

²⁹² *Ibid.*, p. 453.

²⁹³ KANT, Emmanuel, *Crítica de la Facultad de juzgar*, trad. A. Philonenko, Paris: Vrin, 1965, pp. 143-144, *apud* *Ibid.*, p. 464.

²⁹⁴ *Ibid.*, p. 465.

4.3. Explicitação Ontológica do Postulado da Referência

No último tópico do *Estudo VIII*, Ricoeur realiza a “*Explicitação ontológica do postulado da referência*”²⁹⁵. Segundo ele, é próprio do discurso especulativo uma explicitação ontológica do pressuposto do postulado, não apenas da referência, mas da referência *duplicada*. Não é tarefa da linguística esta explicitação, pois, no máximo, a semântica pode evocar a relação da linguagem à realidade, mas não pode *pensar* essa relação. Pensar essa relação da linguagem com a realidade é possível no discurso especulativo, devido à reflexividade da própria linguagem.²⁹⁶

Nesse sentido, Ricoeur afirma: “Kant escrevia: ‘É necessário que algo seja para que algo apareça’; nós dizemos: ‘É necessário que algo seja para que algo seja dito’”²⁹⁷. A partir dessa afirmação a linguagem pode ser pensada como o ser-dito da realidade.

O discurso especulativo, que admite a linguagem como ser-dito da realidade, volta-se criticamente contra nosso conceito convencional de realidade, na medida em que desfaz a distinção entre denotação e conotação, emocional e cognitivo. Este preconceito convencional de realidade é próprio do positivismo, que admite apenas o discurso científico como capaz de dizer a realidade. Segundo Ricoeur, “o discurso poético é aquele no qual a *epokhé* da referência ordinária é a condição negativa de manifestação de uma referência de segundo nível”²⁹⁸. E complementa:

o que o discurso poético traz à linguagem é um mundo pré-objetivo no qual já nos encontramos por nascimento, mas também no qual projetamos nossos possíveis mais próprios. É necessário desestabilizar o reino do objeto, para deixar ser e se deixar dizer nosso pertencimento primordial a um mundo que habitamos, isto é, que a um só tempo nos precede e recebe a impressão de nossas obras.²⁹⁹

²⁹⁵ Cf. RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, pp. 465-482.

²⁹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 466.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 467.

²⁹⁸ *Ibid.*, p. 468.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 469.

Segundo Ricoeur, essa crítica do discurso poético, a compreensão positivista de realidade através do conceito verificacionista de verdade, não é uma defesa do irracional. Mas como explicar a aceitação da tensão da enunciação metafórica da referência duplicada? Não cabe ao discurso poético defender-se racionalmente contra a limitação positivista. É o discurso especulativo que pode responder ao paradoxo da cópula do *ser-como* (*ser e não-ser*) da enunciação metafórica.

Neste ponto, Ricoeur recorre à Aristóteles. O discurso especulativo é capaz de afirmar a dialética do ser a partir de uma enigmática afirmação do filósofo macedônico, que testemunha a intersecção da poética e da ontologia: “a metáfora faz imagem [literalmente: põe sob os olhos]”³⁰⁰. E também: “Nós dissemos que as boas palavras são extraídas de uma metáfora por analogia e que elas evidenciam [literalmente: põem sob os olhos]”³⁰¹. Assim, a metáfora “*faz ver*”, tem o poder de fazer visualizar as relações, evidenciando-as. Além disso, segundo Aristóteles: “as palavras evidenciam quando significam as coisas em ato”³⁰². Isto é, tem a capacidade de significar a atualidade.

A categoria ‘ato’ só tem sentido no discurso sobre o ser, que é ontológico. Ao falar de “ato”, diz Ricoeur, “Aristóteles convida a procurar a chave da explicitação ontológica da referência em uma retomada especulativa das significações do ser”³⁰³. E não podemos falar de ser em Aristóteles sem levarmos em consideração a distinção do ser como ato e potência ao mesmo tempo³⁰⁴.

Ricoeur tenta então uma interpretação do “significar as coisas em ato”. O primeiro sentido pode ser: “vê-las ao modo de uma obra de arte, de uma produção técnica”³⁰⁵. O

³⁰⁰ ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 10, 1410 b 33.

³⁰¹ *Ibid.*, III, 10, 1411 b 21.

³⁰² *Ibid.*, III, 11, 1411 b 24-25.

³⁰³ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 470.

³⁰⁴ Ricoeur sublinha em uma nota que, segundo ARISTÓTELES, *Metafísica* 1017 a 35-b 9, a distinção do ato e da potência recorre toda a série das categorias. Cf. *Ibid.*, p. 414, nota 93.

³⁰⁵ *Ibid.*, p. 473.

segundo sentido é: “vê-las como eclosões naturais”³⁰⁶. Esta última interpretação, pensa Ricoeur, vai mais na linha de Aristóteles, valorizando os exemplos da *Retórica*: “ver as coisas inanimadas como animadas”³⁰⁷. Se é assim, significar o ato seria “ver as coisas como não impedidas de advir, vê-las como aquilo que eclode”³⁰⁸. E eclodir é despontar naturalmente, aparecer. Então, significar o ato seria também significar a potência. Ao ser o poeta o que “põe as coisas diante dos olhos”, seria ele quem alcançaria a *physis*³⁰⁹, ele que é capaz de “significar a eclosão do aparecer”³¹⁰. E a tarefa do discurso especulativo é, por si e em relação à linguagem do poeta, investigar “o lugar no qual aparecer significa ‘geração do que cresce’”³¹¹.

E, neste ponto, Ricoeur recorre mais uma vez ao auxílio fundamental de Heidegger para colocar o pensamento especulativo em harmonia com o discurso poético: “o nó do pensamento heideggeriano em seu último estágio é [...] o co-pertencimento de *Erörterung* e de *Ereignis*. [...] O co-pertencimento da *Erörterung* e do *Ereignis*, como “topologia do ser”, é o que designa o pensamento especulativo em seu ‘gesto constitutivo’”³¹².

Segundo Ricoeur, o termo *Erörterung*³¹³ designa a investigação do “lugar” e ao mesmo tempo o “comentário” dessa busca³¹⁴. E *Ereignis*³¹⁵ designa “a coisa mesma” que

³⁰⁶ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 473.

³⁰⁷ ARISTÓTELES, *RETÓRICA*, III, 11, 1412 a 3.

³⁰⁸ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 473.

³⁰⁹ ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 4, *apud* Ibid., p. 474, nota 110: “Physis se diz, em um primeiro sentido, da geração do que cresce... em outro sentido, é o elemento primeiro imanente donde procede o que cresce; é também o princípio de movimento de todo ser natural no qual reside por essência... [Em síntese], a natureza... é a substância dos seres que têm, em si mesmos e enquanto tais, o princípio de seu movimento”.

³¹⁰ Id.

³¹¹ Id.

³¹² Ibid., p. 475.

³¹³ *Erörterung* em Heidegger: “O reconduzir ao lugar é por nós designado a discussão. O explicar e o elucidar se fundamentam na discussão. Com isto, porém, se fixa apenas o lugar, mas as ramificações que dele partem são ainda invisíveis, quer dizer, aquilo de onde ser como posição, a saber, a posição do mesmo, por sua vez, propriamente se determina”. Cf. HEIDEGGER, Martin, *Sobre a Essência da Verdade, A Tese de Kant Sobre o Ser*, trad. Ernildo Stein, São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 86.

³¹⁴ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 475.

³¹⁵ *Ereignis* é um substantivo neutro; é usado no alemão corrente para significar, preferencialmente, acontecimentos de importância. Em Heidegger, o termo é apresentado como o acontecimento que requisita a atenção do homem: a palavra é utilizada por Heidegger para aludir ao acontecimento pensado em si mesmo, na “clareira do seu acontecer”, ao fato de que algo acontece ao invés de não acontecer nada. Cf. HEIDEGGER, Martin, *Identität und Differenz*. Pfullingen, Neske, 1957. Tradução brasileira de Ernildo Stein: “Identidade e

deve se pensar³¹⁶. E quando se fala em co-pertencimento da *Erörterung* e do *Ereignis* admite-se que o discurso especulativo é, ao mesmo tempo, explicitação e acontecimento; por isso é “a região do ser”. Ricoeur diz de Heidegger:

a metáfora da eclosão se impôs a ele, no coração de sua crítica da interpretação metafísica da metáfora, como metáfora da metáfora: as ‘flores’ de nossas palavras – ‘*Worte, wie Blumem*’ – dizem a existência em sua eclosão.³¹⁷

Explicar “a existência em sua eclosão” é refletir sobre “lugar no qual aparecer significa ‘geração do que cresce’”³¹⁸. O discurso especulativo valoriza o discurso poético, mas com ele não se confunde. “O *Ereignis* busca um *dizer* mais apropriado do que o *falar* ordinário, de um *dizer* que seria um *mostrar* e um *deixar-ser*, de um pensamento, enfim, que jamais renuncia ao discurso”³¹⁹. Assinala-se assim a dialética dos modos de discurso, em sua proximidade e distância.

Proximidade porque o discurso poético, em si mesmo e por si mesmo, “dá a pensar”³²⁰ a concepção tensional de verdade. Ele trabalha com as tensões semânticas entre sujeito e predicado, identidade e diferença, *referência duplicada*, e termina na implícita ontologia do *ser* e *não-ser*, que é o *ser-como*. Assim, o discurso poético com outros modos de discurso, preserva a experiência de “*pertencimento* que inclui o homem no discurso e o discurso no *ser*”³²¹.

Ao mesmo tempo em que se afirma o pertencimento, é preciso afirmar o distanciamento; com efeito, não há pertença sem haver distância. O discurso especulativo como instância crítica, levada ao seu mais alto grau de pensamento, “apóia seu trabalho na

diferença”, em: Heidegger. São Paulo, Abril, 1973. Em nota na p. 145, o tradutor brasileiro escolhe seguir a opção francesa e propor o termo *acontecimento-apropriação*.

³¹⁶ RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 475.

³¹⁷ HEIDEGGER, Martin, *Unterwegs zu Sprache*, p. 206, *apud* Id.

³¹⁸ *Ibid.*, p. 474.

³¹⁹ *Ibid.*, p. 480.

³²⁰ *Ibid.*, p. 476.

³²¹ *Ibid.*, p. 481.

dinâmica da enunciação metafórica³²², mas conquista espaço ao refletir e ordenar o discurso poético na riqueza do pensar conceitual.

³²² RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, p. 482.

Considerações Finais

Concluimos esta dissertação com algumas considerações finais. Pois uma finalização conclusiva em um trabalho dissertativo nos é impossível. Reconhecemos que nos limitamos àquelas questões que fomos capazes de selecionar e refleti-las. Assim, chegamos ao final de uma leitura, interpretativa como toda, onde, em sua maior parte, procuramos acompanhar, explicitar e comentar, o mais fielmente possível o texto de Ricoeur, evidenciando seus passos e a articulação de seus temas e argumentações.

No Capítulo I – *A Construção do Pensamento de Paul Ricoeur e A Metáfora Viva* – expomos a trajetória intelectual ricoeuriana até *A Metáfora Viva*, porque estávamos conscientes que era preciso compreender a evolução do pensamento de nosso autor para compreendermos a obra objeto do nosso estudo.

E ao percorrer a via longa do caminho ricoeuriano, notamos que ele é um autor original e um pensador plural, atento ao diálogo. Sinteticamente, ele é filho da tradição reflexiva existencial, discípulo de Husserl e um dos pais da hermenêutica contemporânea. Ricoeur não ficou preso a uma corrente filosófica ou a determinada escola, foi evoluindo em paralelo com as preocupações e os anseios da contemporaneidade. O que torna sua obra fragmentária e aberta. No conjunto da obra é possível perceber que seu pensamento evoluiu, mas dialeticamente, passando por momentos, etapas e avançando sem rupturas. Portanto, proveniente da filosofia existencial e reflexiva, e da fenomenologia, passando pela mediação dos símbolos, Ricoeur introduziu-se na hermenêutica. A obra *A Metáfora Viva* figura como um marco no desenvolvimento do processo evolutivo dos escritos ricoeurianos: pelo estudo da linguagem, em especial, pelo estudo do fenômeno de inovação semântica, Ricoeur direciona e adentra plenamente na hermenêutica; por isso, a metáfora é um dos pontos culminantes desta reflexão.

A filosofia hermenêutica de Ricoeur compreende que a linguagem é a condição primeira para toda experiência. E a inovação semântica é a grande questão residual de Ricoeur para a elaboração da obra *A Metáfora Viva*. Como ficou explicitado no capítulo primeiro, tudo começa com o projeto *Philosophie de la Volonté*, em especial a partir da mediação sobre a concepção que o homem tem de si, como “mísero” e frágil, que transferida para a palavra, principia a pesquisa de Ricoeur sobre a linguagem. E cinco anos após os estudos de *Finitude et Culpabilité*, Ricoeur apresenta-se confiante no poder da linguagem, de tal modo que considera-a como o elemento fundamental para a sua investigação. Assim, em *La Symbolique du Mal*, Ricoeur passa da fenomenologia reflexiva a uma hermenêutica e desenvolve-a pela primeira vez de maneira explícita, tendo a linguagem da confissão o ponto de apoio para a reflexão.

A frase do último capítulo da obra *La Symbolique du Mal*: “*Le symbole donne à penser*” é muito significativa na medida em que resume essa intuição de que o símbolo é passível de ser interpretado. Este resíduo simbólico hermenêutico projetado pela *Symbolique du Mal* é confrontado e ampliado pela obra *De l’Interprétation: Essai sur Freud*, onde a hermenêutica do símbolo se torna uma hermenêutica do discurso. Nela, o símbolo também possui duplo sentido, o que significa que nele se confrontam diversas maneiras de interpretar. É essa caracterização do símbolo que faz a hermenêutica de Ricoeur avançar de uma hermenêutica do símbolo para uma hermenêutica da inovação semântica, que considera a palavra como criadora de sentido, isto é, metáfora viva.

Fica claro ao percorrer o caminho das obras de Ricoeur até *A Metáfora Viva* que o símbolo, objeto primeiro da sua reflexão, pertence à dimensão extralinguística; não está enraizado na palavra, pelo contrário, a palavra está enraizada numa simbólica. E é justamente com a metáfora que a riqueza do simbólico é levada ao interior da linguagem.

Se a obra ricoeuriana até *A Metáfora Viva* é dialógica, a própria não foge a esta dinâmica. Nela, Ricoeur herdeiro da tradição filosófica continental estabelece com a análise linguística e com a chamada filosofia analítica um profundo diálogo.

A temática da metáfora é ao mesmo tempo, abrangente, importante e controversa; permeia todas as áreas da atividade linguística, possuindo uma rica herança intelectual; goza de importância sem antecedentes no pensamento contemporâneo, tendo deixado a periferia ornamental do discurso para se tornar um elemento chave para a concepção até do próprio discurso filosófico.

Paul Ricoeur trabalha na obra *A Metáfora Viva* as questões que giram em torno do fenômeno de inovação semântica. São diversos pontos de vista privilegiados, a saber, o semiótico, o semântico e o hermenêutico, abordados com a correspondente metodologia. O ponto de partida é a forma ou a figura do discurso focalizado na palavra, como significado que opera a instauração de uma nova pertinência semântica, e o ponto de chegada é a referência, no seu poder de redescrever a realidade.

Os oito estudos d'*A Metáfora Viva* aparentemente podem ser estudados de modo independentes, no entanto, traçam um único itinerário filosófico, porque inicia com a Retórica Antiga e Clássica para concluir com a consideração da ontologia da linguagem submetida à interpretação referencial da verdade metafórica.

Todos os oito Estudos d'*A Metáfora* foram centrados em um ou mais autores, escolhidos entre os mais significativos de cada área ou perspectiva. Nos Estudos, Ricoeur não propõe uma refutação demolidora, mas demonstra o caráter unilateral das perspectivas que se declaram exclusivas. O método de Ricoeur é dialógico e crítico.

Dividimos, por indicação do próprio Ricoeur, os oito Estudos d'*A Metáfora Viva*, nesta dissertação, em três capítulos, seguindo as unidades de análise: palavra, frase e discurso.

No Capítulo II - A palavra enquanto unidade metafórica – nos centramos naqueles Estudos (I, II, IV e V) que privilegiavam a unidade linguística: palavra.

Aristóteles foi quem primeiro definiu a metáfora para toda a história posterior do pensamento ocidental, sobre a base de uma semântica que toma a palavra ou o nome como unidade básica. A análise da metáfora em Aristóteles pertence a dois domínios: segundo Ricoeur, situa-se no cruzamento de duas disciplinas – a retórica e a poética – que têm objetivos distintos.

Paul Ricoeur admite que a estrutura da metáfora, isto é, a transferência do sentido das palavras é única tanto na *Retórica* quanto na *Poética*, no entanto são duas funções. A função da retórica, na maior parte do tratado – a arte da argumentação – é definida como arte de inventar ou encontrar provas através do verossímil (to eikos) para persuadir. Esta é a sua intenção. Já na *Poética*, o projeto é mimético: busca compor uma representação essencial das ações humanas, sendo própria a ela a ficção, a fábula, o mito que suscita a catarse.

A melhor definição da metáfora em Aristóteles aparece na *Poética*, 1457 b 6-9: “A metáfora é a transferência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para o gênero de outra, ou por analogia”. Esta é a definição de metáfora como uma transferência da significação dos nomes. É o nome que liga a metáfora à léxis. E estando o nome no nível da palavra, a metáfora também está. Além do mais, a partir da enumeração da léxis, fica claro para Ricoeur, que o nome é central. Com isso, a herança de Aristóteles sobre a metáfora foi interpretada durante os séculos como matéria inerente ao estudo da palavra.

É com esta visão da metáfora como *tropo na teoria das figuras da retórica clássica* que Ricoeur vai prosseguir os estudos deste fenômeno no nível da palavra. O tratado de *Pierre Fontanier: Les Figures du discours* (século XIX), segundo ele, se firma sobre a teoria dos tropos que privilegia inicialmente a palavra e, mais precisamente, o nome.

E toda a teoria dos tropos e das figuras se estabelece sobre esse primado da palavra. A metáfora na teoria do tropo, como uma palavra não passa de um desvio que diz respeito a significação primeira; além disso, a metáfora é uma figura e a palavra figurada é sempre uma palavra metafórica. O tropo para Fontanier acontece numa só palavra, mas entre duas ideias, por transporte de uma a outra. São três as espécies de tropos: metonímias, sinédoques e metáforas. A metáfora tratada como figura, ainda não ultrapassa os limites da palavra.

A retórica de Pierre Fontanier é a última a apresentar este esquema taxionômico através do modelo tropológico na sua plenitude. E Paul Ricoeur busca explicitar que o isolamento exagerado da metáfora como nome na teoria da significação, transforma a metáfora num ornamento decorativo sem nenhuma significação nova, confinando a retórica na arte de agradar e sufocando o potencial de sentido contido na admirável definição inicial da metáfora.

Paul Ricoeur poderia dar por superada a concepção da metáfora no nível da palavra, pois a retórica clássica desemboca numa taxonomia e tem fim. Mas não é o que pretende, sua crítica não é demolidora. Até porque, a definição aristotélica de metáfora, segundo Ricoeur, como transferência do nome não é errada. A palavra continua a ser a portadora do efeito de sentido metafórico; e para provar, ele dá continuidade a sua análise da metáfora ao nível ainda da palavra, com a obra de Stephen Ullmann, influenciado pela linguística saussuriana e com o estruturalismo francês da *Nova Retórica*.

A semântica de Stephen Ullmann afirma que das quatro unidades de base linguística (fonema, morfema, palavra e locução), é a palavra que define o nível lexical da linguística e, neste nível, a semântica propriamente dita. No centro de todas as descrições da semântica histórica de Stephen Ullmann encontra-se o fenômeno-chave da polissemia: para um nome, mais de um sentido; sendo no acréscimo de sentido a um nome, que localizamos o fenômeno da metáfora.

Segundo Ricoeur, se a polissemia é um fato da língua, do sistema, é por isso, sincrônico, a mudança de sentido da metáfora, como fato da fala, é diacrônica. Logo, a metáfora, na qualidade de mudança de sentido, é diacrônica, e na qualidade de desvio, é sincrônica. Sendo a inovação a principal característica da metáfora, estamos ainda na explicação no nível da palavra.

No estruturalismo francês da *Nova Retórica*, ainda a figura é um conceito forte, sendo o tropo uma espécie de desvio no nível da palavra. A noção de desvio, isto é, violação sistemática do código da linguagem, é completada por Jean Cohen com a noção de redução de desvio. Assim a metáfora não é o próprio desvio, mas a redução de desvio. É o caso, por exemplo, da frase de Mallarmé, que cita Ricoeur: “o céu está morto”. Neste exemplo há uma impertinência semântica, pois, o predicado “está morto” só pode aplicar-se a seres vivos. Assim, a metáfora não é o desvio, mas a redução do desvio; isto é, a metáfora aparece quando se reduz o desvio mudando o sentido de uma das palavras; ou seja, Ricoeur concebe que a transformação que opera ao nível de cada elemento do discurso, de cada palavra, mantém a inovação semântica da metáfora no nível lexical, o que em última instância significa que permanecemos na tradição retórica do tropo de uma única palavra.

No Capítulo III – *A frase enquanto unidade metafórica* – nos centramos naqueles Estudos (III e VII) de Ricoeur que privilegiavam a unidade linguística: frase. Para ele, o ponto de vista semântico e o ponto de vista retórico só começam a diferenciar-se quando a metáfora é colocada no quadro da frase e tratada como um caso não mais de denominação desviante, mas de predicação impertinente.

Ricoeur ao fazer a passagem da semiótica à semântica resgata uma experiência mais compreensiva da linguagem e supera a antinomia da língua e da fala, seguindo o caminho aberto por E. Benveniste que distingue na linguagem duas dimensões; essas dimensões situam níveis diferenciados, a semântica tem como unidade do discurso a frase, e a semiótica a

palavra. É preciso ressaltar que ambas as dimensões de análises são válidas sendo irreduzíveis, refletem lugares hierárquicos diversos. No entanto, para Benveniste é a semântica, a ciência da frase, que se refere diretamente ao conceito de significação; pois, se o signo é virtual, a frase ou enunciado é um genuíno evento da fala, isto é, compõe-se de signos, mas em si mesma não é um signo. O que significa abandonar a unidade semiótica que tem como referência o universo fechado das relações de dependência mútua entre os signos e aceder a frase que nos possibilita “o dizer”, isto é, pela linguagem direcionar-nos à realidade.

Nesta direção de compreensão da linguagem, segundo Ricoeur, estão: I. A. Richards, Max Black e Monroe Beardsley, que se inserem na escola de filosofia analítica anglo-saxônica. Os três trabalham com pontos de vistas diferentes, mas podem ser postos sob a marca da semântica da frase. Eles sustentam uma nova compreensão da metáfora, desenvolvendo o estudo da mesma como enunciação e fundamentando-a não na linguística, mas na lógica proposicional dentro do esquema de predicção.

Para Ricoeur, a análise de I. A. Richards na “Filosofia da Retórica” volta-se contra a distinção cardeal em retórica clássica entre sentido próprio e sentido *figurado*, revertendo a relação de prioridade entre a palavra e a frase. As palavras não têm significação própria dentro da língua; elas não possuem nenhum sentido em si mesmo; somente no discurso tomado como um todo, isto é, na interação dos contextos de fala, é que a palavra transmite o sentido de maneira indivisa. Por isso, é o discurso o portador do sentido das palavras.

E a metáfora para I. A. Richards aparece como tal no contexto da frase. Ela é uma palavra ou uma expressão simples que mantém dois significados diferentes, mas simultaneamente ativos, uma significação resultante da interação. Dois pensamentos estão entre si como uma ideia que aparece em primeiro lugar e uma ideia subjacente que aparece por meio da primeira. Por isso, propôs denominar “conteúdo” (tenor) a ideia subjacente, e

“veículo” (vehicle) a ideia sob cujo signo a primeira é apreendida. Portanto, a metáfora nasce da interação entre as palavras que compõe a frase.

Max Black, seguindo a mesma linha da filosofia retórica de I. A. Richards, trabalha a questão na metáfora no que ele denomina “Gramática Lógica”. Ele afirma a teoria da interação ao dar primazia à frase. E segundo Ricoeur, a teoria de Black supõe um grande avanço, pois descreve melhor a estrutura do enunciado metafórico.

Para Max Black é o enunciado inteiro que constitui a metáfora, mas a atenção concentra-se em uma palavra particular, cuja presença justifica que se considere todo o enunciado metafórico. A teoria da metáfora de Black isola a palavra metafórica do restante da frase. Ele denomina este fenômeno de *focus*, enquanto o resto da frase é o *frame*, contexto, quadro, marco. Assim, a metáfora é uma frase ou uma expressão do mesmo gênero, na qual certas palavras são empregadas metaforicamente e outras não. Esse traço permite distinguir a metáfora da alegoria, do enigma, do provérbio, nos quais todas as palavras são empregadas metaforicamente.

Na perspectiva de Max Black, a novidade da metáfora é que ela não funciona sobre a significação lexical corrente. Ela é considerada como um filtro ou tela, que evita o sentido lexical e subtrai os sentidos do sistema de lugares comuns associados. É por isso que representa um *insight*.

E por último, Ricoeur considera a crítica literária ou estética de Monroe Beardsley que focaliza a atenção sobre a obra literária e constrói uma definição puramente semântica da literatura, pois esta se apresenta como uma entidade linguística, segundo ele, homogênea à frase: “menor unidade completa de discurso”. Monroe Beardsley, focalizando a atenção sobre a distinção interna à significação, estabelece a diferença entre significação primária e secundária. A primeira é o que a frase “afirma explicitamente”, a segunda, é o que a frase “sugere” implicitamente. Assim sendo, a palavra tem significação em estado isolado, mas

continua a ser uma parte da frase que só se pode definir e compreender em relação à frase real ou possível. Portanto, o significado primário é aquele que recorre às significações lexicais registradas de uma palavra, as que constituem a denotação. Já o significado secundário ou figurado não é um desvio de sentido, mas o sentido construído no enunciado completo, ou seja, a sua conotação. Trata-se de significações inteiramente contextuais. Nesta linha, a metáfora para Beardsley é compreendida como *um poema em miniatura*, o que implica afirmar os núcleos das significações poéticas, que pode igualmente estender da explicação da metáfora para a explicação de entidades mais vastas, tais como o poema inteiro, ou até mesmo uma obra.

Uma metáfora possui uma multiplicidade potencial de conotações. Para Paul Ricoeur, essa contribuição positiva de metáfora é atribuída por Beardsley como uma das técnicas que resultam de uma estratégia geral: sugerir alguma outra coisa do que aquilo que é afirmado. Isso acontece por meio do absurdo lógico, no nível da significação primária, enquanto meio de liberar a significação secundária; ou seja, a metáfora seria uma *construção de* inovação na instância do discurso, onde os significados *secundários* se entrecruzam em uma colisão de distintos campos semânticos. É um traço significativo da linguagem viva poder levar sempre mais longe a fronteira do sem-sentido.

No Capítulo IV – *O discurso enquanto unidade metafórica* – nos centramos naqueles Estudos (VI e VIII) que privilegiam a unidade linguística: discurso. O objetivo foi explicitar os pressupostos filosóficos que sustentaram toda a reflexão da obra “*A Metáfora Viva*”. Segundo Ricoeur, somente a reflexão filosófica, portanto especulativa, pode buscar os postulados da linguagem, principalmente da linguagem de referência metafórica.

Ricoeur elabora a noção de “discursividade”, que admite um pluralismo de modos e de níveis de discursos, reconhecendo a descontinuidade e a independência dos discursos entre si, e em especial a descontinuidade e autonomia do filosófico em relação ao poético.

Cada discurso é diferente e autônomo. O discurso filosófico tem uma característica fundamental, visa o desenvolvimento de uma ontologia explícita, sobre cuja base se podem elaborar e instaurar os modelos de interação entre diferentes modos de discurso. A tarefa do discurso especulativo, no que diz respeito à linguagem metafórica, é articular esse “é” e “não-é” da linguagem poética com os recursos próprios da linguagem especulativa.

Ricoeur defende a descontinuidade entre discurso especulativo e poético com os recursos próprios da linguagem especulativa. E faz isso, expondo três modos errôneos de compreender a conexão entre discurso especulativo e o metafórico.

O primeiro contraexemplo é a filosofia de Aristóteles, especificamente a doutrina da unidade analógica das significações múltiplas do ser, antecessora da doutrina medieval da analogia do ser. Segundo Ricoeur, não há nenhuma passagem direta entre o funcionamento semântico da enunciação metafórica e a doutrina transcendental da analogia. O discurso filosófico, a partir das várias significações do ser, reenvia a um termo primeiro: *ousia*. Que não é o da univocidade de um gênero, nem da equivocidade de uma palavra, muito menos do sentido múltiplo produzido pela enunciação metafórica, mas da plurivocidade que abre o campo especulativo. Isto é, a equivocidade regulada do ser com origem na analogia e a equivocidade poética se movem sobre planos radicalmente distintos.

O segundo contraexemplo Ricoeur extrai da ontoteologia de Tomás de Aquino, que elabora a partir da interpretação aristotélica, a doutrina da *analogia entis* (analogia do ente). Para responder como é possível, a partir da analogia, nomearmos a Deus, se a noção de ser é equívoca? Ou melhor, como é possível o discurso comum a Deus e às criaturas? Segundo Ricoeur, Tomás responde com a alteração do conceito de analogia, fazendo novas distinções. Tomás afirma o ser como ato, *actus essendi*. Ao invés de semelhança da cópia com o modelo, a causalidade é a comunicação de um ato. Isto é, Deus como ato é origem e causa de tudo quanto é participado. Tudo o que é, tem a sua origem em Deus, que comunica o ser a todos os

entes no ato criador. Por isso, a causalidade criadora é eficiente, não como algo externo aos entes, mas como princípio imanente a todos eles. Deus como ato é a primeira atualização da essência que determina seu aparecer ontológico, assim como sua manutenção no ser.

A pretensão analógica é conceitual, move-se no nível dos nomes e predicados, mas sua condição de possibilidade encontra-se na própria comunicação do ser. Ricoeur pensa que o valor da *analogia entis* reside em que, por ela, uma parcela de equivocidade é arrancada do discurso poético e incorporada ao discurso filosófico visando pensar a ser. Porém, justamente por ser especulativo e transcendental, a *analogia entis* fica ligada a uma metafísica. O esforço de Tomás de Aquino em buscar um conceito estabelece sempre a diferença entre metáfora e analogia, não se comprometendo com o discurso poético.

O terceiro contraexemplo, Ricoeur encontra em Heidegger, para quem, o metafórico só existe no interior da metafísica. Na perspectiva de Ricoeur, o uso constante que Heidegger faz da metáfora tem mais importância do que o que diz incidentalmente contra ela; além disso, a crítica heideggeriana à metafísica e à metáfora acaba por reforçar os limites da crítica. Pois o filósofo alemão se vale de metáforas, que no caso não são poéticas, mas filosóficas, isto é, produzidas pelo próprio discurso filosófico. Assim, o discurso especulativo e poético são dois modos diferentes de discursos, que se aproximam e se diferenciam no uso que fazem da metáfora. Ricoeur também propôs uma teoria geral das intersecções entre as esferas de discurso. Segundo ele, a própria referência da enunciação metafórica é uma referência duplicada, o que dá acesso à visão dinâmica da realidade que é a ontologia implícita.

A última tarefa de Ricoeur n'A *Metáfora Viva* foi demonstrar que o discurso especulativo faz a passagem à ontologia explícita, pois a estrutura do sentido do enunciado metafórico demanda o postulado da referência, e tal demanda é inseparável da passagem ao conceito. A ontologia explícita não pode ser um discurso metafórico, mas um discurso

conceitual. E a ordem conceitual é capaz de libertar-se do jogo da dupla significação, portanto, do dinamismo característico da ordem metafórica.

A interação e a intersecção do discurso especulativo e do discurso metafórico acontecem na *interpretação como* a “obra do conceito”. Segundo Ricoeur, a interpretação poder ser redutora, quando o metafórico é destruído pelo conceito; ou hermenêutica, quando é preservada ao mesmo tempo à noção de conceito e à de experiência constituinte que procura dizer-se em um modo metafórico. Portanto, é a hermenêutica que explicita e compreende a ontologia que subjaz à metáfora, em seu poder de referir-se a realidade, de referir-se ao ser. Cabe ao discurso filosófico hermenêutico a busca da explicitação ontológica do postulado da referência duplicada. Ou seja, é o discurso especulativo que pode responder ao paradoxo da cópula do *ser-como* (ser e não-ser) da enunciação metafórica. E, neste ponto, Ricoeur recorre a Aristóteles, para quem as palavras evidenciam quando “significam as coisas em ato”.

É tarefa do discurso especulativo pensar a concepção que o discurso poético oferece. Se o discurso poético trabalha com as tensões semânticas que termina na implícita ontologia do ser e não-ser, que é o ser-como. É o discurso especulativo capaz como instância crítica, de conquistar o espaço ao refletir e ordenar o discurso poético na riqueza do pensar conceitual.

Por fim, reafirmamos que este trabalho tem um caráter provisório. É o resultado do que pudemos realizar nesses dois anos e meio de investigação. Isso não quer ser um consolo, ou uma desculpa, mas a tomada de consciência dos limites, limites esses que nos impulsionam a querer dar um passo a mais. Afinal, há uma infinidade de leituras pendentes que necessitam de tempo para um amadurecimento pessoal. Por isso, estamos conscientes, de que o que aqui escrevemos, é um exercício e uma promessa de um querer ir mais além.

Referências Bibliográficas

1. Obras de Paul Ricoeur – Fontes³²³

RICOEUR, Paul et DUFRENNE, Mikel, *Karl Jaspers et la Philosophie de L Existence*, Paris: Seuil, 1947.

RICOEUR, Paul. *Gabriel Marcel et Karl Jaspers, Philosophie du Mystère et Philosophie du Paradoxe*, Paris: Temps Présent, 1947.

_____, *Philosophie de la Volonté I. Le volontaire y l'involontaire*, Paris: Aubier, 1988.

_____, *Philosophie de la Volonté II. Finitude et culpabilité*, Paris: Aubier, 1988.

_____, *L'Homme Faillible. In: Philosophie de la Volonté II. Finitude et Culpabilité*, Paris: Aubier, 1988. *Finitud y culpabilidad*, Madrid: Taurus, 1982. (Utilizada neste trabalho a versão traduzida para o espanhol).

_____, *De l'Interprétation: Essai sur Freud*, Paris: Éditions du Seuil, 1965. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Utilizada neste trabalho a versão em português).

_____, *História e Verdade*, Rio de Janeiro: Forense, 1968.

_____, *Le Conflit des Interprétations: Éssais d'hermeneutique I*, Paris : Éditions du Seuil, 1969. *O Conflito das Interpretações. Ensaios de Hermenêutica*, Rio de Janeiro: Imago, 1978. (Utilizada neste trabalho a versão em português).

_____, *La métaphore et le problème central de l herméneutique*, *Revue Philosophique de Louvain*, 70 (1972) p. 92-112. “La Metáfora y el Problema Central de la Hermenéutica”, em: RICOEUR, Paul, *Hermenéutica y Acción*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, pp. 39-56. (Utilizada neste trabalho a versão em castelhano).

_____, *La Métaphore Vive*, Paris: Éditions du Seuil, 1975. *A Metáfora Viva*, São Paulo: Loyola, 2000. (Utilizada neste trabalho a versão em português).

_____, *Interpretação e Ideologias*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____, *Interpretation Theory: Discourse and the Surplus of Meaning*, Fort Worth: The Texas University Press, 1976. *Teoria da Interpretação. O Discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Ed. 70, 1976.

_____, *Le Discours de l'Action*, Paris: Press du CNRS, 1977. *O Discurso da Ação*, Lisboa: Ed. 70, 1977.

_____, *Temps et Récit*, Tome 1, Paris: Éditions du Seuil, 1983. *Tempo e narrativa*. Tomo 1. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

³²³ Em Negrito as obras principais para a realização deste trabalho.

_____, *Temps et Récit*. Tome 2, Paris: Éditions du Seuil, 1984. *Tempo e narrativa*. Tomo 2, Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

_____, *Temps et Récit*. Tome 3, Paris: Éditions du Seuil, 1985. *Tempo e narrativa*. Tomo 3, Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

_____, *Du Texte à l'Action. Essais d'Herméneutique II*, Paris: Éditions du Seuil, 1986. *Do texto à acção. Ensaaios de Hermenêutica II*, Porto: Rés Editora, 1989.

_____, *Soi-même comme un autre*, Paris: Éditions du Seuil, 1990. *O Si mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

_____, *Lectures 1. Autour du politique*, Paris: Éditions du Seuil, 1991. *Leituras 1. Em torno ao político*, São Paulo: Loyola, 1995.

_____, *Lectures 2. La Contrée des Philosophes*, Paris: Éditions du Seuil, 1992. *Leituras 2. A Região dos Filósofos*, São Paulo: Loyola, 1996.

_____, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*, Paris: Éditions du Seuil, 1992. *Leituras 3. Nas fronteiras da filosofia*, São Paulo: Loyola, 1996.

_____, “O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento”, Em: **SACKS, Sheldon (org.), *Da metáfora*, São Paulo, EDUC, 1992, p. 143-160.**

_____, *La Critique et la Conviction*, Paris: Ed. Calmann. Levy, 1995. *A Crítica e a Convicção*, Lisboa: ed. 70, 1997. (Utilizada neste trabalho a versão em português).

_____, *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*, Paris: Ed. Esprit, 1995. *Da metafísica à moral*, Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 45-136. (Utilizamos neste trabalho a versão em português).

_____, *La Mémoire, L'Histoire, L'oubli*, Paris: Éditions du Seuil, 2000.

2. Obras Sobre Paul Ricoeur e sua obra – Estudos

AGÍS VILLAVARDE, Marcelino, *Del Símbolo a la Metáfora, Introducción a la filosofía hermenéutica de Paul Ricoeur*, Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico Universidade de Santiago de Compostela, 1995.

_____, *Paul Ricoeur, a força da razão compartilhada*, Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____, *Paul Ricoeur en perspectiva: evolución y etapas de su pensamiento*, *Ágora Papeles de Filosofía*. Vol. 25 n 2 (2006), 25-44.

CASTRO, Maria Gabriela Azevedo e, *Imaginação em Paul Ricoeur*, Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

CÉSAR, Constância Marcondes (org.), *Paul Ricoeur. Ensaaios*, São Paulo: Paulus, 1998.

CHIODI, Maurizio. *Il Cammino della Libertà: fenomenologia, ermeneutica, ontologia della liberta nella ricerca filosofica di Paul Ricoeur*, Roma: Morcelliana, 1990.

CLARK, Stephen H. *The Hermeneutic Turn in Paul Ricoeur*, London: Routledge, 1990.

CORREIA, Carlos João, *Ricoeur e a Expressão Simbólica do Sentido*, Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

DOSSE, François, *Paul Ricoeur. Les sens d'une vie*, Paris: La Découverte, 1997.

FRANCO, Sergio Gouveia, *Hermenêutica e Psicanálise na Obra de Ricoeur*, São Paulo: Loyola, 1995.

GANHO, M. L. S. *Paul Ricoeur e Gabriel Marcel*. Revista Portuguesa de Filosofia, v. 56. tomo LVI, jan./fev., 2000, p. 165-173.

GENTIL, Hélio Salles Gentil, *Para uma poética da modernidade, uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*, São Paulo: Loyola, 2004.

GREISCH, Jean, e KEARNEY, Richard, *Les Métamorphoses de la Raison Herméneutique*, Actes du Colloque de Cerisy-la-Salle, Paris: CERF, 1991.

GREISCH, Jean, *Paul Ricoeur. L'itinérance du Sens*, Grenoble: Jérôme Millon, 2001.

JERVOLINO, Domenico, *Paul Ricoeur. Une herméneutique de la condition humaine*, Paris: Ellipses, 2002.

HAHN, Lewis Edwin (ed.), *The Philosophy of Paul Ricoeur*, Chicago, Illinois: Open Court, 1995.

HENRIQUES, Fernanda (coord.), *A Filosofia de Paul Ricoeur*, Coimbra: Ariadne, 2006.

MAGALHÃES, Tereza Calvet, *Tempo e Narração: a proposta de uma poética da narração em Ricoeur*, Síntese (1987) 39, p. 25-36.

MARTÍNEZ. Tomaz Calvo e CRESPO, Remedios Ávila (Eds.), *Paul Ricoeur, Los Caminos de la Interpretación*, Symposium Internacional sobre el Pensamiento Filosófico de Paul Ricoeur, Barcelona: Anthropos, 1991.

MONGIN, Olivier, *Paul Ricoeur*, Paris: Éditions du Seuil, 1988. *Paul Ricoeur as fronteiras da filosofia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. (Utilizada neste trabalho a versão em português).

PELLAUER, David, *Compreender Ricoeur*, Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

PENA MOURIZ, José, *La Metáfora en la obra de Paul Ricoeur*, Santiago de Compostela: Editorial Sanú, 2010.

PORTOCARRERO, Maria Luísa, *Horizontes da Hermenêutica em Paul Ricoeur*, Coimbra: Ariadne, 2005.

REAGAN, Charles, *Paul Ricoeur. His life and his work*, Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

RENAUD, M. “Fenomenologia e hermenêutica. O projeto filosófico de Paul Ricoeur”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo XLVI (1985), n 4, p. 410-412.

REZENDE, Emílio César Pereira, *A constituição originária da linguagem e do ser: uma expansão ontológica da tese de Ricoeur em A Metáfora Viva*, Belo Horizonte Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

VANSINA, Frans D., *Paul Ricoeur: bibliografia primaire et secondaire, 1935-2000*, Leuven: Leuven University Press, 2000.

VVAA. *Lecturas de Paul Ricoeur*, Madrid: Publicaciones de la Universidad Pontificia de Comillas, 1998.

3. Bibliografia Passiva – Geral

ARISTÓTELES, *La Métaphysique*, 2 vols. Trad. fr. et commentaire J. Tricot, Paris, Vrin, 1953.

_____, *Poétique*, Trad. Fr. Hardy, Paris: Éd. Des Belles Lettres, 1969. *Poética*, São Paulo: Col. Pensadores, Nova Cultural, 1996.

_____, *Rhétorique*, R. I, II. Trad. Fr. Dufour, Paris: Éd. Des Belles Lettres, 1961. *Retórica*, Lisboa: I.N.C.M., 1998.

AUSTIN, John, *How to do things with words*, Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1994. *Quando dizer é fazer*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1962.

BARTHES, Roland, *O rumor da língua*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEARDSLEE, Willian, *Literary criticism of the New Testament*, Filadélfia: Fortress Press, 1970.

BEARDSLEY, Monroe, *Aesthetics*, New York/Harcourt: Brace & World, 1958.

BENVENISTE, Émile, *Problème de linguistique générale*, Tome 1. Paris: Galimard, 1996. *Problemas de lingüística geral I*, Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.

BLACK, Max, *Models and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1962. *Modelos y metáforas*, Madrid: Editorial Tecnos, 1996.

BONOMI, Andrea, *Fenomenologia e estruturalismo*, São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRÉAL, Michel, *Essai de Sémantique, science des significations*, Paris: Hachette, 1911.

CASSIRER, Ernest, *Linguagem e mito*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

- COHEN, Jean, *Structure du Langage Poétique*, Paris: Flammarion, 1966. *Estrutura da Linguagem Poética*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.
- DALBIEZ, Roland, *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, Paris: Desclée de Brower, 1936. *O método psicanalítico e a doutrina freudiana*, Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- DARMESTER, Arsène, *La Vie des mots étudiés dans leurs significations*, Paris: Delagrave, 1887.
- DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e linguística*, São Paulo: Cultrix, 1970.
- DURANTI, Alessandro e GOODWIN, Charles, *Rethinking context. Language as an interactive Phenomenon*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ELIADE, Mircea, *Mito e Realidade*, São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FILIPAK, Francisco, *Teoria da Metáfora*, Curitiba: HDV, 1983.
- FONTANIER, Pierre, *Les figures du Discours*, Paris: Flammarion, 1968.
- FRYE, NORTHOF, *Le Grand Code. Bible et Littérature I*, Paris: Seuil, 1984.
_____, *La Parole Souveraine. Bible et Littérature II*, Paris: Seuil, 1994.
- GADAMER, Hans Georg, *Verdade e Método*, Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOMBOCZ, Zoltàn. *Jelenstéstan*, Pécs, 1926.
- GROUPE μ (J. Dubois, F. Edeline, J. M. Klinkenberg, P. Minguet, F. Pire, H. Trinon), *Rhétorique Générale*, Centre d'Études Poétiques, Université de Liège, Paris: Larousse, 1972.
- HEIDEGGER, Martin, *Sobre a essência do fundamento*, São Paulo: Nova Cultural, 1989.
_____, *Sobre a Essência da Verdade, A Tese de Kant sobre o Ser*, São Paulo: Duas Cidades, 1970.
_____, *Identität und Differenz*. Pfullingen, Neske, 1957. *Identidade e diferença*, São Paulo, Abril, 1973.
_____, *Ser e tempo*, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- HJELMSLEV, Louis, *Prolegomena to a Theory of Language*, The University of Wisconsin Press, 1961.
- HUSSERL, Edmund, *Investigações Lógicas VI*, Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- JAKOBSON, Roman, *Linguística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, 1970.
- KEMPSON, Ruth, *Teoria semântica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- LADRIÈRE, Jean, "Discours théologique et symbole", *Revue des Sciences Religieuses*, Strasbourg, 49 (1-2) 1975, 120-141.

- LAKOFF, Georg & Johnson, Mark, *Metaphors we live by*, Chicago and London: the University of Chicago Press, 1980.
- LE GUERNE, Michel, *Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*, Paris: Larousse, 1973.
- LEVI-STRAUSS, Claude, *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989.
- MAC CORMAC, Earl R, *A cognitive theory of metaphor*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.
- MIGUENS, Sofia, “Metáfora”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Série de Filosofia, nº18, 2002.
- NABERT, Jean, *Le Désir de Dieu*, Paris: CERF, 1996.
 _____, *Essai sur le mal*, Paris: CERF, 1997.
- NOTH, Winfrid, *Panorama da semiótica de Platão a Peirce*, São Paulo: Annablume, 1998.
- OGDEN, Charles Kay e RICHARDS, Ivor Armstrong, *The Meaning of Meaning*, London: Routledge and Kegan Paul, 1923. *O significado de significado*, Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- POTTIER, Bernard, *Linguística Geral: Teoria e Descrição*, Rio de Janeiro: Presença Universitária Santa Úrsula, 1978.
- RAMSEY, Ian, *Religious Language. An empirical placing of theological phrases*, London, 1957.
- RICHARDS, Ivor Armstrong, *The Philosophy of Rhetoric*, Oxford, Oxford University Press, 1971. *La Filosofia della retorica*, Milão: Feltrinelli, 1967.
- ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro, *Problemática do Estruturalismo: linguagem, estrutura, conhecimento*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.
 _____, “Hermenêutica e Estruturalismo”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, (1990) 46, pp. 87-124.
 _____, “De la función semiológica a la semántica: Lévi-Strauss y Ricoeur”, *Anthropos* (nº especial sobre P. Ricoeur), Barcelona, nº 181, 1998, pp. 86-91.
- SAPIR, Edward, *Le langage*, Paris: Payot, 1970.
- SARDINHA, Tony Berber, *Metáfora*, São Paulo: Parábola, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand, *Cours de Linguistique Générale*, Paris: Payot, 1969. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCLEIERMACHER, Friedrich, *Hermenêutica. arte e técnica da interpretação*, Petrópolis: Vozes, 1999.
- SEARLE, John, *Os atos da fala*, Coimbra: Almedine, 1981.

SILESIUS, Angelus, *Dísticos d'O Peregrino Querubínico, Discurso*, São Paulo, 2001.

ULLMANN, Stephen, *The Principles of Semantics*, Glasgow: Glasgow University Publication, 1951.

_____, *Précis de Sémantique française*, Berne: A.Francke, 1952.

_____, *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning*, Oxford: Blackwell, 1967.

A semântica. Uma introdução à ciência do significado, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

STERN, Gustaf, *Meaning and Change of Meaning, with Special Reference to the English Language*, Indiana University Press, 1968.

TURBAYNE, Colin Murray, *El mito de la metáfora*, México: Fondo de cultura Económica, 1974.

TODOROV, Tzvetan, *Tropes et Figures*, Paris, Larousse, 1967.

VUILLEMIN, Jules, *De la logique à la théologie, cinq études sur Aristote*, Paris: Flammarion, 1967.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*, Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.